

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA
CULTURA**

MARCELO JUNIO SILVA

RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA. A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA BÍBLICA
DOMINICAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL COMO UM SENTIDO
PARA A VIDA.

São Paulo

2023

MARCELO JUNIO SILVA

RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA. A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA BÍBLICA
DOMINICAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL COMO UM SENTIDO
PARA A VIDA.

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação, Arte e História
da Cultura como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação,
Arte e História da Cultura.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Marili Moreira da Silva Vieira

São Paulo

2023

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586r	<p>Silva, Marcelo Junio. RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA. A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL COMO UM SENTIDO PARA A VIDA. : [recurso eletrônico] / Marcelo Junio Silva. 1638 KB ; il.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dr^a. Marli Moreira da Silva Vieira Vieira. Referências Bibliográficas: f. 115-121.</p> <p>1. Escola Bíblica Dominical. 2. Educação. 3. Identidade E Sentido Para A Vida.. I. Vieira, Dr^a. Marli Moreira da Silva Vieira, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Marcela Da Silva Matos - CRB 8/10691

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Marcelo Junio Silva

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Arte e História da Cultura

Título do Trabalho: Religião, Educação e Cultura. A participação da Escola Bíblica Dominical na formação da identidade social como um sentido para a vida.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

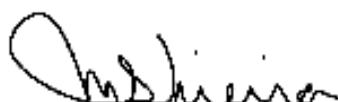
Marcelo Junio Silva

Religião, Educação e Cultura. A participação da Escola Bíblica Dominical na formação da identidade social como um sentido para a vida.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura na área de concentração de Formação do educador para a interdisciplinaridade da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2023

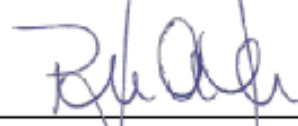
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marili Moreira da Silva Vieira
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)



Profa. Dra. Suzana Ramos Coutinho
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)



Profa. Dr. Patrick Vieira Ferreira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de construir; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de deixar de abraçar; tempo de procurar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de jogar fora; tempo de rasgar e tempo de costurar; tempo de ficar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz.

Eclesiastes 3.1-8

“Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós”.

Victor Frankl

Agradecimentos

De certa forma, o ato de tecer agradecimentos é uma tarefa ingrata porque sempre nos sentimos devedores, afinal de contas passamos pela vida enquanto ela passa por nós, através de vivências e experiências que contribuem para nossas escolhas e formação. Contudo, uma coisa é certa, precisamos sempre estar atentos às mãos soberanas do tecelão que conduz o processo de uma forma linda e brilhante, o Senhor do Universo.

Por isso, em primeiro lugar e acima de tudo agradeço a Deus em Cristo Jesus meu Senhor, “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre. Amém!” (Romanos 11.36).

Agradeço também à minha esposa Thaís pelo apoio e compreensão, seu espírito crítico, ao mesmo tempo suave como uma brisa me inspira a continuar estudando. Deus seja louvado por sua vida.

À minha mãe e avó, minhas primeiras professoras, com vocês aprendi e ainda aprendo o que não se encontra nos livros.

Ao Rev. Ismael Elias da Silva. Seu apoio e encorajamento foram fundamentais para o ingresso no ministério pastoral, bem como a continuação dos estudos. Sua vida é um exemplo para mim e para todos que estão a sua volta.

Ao conselho da Igreja Presbiteriana de Varginha/MG, onde iniciei os estudos no mestrado e ao conselho da Igreja Presbiteriana de Rio do Sul/SC, onde estou terminando esta dissertação.

Aos meus colegas e professores do programa de mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, foi muito bom caminhar com vocês.

Não poderia deixar de agradecer minha orientadora, Prof. Dra. Marili Moreira da Silva Vieira. Louvo ao Senhor pela dedicação com que ensina, e peço por mais professores como você que ensina o que aprende, e aprende o que ensina.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar a participação da EBD na formação cultural, educacional e no movimento identitário dos indivíduos. Apresentamos, portanto, um relato histórico do surgimento e desenvolvimento desse espaço de educação e buscamos identificar elementos da EBD que interagem na formação identitária do indivíduo, participam de sua formação cultural bem como a percepção das pessoas em sua experiência com a EBD sobre o sentido que isso teve ou tem em suas vidas. Desta forma trabalhamos com alguns referenciais teóricos na área da sociologia como Claude Dubar (2005), Berger e Luckmann (2004); na área da psicologia utilizamos a obra de Viktor Frankl que trabalha o conceito de sentido da vida. Para a investigação, os dados foram produzidos por meio de narrativas de vida como sugere Clandinin e Connelly (2011), de seis participantes que escreveram sobre suas experiências com a Escola Bíblica Dominical. Os dados produzidos foram analisados buscando identificar as categorias que surgiam nas narrativas a partir do cotejamento com o referencial teórico. Nossa hipótese da participação da EBD na formação da identidade foi confirmada à medida que, conversando com alguns autores das respectivas áreas foram se revelando categorias como pertencimento, princípios e valores, desenvolvimento pessoal, entre outras que atuam na formação identitária.

Palavras-chave: Escola Bíblica Dominical, educação, identidade e sentido para a vida.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo investigar la participación de EBD en la formación cultural y educativa y en el movimiento identitario de los individuos. Por lo tanto, presentamos un relato histórico del surgimiento y desarrollo de este espacio educativo y buscamos identificar elementos de la EBD que interactúan en la formación de la identidad del individuo, participan en su formación cultural así como en la percepción de las personas en su experiencia con la EBD. sobre el significado que eso tuvo o tiene en sus vidas. De esta forma, trabajamos con algunos referentes teóricos en el campo de la sociología como Claude Dubar (2005), Berger y Luckmann (2004); en el área de la psicología se utilizó el trabajo de Viktor Frankl quien trabaja sobre el concepto del sentido de la vida. Para la investigación, los datos fueron producidos a través de relatos de vida como lo sugieren Clandinin y Connelly (2011), de seis participantes que escribieron sobre sus experiencias con la Escuela Bíblica Dominical. Los datos producidos fueron analizados considerando buscando identificar las categorías que aparecían en las narraciones a partir de la comparación con el referencial teórico. Nuestra hipótesis de la participación de EBD en la formación de la identidad se confirmó ya que, conversando con algunos autores de las respectivas áreas, se revelaron categorías como pertenencia, principios y valores, desarrollo personal, entre otras, que actúan en la formación de la identidad.

Palabras clave: Escuela Bíblica Dominical, educación, identidad y sentido de vida.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Artigos, dissertações e teses.....	16
Quadro 2	Estrutura de funcionamento da EBD 1.....	45
Quadro 3	Estrutura de funcionamento da EBD 2.....	45
Quadro 4	Comparação da ética secular e cristã por Hans Ulrich Reifler.....	77
Quadro 5	Dados de pesquisa.....	89
Quadro 6	Dados de pesquisa.....	91
Quadro 7	Análise de histórias.....	107

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Revistas da editora Cultura Cristã.....	73
Imagem 2	Revistas da editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus.....	74
Imagem 3	Revistas da editora Cristã Evangélica.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
OBJETIVOS	13
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
CAPÍTULO 1	25
EDUCAÇÃO FORMAL NÃO ESCOLAR E A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL.....	25
1.1 TRABALHANDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO.....	25
1.2 CONCEITOS DE EDUCAÇÃO INFORMAL, NÃO FORMAL, FORMAL E FORMAL NÃO ESCOLAR.....	30
1.3 BREVE HISTÓRIA DA EBD E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS	36
1.4 POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NA EBD.....	46
IDENTIDADE SOCIAL, SENTIDO DA VIDA E A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL..	53
2.1 QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE SOCIAL.....	57
2.2 A CRISE DE SENTIDO NO MUNDO PLURALISTA	63
2.3 ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL, SEU CURRÍCULO E SEUS OBJETIVOS.....	69
2.4 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO FREQUENTADOR DA EBD	79
CAPÍTULO 3	84
ENCONTRANDO SENTIDO NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL	84
3.1 DISCURSOS QUE REVELAM O SENTIDO DA VIDA NA EBD	87
3.2 ANÁLISE DOS MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS	94
3.2.1 Crises	94
3.2.2 Pertencimento	97
3.2.3 Princípios e valores	99
3.2.4 Memórias afetivas	101
3.2.5 Desenvolvimento pessoal/cognitivo/profissional	104
3.3. ANÁLISE SINTÉTICA DE CADA PARTICIPANTE	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112

INTRODUÇÃO

Religião, cultura e educação, qual a contribuição da escola bíblica dominical na formação da identidade social como um sentido para a vida? Esta pergunta parte do pressuposto de que a escola bíblica dominical - ou EBD como passamos a citar - como espaço de educação, é um ambiente com possibilidades educativas significativas.

A princípio, trabalhamos a EBD como um espaço de educação não formal, contudo, à medida que as pesquisas se desenvolveram, percebemos a possibilidade de trabalhar com a ideia de educação formal não escolar. Este espaço, conforme veremos, proporciona o debate sobre cultura, pertencimento, educação, entre outros elementos que fornecem subsídios na construção da identidade social como sentido para vida.

A ideia de pensar na EBD como espaço de educação não formal começou quando estava cursando a licenciatura em pedagogia e me deparei com a disciplina “Pedagogia em Ambientes não Escolares”, na qual tive o conhecimento dos espaços de educação não formal presentes na sociedade. Contudo, o conteúdo abordado em relação às igrejas era muito superficial, sendo essas instituições lugares onde também acontece esse tipo de educação. Em virtude disso, atentei-me para o fato de que, aqueles que estão fora de uma instituição eclesial pouco sabem sobre a EBD e sua estreita relação histórica com a educação.

Nesse sentido, buscamos inicialmente relacionar nesse trabalho a EBD como um espaço de educação não formal, trazendo assim, suas contribuições para o desenvolvimento integral dos indivíduos que dela participam. O termo integral no presente trabalho é utilizado considerando o ser humano em sua totalidade, corpo, alma, mente, sentimentos, emoções, relações sociais, etc. Contudo, à medida que o diálogo avançou verificamos como dito ainda acima que a melhor forma de categorizar seria como um espaço de educação formal não escolar. Esperamos no desenvolvimento da pesquisa explicar melhor essa conclusão.

Na sociedade estão presentes inúmeros espaços de educação, não somente os escolares e “as Diretrizes Curriculares para o curso de pedagogia, a partir de 2006, também expressam em seu texto que os pedagogos devem estar aptos para planejar, executar, coordenar, acompanhar e avaliar projetos e experiências educativas não escolares” (MOURÃO; MACIEL, 2012, p.17). Daí surge a necessidade de se conhecer tais lugares e despertar a atenção dos profissionais da educação para essa realidade.

Dada a complexidade do assunto envolvendo os termos ora levantados, compreendemos haver uma necessidade de apresentar os conceitos de educação informal, formal e não formal devido estreita relação que há entre eles que, por vezes é mal-entendida ou como disse Maria da Glória Gonh (2010, p.22), “usualmente são definidos por aquilo que não são, ao invés de apresentarem aquilo que são”. A autora afirma ainda que a “educação não formal não é vista pela mídia nem pelo senso comum como educação por não se tratar de processos escolarizáveis” (GONH, 2010, p.34).

Entendemos que a EBD também seja alvo desta mesma visão distorcida por estar inserida dentro de uma instituição religiosa, e desta forma perde a sociedade um importante espaço para atuação do pedagogo ou da pedagoga na preparação e execução de projetos, bem como um espaço de pesquisas com possibilidades variadas, como veremos. Sobre essa visão distorcida em especial dos movimentos religiosos evangélicos, o jornalista e teólogo Gutierrez Fernandes Siqueira diz em seu mais recente livro, “Quem tem medo dos evangélicos?” que, “É raro o evangélico ser objeto de pauta nos cadernos culturais — muito embora a igreja evangélica seja um celeiro de artistas, especialmente músicos” (SIQUEIRA, 2022, p.25).

Pensando nisso, apresentamos as origens e desenvolvimento dessa instituição que ultrapassou seu bicentenário de existência e desenvolvimento e que ainda desempenha contribuições significativas em nossa sociedade, ensinando, com seu objetivo primeiro a Bíblia; porém, ao fazer isso, trabalhando assuntos atuais e relevantes na sociedade, porque, além de questões específicas do campo da fé, as EBDs têm como foco o crescimento integral de seus participantes.

O surgimento da EBD está ligado a fatores sociais, isso porque sua proposta inicial voltava-se para aqueles que estavam fora da igreja. Seu idealizador, o jornalista Robert Raikes, comprometido com a fé cristã protestante, e movido de grande compaixão pelas crianças que caminhavam rumo à marginalização, como produto de um tempo de extremas mudanças no cenário socioeconômico da Inglaterra no século XVIII, buscou desenvolver um projeto de atendimento aos menos favorecidos, uma escola que funcionaria aos domingos. Ernest H. Hayes (1930)¹ diz que,

[...] o domingo para as massas era um dia de tumultos e embriaguez, ou esportes sangrentos, como brigas de gatos e de touros. Como Raikes começou a trazer moleques esfarrapados para a igreja, as pessoas ficaram espantadas e consternadas. Raikes foi considerado como “louco” (HAYES, 1930, p.46. *apud* SONG, 2010, p.4, tradução nossa).

Raikes obteve êxito no desenvolvimento de seu projeto, beneficiando a sociedade em geral, pois conforme nos conta Armstrong (1994) ele “[...] contratou, por sua conta um professor, que ensinava crianças que trabalhavam nas fábricas durante seis dias da semana e que aos domingos ficavam perambulando pelas ruas” (ARMSTRONG, 1994, p.74). Posteriormente, o projeto ganhou notoriedade a ponto de serem arrecadadas quantias significativas para a construção de escolas dominicais.

Temos aqui um ponto de partida que converge nesse espaço interesses que vão além da perspectiva da fé e, desta forma, buscamos, nas articulações realizadas com autores que já abordaram o assunto, desenvolver uma pesquisa que contemple os aspectos educacionais e sociais deste espaço, pensando nas possibilidades de construção de uma identidade social que forneça sentido para a vida daqueles que passam pelas EBDs.

OBJETIVOS

Trabalhamos com a hipótese da EBD como um ambiente com possibilidades educativas que proporciona o debate sobre cultura, pertencimento, educação, entre

¹ In: Raikes the Pioneer: Founder of Sunday Schools.

outros elementos que fornecem subsídios na construção da identidade social como sentido para vida. Diante disso, nosso objetivo é investigar a participação da EBD na formação cultural, educacional e no movimento identitário dos indivíduos.

Como objetivos específicos, buscamos:

- Descrever a EBD como uma instituição formativa.
- Identificar elementos da EBD que participam dos movimentos identitários do indivíduo.
- Discutir a relação da EBD com a formação cultural do indivíduo.
- Identificar a percepção de adultos que passaram pela EBD sobre o sentido que isso teve para suas vidas.

A escolha pelos adultos se deu pelo fato de terem uma experiência maior na EBD, bem como a possibilidade de perceberem alguma influência em suas escolhas profissionais e pessoais ao longo da vida.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Identidade e sentido são termos apontados por Berger e Luckmann (2004) ao nos mostrar que há uma crise de sentido na modernidade caracterizada pelo pluralismo. Para os autores,

O pluralismo moderno leva a um enorme relativismo dos sistemas de valores e interpretações. Em outras palavras: os antigos sistemas de valores e de interpretação são 'descanonicalizados'. A desorientação do indivíduo e de grupos inteiros por causa disso já é tema principal há muitos anos da crítica da sociedade e da cultura. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.50).

As inquietações dos autores dizem respeito à falta de objetividade em nosso tempo. As perguntas básicas que acompanham a humanidade como: Quem sou? De onde venho? E para onde vou? Não encontram respostas.

Desta forma, Berger e Luckmann (2004, p39) afirmam que "O indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determina o agir nas

diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, para todos” Isso dificulta o indivíduo a se localizar na sociedade, na vida, e por não se localizar ou se identificar surgem daí as crises.

Nosso objetivo não é propor um sentido para a vida, parece-nos que nem o autor dessa teoria se propôs a fazer isso, mas sim mostrar como isso pode ser encontrado em um espaço de educação formal, porém não escolar como a EBD, e pretendemos mostrar essa possibilidade por meio de uma pesquisa narrativa com um questionário previamente elaborado e dirigido a pessoas que tiveram a experiência de passar pela EBD.

No decorrer dessa pesquisa conversamos com alguns autores: Dennyys Cucho, Claude Dubar, Peter L. Berger, Thomas Luckmann, bem como Viktor Frankl, sendo o trabalho deste último um elo entre o espaço trabalhado na pesquisa e as teorias de identidade social em um diálogo mais profundo, considerando que, “ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém” (FRANKL, 1992, p.77). Essa definição de Viktor Frankl já nos coloca na esteira do pensamento sobre o humanizar-se buscando um sentido.

Para corroborar nossa hipótese realizamos uma pesquisa de levantamento bibliográfico em portais eletrônicos de pesquisa como: Portal de Periódicos BDTD, base eletrônica de dados SciELO, indicando os termos correspondentes ao tema proposto da pesquisa para identificar as contribuições teóricas e resultados de outras pesquisas e estudos desenvolvidos sobre a EBD e as questões que envolvem a construção da identidade social, bem como o sentido da vida. O objetivo foi mostrar que este espaço é também uma inquietação de outros pesquisadores em diversos campos do saber.

Portanto, buscamos um diálogo também com essas pesquisas, na tentativa de demonstrar o valor social da EBD como espaço de educação formal não escolar e suas inúmeras possibilidades. Neste trabalho em específico, como um ambiente com potencial de fornecer elementos para a construção identitária dos indivíduos, discentes e docentes.

Apresentamos no Quadro 1 os resultados encontrados no campo assunto:

Quadro 1 – Artigos, dissertações e teses

Palavra-chave	SciELO	Portal BDTD
Escola dominical	x	8
Sentido para/da vida	3	3
Identidade social	5	4
Total	8	15

Fonte: Autor (2022)

Em nossa pesquisa usando os termos, “Escola Bíblica Dominical ou somente escola dominical”, delimitamos os últimos dez anos buscando primeiramente no portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação (BDTD), onde encontramos oito resultados, sendo duas teses e seis dissertações que abordam a escola dominical como espaço de educação não formal (2012) com contribuições para a formação do indivíduo, além de tratar também de questões sobre religião e sexualidade tendo o contexto da Escola dominical como local de pesquisa (2012); a prevenção de HIV/AIDS (2013); letramento religioso dos envolvidos (2020); Escola dominical: história e situação atual (2013), e a educação cristã a partir da Pedagogia de Paulo Freire (2018).

Na base de pesquisas da SciELO não foram encontrados resultados com essas palavras, porém, correspondente ao tema encontrou-se um artigo intitulado de: “Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim: quando o letramento é desenvolvido fora do contexto escolar” (2012). Foram realizadas algumas pesquisas também no repositório institucional do ministério da educação encontrando o seguinte artigo: “Educação Ambiental em Igrejas: a potencialidade da escola bíblica dominical para a formação de valores ambientais em adolescentes” (2020).

Ao pesquisarmos a expressão sentido da vida não delimitamos o campo relacionado ao ano. Obtivemos seis artigos na base de pesquisas Scielo e optamos por utilizar três que equivalem à linha da pesquisa enfatizando o tema sentido da vida como forma de ajuda para o ser humano. Os artigos são: Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional (2009); Sentido de vida na fase adulta e velhice (2010) e Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência (2008).

No portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) encontramos três dissertações dentro de nosso campo de visão estabelecido, que visa a relevância do assunto no mundo acadêmico e sua contribuição para o indivíduo, desta forma relacionamos a práxis com o saber teórico. Os temas encontrados foram: O papel de Deus na cura segundo Viktor Emil Frankl (2010); A experiência religiosa e o sentido da vida no pensamento de Viktor Emil Frankl (2014) e O vazio e a vontade de sentido: uma análise da religiosidade pós-moderna (2010).

Por último, pesquisamos também sobre “Identidade Social”. Na base de pesquisas Scielo selecionamos cinco artigos, a saber: A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise (2003); Para a reconstrução dos conceitos de massa e identidade (2007); Desenvolvimento da identidade em adolescentes estudantes do ensino médio (2009); Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores (2011); Identidade docente e formação continuada: um estudo à luz das teorias de Zygmunt Bauman e Claude Dubar (2020).

O termo identidade social no portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) é muito abrangente, na maioria das vezes relacionado à sexualidade do indivíduo, por isso optamos por pesquisar juntamente termos como: educação, espiritualidade e construção de identidade. Os seguintes trabalhos foram selecionados: A construção de identidade do educador social na sua prática cotidiana: a pluralidade de um sujeito singular (2008); Tornar-se professor em uma escola confessional: um estudo sobre a constituição identitária na perspectiva da

dimensão da espiritualidade (2009); Uma caracterização do conceito de identidade social a partir do paradigma da complexidade (2017); e

As contribuições dos conhecimentos populares, na dimensão da espiritualidade, no processo de formação de professores do Programa de Extensão Tecelendo da UFRB (2019).

Diante dos resultados obtidos percebemos o quanto os temas são recorrentes no universo acadêmico, e com base no que encontramos podemos afirmar nossa hipótese de que a EBD como espaço de educação formal não escolar é um ambiente com possibilidades educativas, proporcionando o debate sobre cultura, pertencimento, educação, entre outros elementos que fornecem subsídios na construção da identidade social e o sentido da vida, começa a ganhar contornos significativos.

Tanto o sentido da vida como identidade social são assuntos recorrentes na academia. Nossa articulação com o tema EBD também está vinculada como um campo de atuação e contribuição para o indivíduo em seu crescimento, buscando ser o diferencial da pesquisa.

Outros trabalhos também foram encontrados, no entanto o critério para decidir quais títulos seriam descartados e quais permaneciam foi a semelhança com este estudo e seus objetivos, pois mesmo utilizando recursos de busca avançada nas bases de dados, muitos trabalhos não correspondem com a área educacional ou até mesmo as palavras-chave buscadas apareciam em contextos diferentes, como é o caso de identidade social que mencionamos acima.

Passamos, portanto, a discorrer sobre os trabalhos encontrados buscando um diálogo com os autores que abordaram temas relacionados com essa pesquisa, e desta forma mostrar a relevância deste trabalho no contexto acadêmico, bem como também usando-os como orientação para nossa pesquisa.

Dos trabalhos que encontramos, em primeiro lugar destacamos a tese de doutorado intitulada de: “[...] Será essa prática de leitura e escrita relacionada aos conhecimentos da Bíblia? [...]”: características e contribuições do letramento

religioso na Escola Bíblica Dominical” de Silva (2020). O autor trabalha fundamentalmente a questão do letramento religioso e litúrgico no contexto da EBD, em específico relacionado a Igrejas Assembleia de Deus.

O autor conclui sua pesquisa observando do ponto de vista pessoal e profissional “as diferentes práticas sociais em torno dos diversos eventos e práticas de letramento, em especial eventos e práticas que, de certo modo, não são muito pesquisados e são de pouco valor social” (SILVA, 2020, p.120). Isto nos faz retomar a questão da visão distorcida sobre ambientes que tenham vínculos religiosos que já mencionamos.

As inquietações que levaram o autor acima a pesquisar o tema partiram da necessidade de compreender o letramento no contexto da EBD como uma prática social onde “... as experiências adquiridas por intermédio do letramento vernacular ou doméstico contribuíram com as habilidades de escrita, leitura e oralidade dos adolescentes” (SILVA, 2020, p.122).

Nesse sentido, o autor constatou a relevância não somente do espaço nesse processo de letramento, mas também daqueles que conduzem as atividades como os professores, pastores ou dirigentes, por meio dos cânticos, mensagens e leituras desenvolvidas dentro e fora como resultado das atividades realizadas, além de observar a interação entre alunos, professores e pais na dinâmica da participação da EBD.

O segundo trabalho abordado de considerável importância também é a dissertação de mestrado intitulada: “Educação Cristã nas Assembleias de Deus: Uma análise da Escola Dominical a partir da Pedagogia de Paulo Freire” de Deus (2018). O autor aqui traça as origens da EBD e seu desenvolvimento ao longo dos tempos, contudo, algo que nos chamou a atenção foi que, além de analisar a EBD a partir de uma perspectiva freireana, é discutida a questão da educação formal e não formal, algo que aproxima a inquietação do autor com nossas pesquisas.

Sobre a perspectiva de Paulo Freire, Deus (2018) diz que:

A prática dialética de escutar, refletir, engajar-se, faz com que a teoria freireana encontre sua necessária dimensão pedagógica

política, tão atual e necessária, tanto nos espaços formais quanto nos espaços não formais de educação cristã, como é a Escola Dominical, pois ambos devem por meio da educação pretender a emancipação de indivíduos e grupos (DEUS, 2018, p. 65).

O autor discorreu ainda sobre a necessidade de formação pedagógica dos professores que lecionam na EBD, levando em consideração as teorias propostas por Paulo Freire que resultariam em uma formação humana nos aspectos cristãos e sociais. Sobre essa formação pedagógica dos professores da EBD não há uma regra que determine, uma vez que aqueles que se dedicam a tal prática fazem-na compreendendo como expressão de sua vocação.

Consideramos ainda a dissertação de Rute Bertoldo Vieira Moraes (2012), intitulada de: Educação não formal e o movimento metodista: uma discussão a partir da escola dominical. Esse trabalho aborda a EBD como espaço de educação não formal, contudo, pensando em sua contribuição para a educação formal.

A autora observa em suas entrevistas que, “A grande maioria dos entrevistados ressaltou a importância da Escola Dominical na formação de seu caráter, tanto pela formação cristã e espiritual, bem como na educação moral e vida social” (MORAES, 2012, p. 65). Essa conclusão a que chegou a autora aproxima-se e corrobora nossa hipótese da função social da EBD.

Além do aspecto próprio da EBD que diz respeito à fé que professam os participantes, tanto os docentes quanto discentes, a questão da contribuição social é muito considerada nos trabalhos que tem a EBD como espaço de pesquisa, isso porque, conforme a autora, a educação recebida por parte dos entrevistados nesse espaço contribuiu para o desenvolvimento da socialização, convivência, segurança e para a escolha profissional.

Há também artigos que abordam temas como ética ambiental ou mesmo prevenção do HIV/AIDS, bem como estudo de caso sobre a presença ou ausência de práticas educacionais voltadas para a sexualidade infantil. Em todos os trabalhos lidos observa-se a preocupação dos pesquisadores em relacionar os benefícios da fé aprendida e desenvolvida no contexto da EBD com a vida do

indivíduo em aspectos diversos da sociedade. Essa preocupação nos fala da importância desse espaço e suas possibilidades educativas.

Sobre o tema “sentido da/para a vida” destacamos em primeiro lugar um artigo na área da psicologia com o seguinte tema: “Atitude Religiosa e Sentido da Vida, Um Estudo Correlacional”. Os autores apontam logo no início que: “Para a logoterapia, a religiosidade não significa necessariamente a opção por uma crença religiosa, mas pode ser uma das possíveis maneiras de o homem encontrar sentido para a vida” (AQUINO *et al.*, 2009, p.2). Destacamos aqui também o que já mencionamos sobre nossa proposta que não é de oferecer um sentido para a vida, mas relacionar esse espaço como um projeto que tem essa possibilidade.

Conforme os autores, a pesquisa foi elaborada usando o “Teste Propósito de Vida (PIL-Test), de James C. Crumbaugh e Leonard T. Maholick, e a Escala de Atitude Religiosa/Espiritualidade, de Aquino”. As considerações finais levaram ao resultado de que, “a atitude religiosa constitui um núcleo importante no modo de ser no mundo das pessoas investigadas nesta pesquisa, proporcionando maior sensação de valor na vida” (AQUINO *et al.*, 2009, p.15). Os resultados obtidos pelos autores conversam com nossos dados que foram levantados na pesquisa narrativa conforme veremos mais à frente.

Um segundo trabalho que nos chamou a atenção por sua relação com a pesquisa em questão é a dissertação de mestrado no programa de Ciências da Religião da PUC de São Paulo com o tema, “O papel de Deus na cura segundo Viktor Emil Frankl” de Machado (2010). Conforme a autora, grande parte das neuroses se dão pelo afastamento do homem de sua religiosidade.

Diz a autora que o “homem moderno aumentou o vazio existencial, pois não encontra o porquê de suas ações, o que pode gerar uma ausência de sentido, característica da neurose noogênica” (MACHADO, 2010, p.8), e ao concluir seu trabalho diz que, “Encontrar um sentido é assumir uma resposta” (MACHADO, 2010, p.79). A questão do sentido tem uma estreita relação com a religiosidade, uma vez que o sentido de religião na perspectiva de Viktor Frankl visa despertar a consciência espiritual do homem que o projeta para a autotranscendência.

Os trabalhos que pesquisamos com o tema sentido para a vida em sua maioria, além de fornecerem base para a pesquisa no universo acadêmico, constituem também fonte de informações e um ponto estreito de contato que dialoga com os três eixos propostos, a saber, um espaço dentro do universo religioso, EBD, a questão da crise de sentido da vida, e a identidade social.

Sobre a identidade social, destacamos em primeiro lugar o artigo, “Identidade docente e formação continuada: um estudo à luz das teorias de Zygmunt Bauman e Claude Dubar”, de Rossi e Hunger (2020), pensando na relação com nossa proposta de observar em especial pessoas que atuam na docência que tiveram uma passagem pela EBD.

No artigo em questão as autoras consideram “as possíveis influências da formação continuada institucionalizada na reflexão e (re) construção identitária de professores”. Bem pontuado pelas autoras em sua pesquisa é a necessidade de condições para fortalecer a identidade docente e a noção de pertença a um grupo específico na sociedade, fatores esses que pretendemos destacar no trabalho.

Consideramos ainda importante para o desenvolvimento desse trabalho a dissertação intitulada de: “Uma caracterização do conceito de identidade social a partir do paradigma da complexidade” defendida no programa de pós-graduação da Universidade Estadual de São Paulo, em 2017. A autora sugere que “a identidade social foi concebida como um complexo processo, dinamicamente estruturado por parâmetros de controle e de ordem, que possibilitam a emergência de padrões informacionais” (FARIA, 2017, p.81).

Destaca-se a importância que a autora vê na questão da complexidade que envolve a formação da identidade social, de maneira que sua pesquisa intencionou “indicar a relevância da investigação inter/multi/transdisciplinar, própria do paradigma da complexidade, para investigar problemas relevantes da contemporaneidade, dentre os quais se destaca o problema da identidade social” (FARIA, 2017, p.82).

A autora se fundamenta na hipótese de que existe algo intrínseco ao ser humano que o motiva à busca por pertencimento, identificação com alguma

organização. Essa perspectiva dialoga também com nossa proposta em ver a EBD como um espaço que fornece ao indivíduo os elementos de pertencimento e identificação.

Por ora, entendemos suficiente o diálogo com esses autores que pensaram e pesquisaram esses três temas que em nossa proposta convergem na EBD. Encontrar esses trabalhos, artigos, dissertações e teses, nos possibilitou maior segurança no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que o caminho tem sido pavimentado pelo esforço de outros pesquisadores, bem como entendemos a relevância do tema na academia ao ver que outros já têm buscado trabalhar nessa linha.

Para trabalhar com os dados produzidos pela pesquisa utilizamos uma análise de narrativas que nos possibilitou identificar categorias de sentido na fala dos participantes. Devido às diferenças existentes entre denominações e confissões evangélicas, o campo da pesquisa foi delimitado à Escola Bíblica pertencente à Igreja Presbiteriana do Brasil.

O trabalho está dividido em três capítulos. Em primeiro lugar discorreremos sobre aspectos gerais da educação, bem como a definição dos conceitos de educação informal, não formal, e formal que nos dará bases para nossa mudança na categorização da EBD como formal não escolar, além de considerar algumas de suas possibilidades educativas. Apresentaremos a EBD portanto como espaço de educação formal não escolar, bem como um breve resumo de sua origem e posterior desenvolvimento até chegar ao Brasil.

No segundo capítulo trabalhamos o conceito de identidade social seguindo a perspectiva de Denny Cuche (1999), bem como Stuart Hall (2006) entre outros teóricos da sociologia, e como se desenvolve no contexto da EBD, qual identidade se constrói nesse espaço e a importância de se pensar essas questões e suas crises caracterizadas pelo pluralismo em que vivemos.

Ainda nesse capítulo veremos a questão do sentido da vida na perspectiva de Viktor Frankl, além de nos apoiar também no trabalho de Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004). Entendemos que o conceito sentido da vida é abordado

em perspectivas diferentes por esses autores. Um trabalha o conceito pela visão da psicologia e o outro pela visão da sociologia. Desta forma buscamos dialogar com esses autores compreendendo que em ambas as perspectivas o indivíduo é o foco na busca de sentido.

Desta forma, a proposta aqui é relacionar os conceitos anteriormente trabalhados buscando convergir na EBD como um espaço de educação formal não escolar, no qual é construída a identidade social capaz de dar sentido para a vida de seus integrantes, seja os docentes ou discentes.

No terceiro capítulo, discutimos os dados produzidos pelas entrevistas realizadas com perguntas previamente elaboradas com o propósito de provocar os entrevistados a produzir uma fala livre, seja escrita ou oral de sua experiência na EBD. Contudo, seguimos a concepção de Clandinin e Connelly (2011) que trabalham com a pesquisa narrativa onde a experiência de vida dos participantes possa nos informar melhor sobre o objetivo desta pesquisa.

Partimos aqui do pressuposto de que a EBD, como um ambiente frequentado por uma diversidade de pessoas em termos de gênero, classe social, faixa etária etc., influencia a formação pessoal e/ou profissional do indivíduo. Nesse sentido, nosso interesse é saber quais seriam essas influências e como são percebidas. A participação implica no compartilhamento da sua experiência com a EBD ao longo de sua vida.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO FORMAL NÃO ESCOLAR E A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Nesse capítulo de abertura apresentamos alguns conceitos que consideramos ser importante sua definição, desde a educação de forma geral, bem como específica que acontece no contexto da EBD, além de buscarmos uma aproximação que exponha os processos educativos neste espaço, considerando ainda uma parte de sua trajetória que teve inicialmente como objetivo atender àqueles que eram de fora do contexto das igrejas, isto é, seu objetivo inicial atendia um projeto social.

Ao mencionar essa questão podemos por um lado, fomentar o resgate desse projeto para aqueles que trabalham com a EBD, e por outro lado mostrar seu potencial como uma agência de educação formal não escolar, possibilitando inclusive pesquisas futuras sobre metodologias, conteúdo, bem como temas sobre a inter/transdisciplinaridade nos processos educacionais.

1.1 TRABALHANDO O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Trabalhar o conceito de educação diz respeito ao processo de desenvolvimento da humanidade, uma vez que educar, conforme veremos, diz respeito à arte de comunicar às novas gerações competências e informações acumuladas ao longo dos tempos. Sabemos que durante um grande período a educação foi concebida dentro do contexto da religião, e na esfera da religiosidade judaico-cristã não foi diferente. Desta forma destacamos abaixo esse conceito buscando uma aproximação da perspectiva cristã de educação.

Importante também apontar a necessidade da educação, uma vez que o homem é um ser educável, faz-se necessário falar sobre a educação em seus aspectos gerais como, origens, formas e abrangência do processo educativo. “A educabilidade do homem é a primeira qualidade apresentada pela ciência

pedagógica” (ARESI, 1980, p.85), nesse sentido é bom que se entenda conforme o Dr. Albino Aresi que,

o animal nasce perfeito e se domestica pelo adestramento. O homem nasce imperfeito e se realiza para a felicidade com a educação. Sem a boa e adequada educação, o homem nunca se realizará. A falta da educação, eis a causa da desumanização (ARESI, 1980, p.13).

Conforme o dicionário Etimológico Nova Fronteira, a palavra educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança” (CUNHA, 1997, p.284). A palavra tem origem no latim “*Educare*”, e tem o sentido de “*criar*”, “*alimentar*”, “*ter cuidado com*”, “*instruir*” (COSTA, 2013, p.30). Seguindo ainda essa perspectiva da educação como algo que busca o desenvolvimento, Aresi (1980) diz que, “Educar, num sentido geral é fazer com que a razão desenvolva harmonicamente as tendências noopsicofísicas do homem” (ARESI, 1980, p.111).

O conjunto dessas definições nos leva ao que diz Maria Lucia de Arruda Aranha sobre o conceito de educação, que supõe o desenvolvimento integral do indivíduo, abrangendo-o em seu todo (ARANHA, 1996), ou, conforme Kant (*apud* Aranha, 1996), “a educação é o processo pelo qual o homem chega a ser homem, ou seja, “o fim da educação é desenvolver em cada indivíduo, toda perfeição de que ele é capaz” (ARANHA, 1996, p.149).

Há uma necessidade contínua em se falar sobre a educação, principalmente em tempos de discussão sobre as formas e o direito de se educar na escola ou fora dela, e por educação podemos falar daquela que recebemos informalmente, bem como também daquela que se desenvolve formalmente nos bancos escolares, ou como defendemos aqui, fora deles também, mas sabendo que nenhuma delas exclui a necessidade de referências que apontem um caminho a seguir, nesse sentido podemos dizer que o exemplo é o melhor meio de educação.

Concorda com isto Paulo Freire, observando que ensinar não é transferir conhecimento, mas é uma ação que precisa ser testemunhada e vivida constantemente (FREIRE, 2000, p.47). Isto não quer dizer que não haja conteúdo

enciclopédico, mas que não se restringe a isto. Conceituando a educação, Aresi (1980) diz que:

A opinião sobre a educação depende da opinião sobre o homem, sua natureza, seu destino, seu fim. Somente quando se pode descobrir claramente o pensamento filosófico que motivou tal concepção de educação, pode-se, então, analisar se tal objetivo é completo ou unilateral (ARESI, 1980, p.115).

Ainda nessa mesma perspectiva que entende o processo educativo como algo que necessita de direção, Sacristán (1999) diz que:

Na educação, como ocorre em outros muitos âmbitos do pensamento e da ação, existe um interesse de primeira ordem relacionado com a explicação de como se movem os fenômenos vinculados a ela, ou como podemos fazer com que se movam na direção adequada para satisfazer nossas aspirações (SACRISTÁN, 1999, p.17).

O autor buscar responder em “Poderes instáveis na educação” o que move a ação educativa e diz que “A intencionalidade é condição necessária para a ação, e compreender esse elemento dinâmico e motor é fundamental para qualquer educador” (SACRISTÁN, 1999, p.33).

Já os conceitos de educação formal, informal, não formal e formal não escolar conforme introduzimos acima serão abordados mais a frente, por agora continuemos um pouco mais na questão própria da educação que na compreensão do Dr. Albino Aresi,

[...] educar é: “fazer com que a criança cresça de tal forma que ela mesma, livremente, possa dominar suas tendências biológicas, de modo que dentro do ambiente em que vive, possa conseguir seu fim último que é a felicidade eterna.” Em resumo: educar é fazer com que a razão (alma) controle o uso dos instintos dentro das leis morais: bem temporal e eterno (ARESI, 1975, p.101).

Destaca-se nessa definição que a educação é colocada como um “fazer”, isto é, uma ação de um sujeito externo, ato pelo qual é desenvolvida uma relação educacional onde o “educando é o principal educador de si mesmo, é auto educador [...] o educando só é aparentemente dirigível por fora”, (ARESI, 1980, p.85) até mesmo porque, seguindo essa perspectiva de autonomia, Paulo Freire diz

que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2000, p.58).

O educador aqui é alguém que conduz o processo, e mesmo parecendo paradoxal, o ideal da educação deve ser observado, ou seja, que sua autonomia seja trabalhada, exercitada, ou como define Aranha (1996), o ato de educar, “configura uma ação exercida por sujeitos ou grupos de sujeitos, visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta ação exercida” (ARANHA, 1996, p.50).

Analisando ainda a palavra educação em seu sentido etimológico, Hermisten Maia Pereira Costa diz que o termo latino “*educare*” parece uma tradução do grego παιδεω, “*instruir*”, “*educar*”, “*formar*”, “*ensinar*” [...] (COSTA, 2013, p.30). O termo παιδεω dá origem a nossa palavra pedagogo, bem como pedagogia. O termo pedagogia provém da palavra grega Παιδαγωγος (paidagogo), uma junção de duas palavras que na concepção original tinha a ideia daquele que conduz a criança até que ela possa livremente decidir por si.

Na antiguidade, tinha-se o costume de entregar a responsabilidade da educação ao Παιδαγωγος (paidagogo), desta forma encontramos certa consonância com o que observou o sábio Salomão quando disse, “*Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele*” (Provérbios 22.6). Dentro desta perspectiva temos um caso muito significativo que foi de Alexandre, o grande (334-331 a.C), o qual teve por paidagogo, Aristóteles, um grande filósofo que muito contribuiu com seu pensamento em várias áreas do conhecimento.

Continuando ainda nesta concepção do pedagogo como tendo sua responsabilidade no processo educacional, e por pedagogo aqui não só o profissional, mas também os pais, Demerval Saviani (2007) trabalha o duplo sentido do termo ao dizer que,

Desde a Grécia delineou-se uma dupla referência para o conceito de pedagogia. De um lado, desenvolveu-se uma reflexão estreitamente ligada à filosofia, elaborada em função da finalidade ética que guia a atividade educativa. De outro lado, o sentido

empírico e prático inerente à Paidéia, entendida como a formação da criança para a vida, reforçou o aspecto metodológico presente já no sentido etimológico da pedagogia como meio, caminho: a condução da criança. A partir do século XVII esses dois aspectos tenderam a se unificar como o demonstra o esforço realizado por Comênio (SAVIANI, 2007, p.2).

João Amós Comênio tinha a concepção de que “Somos destinados à eternidade. Porque, portanto, pertencemos à eternidade, é necessário que a vida seja apenas uma passagem” (COSTA, 2009, p. 346). Para se conceber um fim, um objetivo a ser alcançado, pressupõe-se que haja um início, um ponto de partida, não somente do processo educativo, como também dos educandos e educadores.

Se a educação tem um início, é natural que se busque onde este começa, quando começa, e quem começa a educar? Para o Dr. Aresi a educação se inicia no âmbito informal que é o ambiente familiar (ARESI, 1975, p. 102). A família é a primeira agência socializadora do ser humano, é aqui que suas relações são iniciadas, e desta forma cabe aos pais ou responsáveis proporcionar um ambiente onde a criança receba através de um comportamento moral daqueles que vivem nesta esfera, a transmissão dos primeiros valores a se buscar. Só depois é que se passa a outras etapas com as devidas formalidades.

Quanto à educação formal, contudo ainda não na perspectiva escolar, compreende-se que se inicia na primeira infância, e é exigida dos pais a maturidade para envolver progressivamente a criança no mundo e seus diferentes espaços, sabendo que a criança busca alguém em que possa se espelhar, isso porque, conforme Aresi (1975),

A criança que se abre para um mundo novo procura um modelo a imitar, uma forma a tomar como modelo. Por isso, nos primeiros 10 anos, a presença e a vivência harmoniosa dos pais é a melhor educação transmitida aos filhos (ARESI, 1975, p. 104).

O modelo que as crianças têm a seu dispor são os pais, daí a necessidade destes se prepararem para receber e conduzir essa criança como mediadores entre elas e o mundo. Aos pais, mais do ninguém é confiada esta tarefa e para auxiliá-los nesse processo, as instituições formais como a escola e a igreja dispõem-se de recursos para tal, esta última como espaço de educação formal, porém não escolar.

Duas contribuições ainda se fazem necessárias à educação. Em primeiro lugar aquilo que o Dr. Hermisten Maia diz sobre a educação como “sendo um processo de transmissão de valores, decodificação e, interiorização e transformação” (COSTA, 2013, p.30). Essa conceituação é importante por envolver na educação não somente o educando e o educador, mas também a sociedade como um todo, onde estão inseridos tanto um como o outro. Nesse sentido, Durkheim diz que “a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não se encontram amadurecidas para a vida social” (DURKHEIM, 2010, p.32). A educação neste aspecto visa conservar e transmitir o conhecimento acumulado das gerações passadas,

Em segundo lugar, não menos importante é a colocação que traz o Dr. Felipe Fontes ao dizer que o objetivo primário da educação diz respeito ao desenvolvimento do ser humano. Para o autor, semelhantemente ao que é dito acima, “a educação é um movimento, um processo”, porém ele prossegue dizendo que a mesma “é o meio pelo qual o homem se torna o que ele ainda não é”, e o segundo objetivo da educação é que ela “é dirigida ao ser humano de modo integral” (FONTES, 2018, p. 18), isto é, abrange todos os aspectos da vida.

Tendo feito, portanto, essas considerações introdutórias à educação em seus aspectos gerais, aprofundemos, agora na definição do que mencionamos como sendo as formas da educação que abrangem a educação informal, não formal e formal, porém introduzimos um outro conceito que é a educação formal não escolar.

1.2 CONCEITOS DE EDUCAÇÃO INFORMAL, NÃO FORMAL, FORMAL E FORMAL NÃO ESCOLAR

As palavras são vivas, e ao longo do tempo vão ganhando novos significados e significantes. Conseqüentemente, novas perspectivas e pesquisas vão se ampliando. Com essa perspectiva em mente, entendemos como necessária a tarefa de apresentar alguns termos e conceitos para desenvolver uma argumentação sem entraves, na tentativa de buscar explicações no decorrer do texto

A princípio, dedicamos um pouco mais de esforços no que diz respeito a educação não formal, isso porque como dito anteriormente, nossa motivação inicial era relacionar essa categoria com a EBD. No entanto, depois de mais bem analisada a questão, compreendemos que a melhor categorização seria formal não escolar. Ressalta-se aqui um problema em encontrar livros publicados nesse seguimento. Não são muitas as pessoas que se deram ao trabalho de discutir e pesquisar estes conceitos, o que por si só dificulta o desenvolvimento deles.

Contudo, isso não configura um empecilho, mas uma motivação para a contribuição de materiais nessa área. Basta uma simples pesquisa pela internet e veremos que quando se trata de educação formal, não formal e informal, o nome de maior destaque é de Maria da Gloria Gohn, pesquisadora e escritora profícua na área da sociologia. No mais, provavelmente motivadas pelos escritos da autora, outras pessoas escreveram artigos no intuito de desenvolver essa temática tão importante na atualidade, textos estes que subsidiaram o desenvolvimento deste trabalho.

Mesmo não tendo muitos livros publicados neste segmento, Gohn (2010), em suas pesquisas sobre a educação não formal, consegue estabelecer uma relação indireta com o termo em Montesquieu no século XVIII, dizendo que este já havia estabelecido uma divisão para a educação que se enquadra como sendo, “a educação que recebemos dos pais, para nós a informal, a educação que recebemos dos mestres na escola, a formal, e a educação do mundo, para nós, parte da educação não formal, advinda da experiência” (GONH, 2010, p.12).

Nesse sentido, cabe aqui destacar a concepção de experiência para Jorge Larossa Bondía (2002) que a compreende como “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍÁ, 2002, p. 2). No desenvolvimento de sua argumentação, o autor contrapõe a experiência com a informação, dizendo que pelo excesso de informação somos pobres em experiência. A educação não formal possibilita uma experiência seletiva, isto é, a experiência que o indivíduo busca por se identificar com o grupo.

Sobre a educação informal, Alberto Gaspar *et al* (2002) dizem que, “mesmo nas civilizações tidas como culturalmente avançadas, a vida cotidiana sempre exigiu muito mais do que o conhecimento dos saberes apresentados formalmente nas disciplinas escolares” (GASPAR, *et al.*, 2002, p.2), sendo desta forma, necessário algo complementar à educação formalmente apresentada nas escolas. A concepção apresentada pelo autor é de uma educação que não tem horários, não tem um currículo a priori; é uma educação que segue o fluxo da vida e, neste sentido, é desenvolvida por meio das relações construídas e desenvolvidas pelo indivíduo dentro em sua existência.

Ainda nesta mesma linha, seguem Martha Marandino *et al* (2004) e entendem a “educação informal como o verdadeiro processo realizado ao longo da vida onde cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio [...]” (MARANDINO *et al.*, 2004, p.6). Em termos simples, é a experiência do sujeito em seu processo, no desenvolver de sua vida, realizando contatos e possibilitando o exercício da sua existência. Muito se assemelha ao conceito de experiência proposto por Larossa Bondiá (2002).

Corroboram ainda com essas definições as palavras de Gohn (2006), que apresentam “a [educação] informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 2). O próprio termo sugere seu entendimento, ou seja, informal, sem as formalidades convencionais estabelecidas por órgãos credenciados, ou talvez quem sabe tendo as normas interiorizadas ao invés de exteriorizadas.

Albino Aresi (1975) afirma que “a educação se inicia no âmbito informal, que é o ambiente familiar” (ARESI, 1975, p.103). A família, portanto, é a primeira agência socializadora pela qual uma pessoa passa, experimenta o mundo exterior; é nesse ambiente que suas relações são iniciadas e, desta forma, cabe aos pais ou responsáveis proporcionarem-lhe um ambiente onde tenha contato com os primeiros valores a se buscar.

Já a educação formal é mais reconhecida, quer seja pelo ambiente onde se realiza, ou pelos agentes passivos e ativos e por seu conteúdo. O termo formal nos remete à ideia de um segmento previamente estabelecido com normas e orientações estabelecidas por órgãos competentes e credenciados para tal fim, como é o caso do Ministério da Educação e Cultura.

Pensando nisso, Mourão e Maciel (2012) afirmam que:

A educação formal se desenvolve nas escolas com conteúdo previamente definido. Os espaços na educação formal referem-se aos territórios das escolas, sendo instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas de acordo com as diretrizes nacionais. Este tipo de educação implica ambientes normatizados, com regras e padrões de comportamento previamente definidos. (MOURÃO; MACIEL, 2012, p.15)

Nesse mesmo sentido, Gaspar (2002) nos informa que “a educação com reconhecimento oficial [...] é uma instituição muito antiga, cuja origem está ligada ao desenvolvimento de nossa civilização e ao acervo de conhecimentos por ela gerados” (GASPAR, 2002, p. 1). O objetivo deste tipo de educação, conforme coloca Gonh (2006), é “o ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc.” (GONH, 2006, p.3).

Sendo uma instituição validada por leis do Estado, busca-se uma formação que atenda às exigências deste e de seu povo, no intuito de cultivar e perpetuar saberes que justifiquem o investimento financeiro e as políticas públicas para isso desenvolvidas, algo que muito se discute no campo de currículos, metas e objetivos.

Voltando à educação não formal, Mourão e Maciel (2012) contribuem dizendo que “[...] trata-se daquela que se aprende no mundo da vida, por meio dos processos de compartilhamento de experiências, especialmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Ela indica um processo com variadas dimensões” (MOURÃO; MACIEL, 2012, p. 13). Esses espaços se referem a lugares onde as pessoas compartilham ideias comuns, sempre com propósitos de aprender aquilo

que ali é oferecido. Há uma sintonia entre as pessoas que se envolvem nos processos educativos.

Gohn (2006) diz que “quando tratamos da educação não formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. O termo não formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal” (GOHN, 2006, p. 28). Contudo, a própria autora vai distinguir estes conceitos como sendo o primeiro uma educação sem as formalidades que se tem no ambiente escolar, que acontece por processos “de compartilhamento de experiências” (p.28) em

ambientes como igrejas, presídios, em hospitais e ONGs. O segundo diz respeito a processos vivenciados sem intencionalidade no decorrer da vida.

Moacir Gadotti (2005) entende a “educação não formal por aquilo que ela é, e não por sua diferença com a educação formal” (GADOTTI, 2005, p. 2). Desta forma o autor conceitua a educação não formal como,

mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p.2).

Nesse sentido muitos obstáculos e trâmites da educação formal são superados, e Souza (2008), relacionando a educação não formal e a escola aberta, traz uma importante reflexão ao apontar que,

a concretização da educação não-formal foi um processo através de suas práticas educativas que inicialmente não levaram o crédito de educação por não seguirem padrões formais, mas que a despeito disto vem se estabelecendo em uma relação forte de ensino e aprendizado que chega a superar o ensino escolar. (SOUZA, 2008, p.4)

Sobre essa perspectiva de educação não formal devemos considerar válido todo seu esforço, principalmente quando sua intenção for a busca por um ensino de qualidade dentro de sua esfera de atuação, podendo inclusive contribuir para a educação formal no contexto escolar.

A educação não formal pode contribuir inclusive para a formação da cultura científica, é o que diz a bióloga Daniela Franco Carvalho Jacobucci (2008), ao abordar as contribuições dos espaços de educação relatando a importância do assunto quando diz que

o termo “espaço não-formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas (JACOBUCCI, 2008, p.2).

Assim, abordar tais conceitos torna-se importante para o desenvolvimento do assunto e a autora traz uma importante contribuição ao dizer que são lugares onde ocorrem processos educativos. A partir disso, amplia-se o espectro, pois há uma diversidade de espaços onde ocorrem atividades educativas.

Gaspar (2002) é sucinto ao diferenciar esses tipos de educação apresentados, dizendo que, “algumas, muito próximas da educação formal, definidas por muitos pesquisadores como educação não formal, têm também disciplinas, currículos e programas, mas não oferecem graus ou diplomas oficiais” (GASPAR, 2002, p. 3). Além do conteúdo que pode variar dependendo do lugar, a educação não formal tem algumas peculiaridades que possibilitam a diferenciação.

Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori (GONH, 2006, p.5).

Conforme pode-se perceber na construção do raciocínio a respeito destes espaços de educação não formal, a dinâmica gira em torno da representatividade, seja filosófico, religioso ou mesmo político, pois não são de caráter obrigatório, isto é, as pessoas que frequentam esses lugares, vão por um processo de identificação com aquilo que ali é ensinado, conscientes ou não de que isto lhes dão sentido para suas vidas.

Outro elemento importante é estabelecer quem é o educador no espaço de educação não formal e, para isso, lanço mão da abordagem de Gonh (2010), “na educação não-formal, há a figura do educador social, mas o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos” (GONH, 2010, p. 17). Compreende-se assim que, para se estabelecer uma educação neste sentido faz-se necessária a relação entre as pessoas dentro da comunidade.

Vimos, portanto, as definições de informal, não formal e formal. A EBD, no entanto, como veremos a seguir tem um espaço específico, horários estabelecidos, educador responsável, e acima de tudo um conteúdo a priori, isto é, a Bíblia que é o fundamento dos estudos. Portanto, essa educação assemelha-se muito a uma educação formal, porém não escolar.

1.3 BREVE HISTÓRIA DA EBD E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS

Na tentativa de apresentar a EBD estabelecendo sua relação com os espaços de educação não formal e formal, faz-se necessário também trazer um relato histórico do seu surgimento, bem como o objetivo de sua origem. Esse espaço, como veremos, tem seu valor social por trabalhar, além de questões religiosas, outros temas relacionados à experiência humana em sociedade, ainda que, se restringíssemos nossa abordagem ao campo da fé, não seria menor seu valor, uma vez que compreendemos sua importância, pois, conforme Vieira (2009) trabalhando o conceito de espiritualidade e questões profissionais diz que:

A espiritualidade do homem é, igualmente, significativa no direcionamento de suas ações, inclusive profissionais. No entanto, tem-se percebido uma dicotomia existente entre a vida espiritual e as demais áreas da vida, incluindo a profissional (VIEIRA, 2009, p.4).

Nesse sentido, conforme vimos nas pesquisas de outros autores, além da experiência e o conteúdo da fé de seus integrantes, é discutido nesse ambiente assuntos pertinentes a diversos segmentos da vida como, saúde, meio ambiente, letramento, entre outros, almejando, assim, uma educação que engloba tantos aspectos quantos for possível, isto é, uma educação integral.

Quando nos referimos ao conceito de educação integral, entendemos como um processo que diz respeito à totalidade do ser humano, compreendendo-o assim como “uma unidade psicossomática” (ARESI, 1975, p.64), isto é, composto de corpo e alma que se relacionam em um único ser. Isso nos leva a pensar também na dimensão da espiritualidade que, segundo Ferreira (2021), “Desenvolver a dimensão espiritual é reconhecer o ser humano como um ser complexo e inseri-lo no processo de desenvolvimento integral, outrora perdido, à medida que a natureza humana foi particionada” (FERREIRA, 2021, p.54). Temos, portanto, na EBD, além do conteúdo ensinado, as questões que qualificam esse espaço como um ambiente de construção da identidade social e religiosa do indivíduo como um sentido para a vida.

Odayr Olivetti (1986) diz que “o principal agente de educação cristã (protestante) é a escola dominical, e que por isso é extremamente necessário que se leve a sério seu desenvolvimento em relação aos professores e materiais utilizados” (OLIVETTI, 1986, p. 13). Sabemos é claro que se passaram mais de trinta anos desde suas pesquisas, no entanto quando olhamos ainda hoje a quantidade de material disponível pelas editoras confessionais, percebemos que a preocupação com esse seguimento como parte fundamental da educação cristã continua o mesmo.

Nascimento e Bertinatti (2013) fizeram pesquisas sobre a “Escola Dominical Presbiteriana e a disseminação de saberes e práticas educativas”, e mostraram o quanto a EBD foi um meio de crescimento da Igreja Presbiteriana e, portanto, dizem que,

A Escola Dominical constitui-se em importante preparação para o culto protestante, tornando-se uma prática formativa central de todas as suas igrejas. Ela configura-se como uma organização educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada igreja protestante. (NASCIMENTO; BERTINATTI, 2013, p.4).

Além de ser um suporte ao crescimento, as autoras acima nos falam também em como as práticas educativas na EBD já no início do século XX buscavam métodos pedagógicos modernos em relação ao seu tempo.

Distanciando-se da educação tradicional, a qual se caracterizava como uma educação bancária, em que o aluno era visto de maneira fragmentada e não como um indivíduo completo, a Pedagogia moderna baseava-se também na visão de Pestalozzi, que defendeu que o professor não deveria simplesmente depositar conteúdos em seus alunos, como se a educação ocorresse de fora para dentro. Era preciso que o professor conhecesse o desenvolvimento físico, intelectual e moral do seu aluno, para que compreendesse como ele aprende, e então aplicaria métodos eficazes, a educação ocorrendo de dentro para fora. O professor estimularia a criatividade, desafiando seus alunos e auxiliando nas suas necessidades, e não os sobrecarregando com conteúdos sem que houvesse interpretação e entendimento. (NASCIMENTO; BERTINATTI, 2013, p.5)

Pensar a EBD como parte fundamental no processo da educação cristã é uma excelente forma de classificá-la, contudo a intenção deste trabalho como já temos colocado é destacá-la como um espaço que transcende o campo da fé de uma determinada vertente do cristianismo e que está inserida na sociedade como um espaço de educação formal não escolar, trazendo contribuições significativas para a formação dos indivíduos que dela participam.

Além de alguns pontos que já destacamos, nesse espaço são trabalhados assuntos relacionados com o exercício da cidadania baseado na ética do decálogo, comumente conhecido como os dez mandamentos, objetivando assim orientar a sociedade e as relações entre as pessoas.

Na tentativa de estabelecer um ponto inicial dentro do contexto bíblico para a EBD, alguns buscam associar seu início aos tempos, por exemplo, de Moisés, passando pelo período dos Sacerdotes, Reis e Profetas de Israel no Antigo Testamento. Como é o caso de Antônio Gilberto da Silva (1998), que associa a EBD com as instituições de ensino tanto do Antigo como do Novo Testamento e, posteriormente, ao ensino desenvolvido pelo cristianismo em seus primórdios.

Para Cezar Moisés Carvalho (2007), o início da EBD está associado ao movimento da Reforma Protestante do século XVI, ao dizer que, “essa nova forma de ministrar acentuou-se com a deflagração da Reforma Protestante, em 31 de outubro de 1517, e 266 anos depois se convencionou aos domingos, o que a denominou de Escola Dominical” (CARVALHO, 2007, p. 102).

Não podemos negar o impacto da Reforma Protestante na educação, visto que Lutero, Calvino, Melancton e vários outros reformadores trabalharam arduamente pela educação popular (EBY, 1976), e entendemos que seu esforço é sentido para além de seu tempo, no entanto, é Robert Raikes quem vai ser conhecido como o pai da EBD.

Armstrong (1994), abordando a questão do surgimento da EBD diz que,

Não há certeza sobre quando e como surgiu a primeira escola dominical. Alguns traçam suas raízes até Zinzendorf, o pietista do século XVIII. Outros indicariam como fundadoras do movimento pessoas diversas, entre as quais Wesley, o fundador da Igreja Metodista, e Daughaday, ministro metodista. Parece que o conceito teve sua origem na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII. Em 1780, aproximadamente, Robert Raikes, conhecido como o “pai da escola dominical”, começou seu trabalho nesta área em Gloucester, Inglaterra. (ARMSTRONG, 1994, p. 73)

Esta é a história mais conhecida entre aqueles que se dedicam às pesquisas na área. Seu fundador ou idealizador foi o jornalista Robert Raikes, de 44 anos de idade e redator do jornal Gloucester. Seu trabalho logo ampliou-se por todo país e “no ano de 1785, foi organizada, em Londres, uma sociedade direcionada para a criação de escolas dominicais” (BERTINATTI, 2011, p. 27).

A motivação para a criação e posterior divulgação das EBDs foi a compaixão deste jornalista que, ao ver as crianças ociosas nas ruas, sentiu-se impelido a reuni-las em processos educativos utilizando, para isto, a Bíblia como livro base. Para Claudio Marra (2018), falando sobre o ensino da Bíblia na história da igreja diz que,

A iniciativa histórica de Robert Raikes, fundando na Inglaterra a Escola Dominical, nasceu do seu desejo de alcançar as crianças pobres que vadiavam pelas ruas de Gloucester aos domingos. “Em julho de 1780, a primeira Escola Dominical reuniu-se no único dia em que as crianças não trabalhavam.” (...) “A abordagem de Raikes se apoiava na integração das necessidades espirituais e sociais.” Com a ênfase da Escola Dominical no ensino da Bíblia, após os estudos as crianças eram encaminhadas às igrejas para aprender o catecismo. (...) Porém, após algum tempo, as igrejas adotaram o movimento, deram-lhe orientação doutrinária e passaram a alcançar crianças e adultos de diferentes níveis sociais, e não apenas crianças carentes. (MARRA, 2018, p.25)

Robert Raikes já tinha trabalhos com detentos na mesma cidade, o que por si só o motivou a fazer este trabalho comprometido com o futuro das crianças de seu tempo (SILVA, 1998). Raikes viu foi a possibilidade de ajudar as crianças de seu tempo a ter uma formação pessoal e intelectual e desta forma terem a possibilidade de um futuro melhor.

Silva (1998) nos mostra ainda que, nesse tempo, nas Escolas Dominicais, “além das Escrituras, era também ministrado às crianças rudimentos de linguagem, aritmética e instrução moral e cívica” (SILVA, 1998, p. 15). Compreende-se, portanto, que, a motivação do criador da EBD tinha tanto um aspecto evangelístico quanto também social ao ensinar às crianças conteúdos relacionados àqueles ensinados nas escolas comuns. Esse aspecto social da EBD é característico da educação que se desenvolve em ambientes não escolar.

Apesar de ter sido amplamente divulgada e aceita por toda Inglaterra e posteriormente em outros países, a EBD enfrentou dificuldades e certas oposições, isso porque tinha esse olhar voltado aos menos favorecidos da sociedade. Cliff (1982) diz que,

Há evidências de processos para fechamento das escolas dominicais por pessoas que temiam os leitores, principalmente sobre o livro “O Direito do Homem”, recém-publicado de Tom Paine em 1791. Porém, logo quando perceberam as recompensas em termos de ordem na sociedade decidiram-se por mantê-las. (CLIFF, 1982, p.17, tradução nossa)

O século XVIII no qual nasce esse movimento marca um importante período na história conhecido como Revolução Industrial, na Inglaterra. Portanto, faz-se necessário falar um pouco sobre isto buscando contextualizar melhor o momento de surgimento da EBD que teve como pano de fundo esse cenário histórico, político, econômico e cultural de significativas mudanças sociais. Cliff (1982) associa esse momento ao surgimento das EBDs como espaços de educação onde eram supridas as demandas das muitas crianças que, juntamente com suas famílias, migravam para os grandes centros na esperança de empregos.

Segundo Isaias Barbosa Nunes (2009), “a Revolução criou enormes concentrações urbanas na Inglaterra e oportunizou um rápido crescimento das cidades” (NUNES, 2009, p. 7). A migração das pessoas das zonas rurais para os grandes centros tornou-se um grande problema social, assim como em nosso país tivemos o que ficou conhecido como Êxodo Rural.

Com essa migração para as cidades, os problemas de ordem social começaram a surgir e um deles foi o trabalho infantil. Segundo Nunes (2009), “o mercado de trabalho absorvia todos os braços disponíveis. As mulheres e as crianças também eram atraídas, ampliando a oferta de mão-de-obra e as jornadas de trabalho oscilavam entre 14 e 18 horas diárias” (NUNES, 2009, p. 10).

Heilbroner (1996) diz que,

Nesses locais, homens e mulheres trabalhavam juntos, despidos da cintura para cima e muitas vezes reduzidos a um lamentável estado subumano de pura exaustão. Os mais selvagens e brutos costumes estavam presentes ali; os apetites sexuais despertados por um olhar eram satisfeitos ali mesmo naquele ambiente horrível; crianças de sete a dez anos, que jamais viam a luz do dia nos meses de inverno, eram usadas e abusadas, recebendo dos mineiros um mísero pagamento para carregar as tinas com carvão [...]. (HEILBRONER, 1996, p.44)

A degradação da vida difícil a que essas crianças eram expostas contribuía para sua marginalização. Andrade (2000) faz uma importante reflexão sobre o problema na cidade de Gloucester dizendo que nela, “a delinquência infantil era um problema que parecia insolúvel. Aqueles menores roubavam, viciavam-se e eram viciados; achavam-se sempre envolvidos nos piores delitos” (ANDRADE, 2000, p. 20). Atendendo a demandas com estas, a EBD teve seu início com um propósito voltado à comunidade, ou seja, à sensibilidade ante às mazelas humanas, cumprindo sua missão em aspectos sociais; educando formalmente mesmo em espaços não escolares, ou como disse Song (2010):

A escola dominical foi organizada a partir de um espírito religioso filantrópico e cristão. Era no espírito de pensar sobre as gerações futuras, a sociedade futura e futuros seres individuais [...]. A igreja na época serviu de instrumento para essa educação. O objetivo da escola dominical não era promover o crescimento da igreja, mas, servindo como instrumento, a adesão à igreja cresceu como subproduto. (SONG, 2010, p.6, tradução nossa)

O historiador Alderi de Souza Matos nos traz também uma importante contribuição sobre a origem da Escola Dominical ao dizer que esse movimento surge com o objetivo de

alfabetizar e evangelizar crianças pobres que trabalhavam nas fábricas e cujo único dia de folga era o domingo. A escola funcionava das 10 às 17 horas e incluía, além de aulas de redação e aritmética, leitura da Bíblia, catecismo e participação em cultos. Após uma desconfiança inicial dos líderes eclesiásticos, o movimento alcançou enorme popularidade e em 1784 já reunia 240 mil alunos. (MATOS, 2008, p.11)

No Brasil, quase 100 anos após sua criação na Inglaterra, a primeira EBD foi iniciada por missionários protestantes que vieram dos Estados Unidos da América. Especificamente em 19 de agosto de 1855, dois missionários escoceses, Robert e Sarah Kalley, refugiados dos Estados Unidos, fundaram a primeira Escola Dominical, e uma União de Escolas Dominicais, filial da Associação Mundial de Escolas Dominicais, começou suas atividades a partir de 1921 (MATOS, 2008, p.14).

Esse trabalho se desenvolve também no Brasil e conforme Matos (2008) “No início do século 20 foi criada a União das Escolas Dominicais do Brasil, uma filial da Associação Mundial das Escolas Dominicais. Estava sediada no Rio de Janeiro e seu secretário executivo era o Ver. Herbert S. Harris.” (MATOS, 2008, p.14). Desde então surgiram eventos internacionais inclusive no Brasil envolvendo representantes de vários países que discutiam a temática.

Atualmente, a expansão das EBDs no Brasil é bastante perceptível, com apoio de editoras pertencentes às instituições religiosas e a publicação de materiais para públicos diversificados dentro delas.

Sobre a categorização da EBD dentro dos aspectos de educação formal ou não formal que inicialmente foi nossa indagação, se o único elemento que caracterizasse a educação formal fosse seu credenciamento pelo MEC, como alguns colocam a educação formal, evidentemente seria mais fácil categorizá-la. Contudo, sabe-se que não é somente este elemento que a caracteriza sendo uma

ou outra. Nos ajuda nessa questão a pesquisa de Vasconcelos Jr *et al* (2016) ao colocar que,

De modo geral, observamos que os participantes da Escola Bíblica Dominical sentiam dificuldades ao responder se a E.B.D se constitui em uma educação religiosa formal ou não-formal, as justificativas das respostas dos entrevistados eram semelhantes. A maioria dos participantes alegavam que a E.B.D. se consolida como uma educação formal pela infraestrutura, pela disposição das salas de aula, pelo organograma, mas, se observar pelo lado de não possuir leis governamentais que a regem, uma formação obrigatória do docente, um acompanhamento mais rigoroso dos alunos, entre outros detalhes, a E.B.D. torna-se uma educação não formal. (VASCONSELOS JR *et al*, 2016, p. 7)

Percebe-se, portanto, certa dificuldade em classificar a EBD, principalmente quando se seguem os padrões estabelecidos por Gonh (2010) que ao organizar os principais atributos de cada modalidade educativa, diz que “a educação não formal não é organizada por séries, ou idades, ou mesmo conteúdo” (GONH, 2010, p. 20). Alguns elementos se assemelham à educação formal, principalmente porque, ao contrário da perspectiva de que a educação não formal não possui um conteúdo a priori, na EBD usa-se a Bíblia como referencial em seu currículo e um dos seus objetivos é, “desenvolver a capacidade física, intelectual, moral e espiritual do ser humano, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento” (ANDRADE, 2000, p. 14).

A EBD tem uma estrutura organizacional que se assemelha à que se usa na educação formal e tem também um conteúdo prévio, fato este que é característica tanto para a educação formal quanto a não formal, pois um dos aspectos da educação não formal “é a construção da identidade coletiva do grupo, fortalecendo e contribuindo para o crescimento do capital social do grupo” (GONH, 2010, p. 20).

Dessa forma, as semelhanças são nítidas, ainda que haja algumas distinções. As diferenças são também fáceis de destacar, como, por exemplo, o tempo destinado a uma e outra. Na educação formal segue-se uma média de vinte e quatro horas semanais, enquanto na EBD apenas uma hora/aula por semana e não há obrigatoriedade na frequência. Outra peculiaridade da EBD é que, ao contrário da educação formal escolar que termina com a conclusão de etapas, ela não tem um fim estabelecido, podendo o indivíduo frequentá-la desde a mais tenra infância até a mais avançada idade.

Enfim, inicialmente nossa proposta era apresentar a EBD como um espaço de educação não formal, por isso a necessidade de destacar suas peculiaridades, pois “essa instituição, além de uma formação espiritual, consistia em observar o indivíduo como um ser inteiro e não fragmentado, desenvolvendo ao mesmo tempo uma educação moral” (BERTINATTI, 2011, p. 38). No entanto, observou-se também depois de algumas leituras e conversas a possibilidade de classificá-la como formal não escolar, sendo essa nossa abordagem desde então.

Sem perigo nenhum em diminuir seu valor, poderíamos continuar seguindo com a abordagem anterior que identifica a EBD como um espaço de educação não formal, pois a educação não formal tem seu espaço na sociedade e é, conforme Gonh (2010) “uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade” (GONH, 2010, p. 92). No entanto, entendemos explicar melhor esse espaço a partir dessa definição.

Portanto, à semelhança de outros lugares como os hospitais, presídios, empresas, ONGs, igrejas, a EBD funciona dentro desse último, isto é, no contexto religioso, e configura-se como um espaço de educação formal não escolar e, como fundamentado no artigo 1º da lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN):

A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996. LEI Nº 9.394).

Seguindo os padrões estabelecidos por Gonh (2010, p.20) teríamos dificuldade em colocar a EBD como educação não formal, isso porque a autora apresentando os principais atributos de cada modalidade educativa diz que “a educação não formal não é organizada por séries, ou idades, ou mesmo conteúdo”. A EBD, contudo, vai na contramão desta definição tendo seus princípios estruturais baseados em uma organização que, conforme OLIVETTI (1986) segue a estrutura como podemos ver no quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - **Estrutura de funcionamento da EBD 1**

Departamento Maternal	Rol de Berço: 1 a 3 anos Pré-primário: 4 a 6 anos
Departamento Primário	Primário 1- 1ª série do 1º grau (7anos) Primário 2-ª série 1º grau (8anos)
Departamento Intermediário	3ª e 4ª séries do 1º grau (9 e 10 anos)
Departamento Secundário	Secundário 1- 5ª e 6ª séries do 1º grau (11 e 12 anos) Secundário 2- 7ª e 8ª series do 1º grau (13 e 14 anos)
Departamento da Mocidade	15 anos em diante
Departamento dos Adultos	Classe de Homens Classe de Senhoras Classe de Casais jovens

(Adaptado de OLIVETTI, 1986, p.31)

Posterior a este período, OLIVETTI (1986) classifica os departamentos da EBD a partir do departamento intermediário da seguinte forma:

Quadro 3 - **Estrutura de funcionamento da EBD 2**

Departamento intermediário	3ª a 5ª série do 1º grau (9 a 11 anos)
Departamento secundário	Secundário- 6ª a 8ª série do 1º grau (12 a 14 anos)
Departamento da Mocidade	2º grau (15 a 16 anos)
Departamento dos Adultos	Classe de Homens Classe Senhoras Classes Casais Jovens

(Adaptado de OLIVETTI, 1986, 31-32)

Conforme este modelo de organização, que é em aspectos gerais o sistema mais comum nas igrejas protestantes, percebe-se que há certa semelhança com a forma que conhecemos como educação formal escolar. Se prosseguirmos

abordando a estrutura de funcionamento da EBD, vamos ver por exemplo que em seus elementos organizacionais e administrativos há conforme OLIVETTI (1986) com base em uma EBD “razoavelmente satisfatória uma diretoria formada de Superintendente, Vice Superintendente, Primeiro e segundo Secretário (...)”. (OLIVETTI, 1986, p.34) entre outros papéis que auxiliam na manutenção dessa estrutura.

Seguindo este esquema temos elementos suficientes que aproximam a EBD da educação formal, o que nos habilita a defini-la como uma educação formal, porém não escolar, principalmente por que, ao contrário da perspectiva de que a educação não formal não possui um conteúdo a priori, a EBD mantém a Bíblia como referencial em seu currículo, uma vez que, conforme ANDRADE (2000), em seu manual do Superintendente da Escola Dominical,

No âmbito da Escola Dominical, educar implica em formar o caráter humano, consoante às demandas da Bíblia Sagrada, a fim de que ele (o ser humano) seja um perfeito reflexo dos atributos morais e comunicáveis do Criador. (ANDRADE, 2000, p. 14)

A EBD, portanto, configura-se dentro desse campo, um espaço de educação formal não escolar, proporcionando uma formação para além da abordagem unicamente religiosa, uma vez que sua influência é sentida para além dos aspectos ligados ao campo da fé como sentimento subjetivo, ainda que consideremos sua devida importância na formação pessoal. Em um país com 31% de sua população considerada como protestantes², ainda que nem todas as Igrejas protestantes adotem esse sistema de educação, temos um importante espaço de educação formal não escolar com inúmeras possibilidades educativas.

1.4 POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NA EBD

Historicamente a fé cristã tem uma relação estreita com a educação, isso porque entre os mandamentos expostos na Bíblia Sagrada consta a exigência de

² As religiões no Brasil. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religioes-no-brasil/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

se ensinar aos filhos a história de suas crenças, de onde viemos, para onde vamos e o objetivo de estarmos aqui nesse universo imenso com possibilidades infinitas. Essa preocupação pode ser vista já no Antigo Testamento:

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (DEUTERONÔMIO 6: 4-9)

Esse texto conhecido como Shemá³ é uma expressão fundamental da fé dentro do contexto do cristianismo. Para Fontes (2018) “é uma passagem bíblica chave para os estudos de educação cristã”. O autor aponta para essa passagem como sendo um guia sobre o que fazer, como fazer e qual a motivação para se fazer a educação (FONTES, 2018, p.33).

Mas temos também nas palavras de Jesus dirigidas a seus discípulos no Novo Testamento um importante embasamento para a educação com as seguintes palavras:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mateus 28.19–20)⁴.

Paul Jehle (2016) fazendo a leitura desse texto como base para ensinamento cristão diz que, “O propósito último da educação cristã ou da administração de escolas domésticas ou escolas cristãs, é o discipulado das nações” (JEHLE, 2016, p.14). Nesse sentido, a igreja cristã desenvolveu ao longo

³ SHEMA, A expressão mais fundamental da fé judaica, traduzida como *שמע* (shema') em Dt 6:4 (tradução nossa). Huffman, D.S., & Hausherr, J.N. (2016). Shemá, o. Em J. D. Barry, D. Bomar, D. R. Brown, R. Klippenstein, D. Mangum, C. Sinclair Wolcott, L. Wentz, E. Ritzema, & W. Widder (Orgs.), *The Lexham Bible Dictionary*. Lexham Press.

⁴ Sociedade Bíblica do Brasil. (1999). *Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada* (Dt 6.4–9). Sociedade Bíblica do Brasil.

dos tempos inúmeras formas de transmitir seus ensinamentos e suas tradições à medida que avançava pelo mundo com sua mensagem.

Com a Reforma Protestante do século XVI, esse processo se acentuou ainda mais na tentativa de ensinar as pessoas a leitura para que elas pudessem ler a Bíblia já em sua língua materna (ARANHA, 1996, p.51). Portanto, todo esforço que se faz na tentativa de transmitir os conceitos relacionados à fé cristã tornam-se possibilidades educativas, pois envolvem um processo cognitivo com uma visão de mundo própria, além de despertarem nos educandos (seguidores da fé) condições para a construção do conhecimento.

A despeito do fato de entendermos como Freire (2000, p.27) que o ensinar não é uma transferência de informações, existem, no entanto, os elementos básicos do programa que são trabalhados em todo conteúdo programático de qualquer instituição que contribuem para a modificabilidade do indivíduo, seja concordando ou despertando para novas realidades, pois, como bem disse Reuven Feuerstein (2014),

Nós, como seres humanos, somos capazes de alterar nós mesmos e nosso destino, mas a responsabilidade disso é nossa e do ambiente em que estamos. Isto se refere a todos os outros significativos da vida do indivíduo, incluindo pais, professores, cuidadores, profissionais de suporte e tomadores de decisões institucionais que criam condições de nossa modificabilidade. (FEUERSTEIN, 2014, p.31)

Entendemos que a EBD se insere nessa categoria de instituições que possibilitam as condições de modificabilidade do ser humano, por isso, voltando à máxima de Paulo Freire de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 2000, p.27), vimos nas pesquisas bibliográficas que foram realizadas os inúmeros temas que são e que podem ser trabalhados na EBD.

Destacamos alguns aqui, como por exemplo, a questão do letramento litúrgico seguindo a tese (doutorado) na linha de linguística aplicada de Antônio Valbert que diz:

A EBD constitui-se uma agência de letramento, pois é uma instituição religiosa e social. De acordo com sua grade curricular, que a constitui como escola bíblica, são apresentados a seus participantes uma gama de modos discursivos e variedade textual por meio de práticas de leitura, escrita e oralidade. Por meio desses eventos que constituem o letramento litúrgico, há implicações religiosas, familiares, sociais e educacionais que caracterizam os papéis de cada integrante ou agente que atua nesses espaços. (SILVA, 2020, p.63)

O autor destaca as várias possibilidades educacionais que são vivenciadas no contexto da EBD a partir daquilo que pesquisou como letramento litúrgico e, ou religioso. Essa prática é muito comum nesse espaço pela riqueza cultural adquirida através do contato desenvolvido nas leituras de textos relacionados ao universo bíblico trazendo “(...) implicações religiosas, familiares, sociais e educacionais que caracterizam os papéis de cada integrante ou agente que atua nesses espaços” (SILVA, 2020, p.63).

No contexto religioso em que está inserida a EBD, a Bíblia é lida pela perspectiva da fé. No entanto, sabe-se hoje que além desta perspectiva existe também a leitura literária da Bíblia, isto é, assim como as obras de Dom Quixote, Dom Casmurro ou Grande Sertão Veredas, conforme Leonel (2013), a Bíblia é uma obra literária com narrativas, poemas, cartas, provérbios etc., e como tal enriquece o leitor com elementos tanto doutrinários relativos à sua crença, como também imaginativos, pois como bem afirmou Frye (2004), “muitos pontos relevantes da teoria crítica de hoje tiveram origem no estudo hermenêutico da Bíblia” (FRYE 2004, p.18).

Outra possibilidade educativa que encontramos nas pesquisas trata da questão ambiental contemplada por Silveira (2020) em seu artigo intitulado: “Educação Ambiental em Igrejas: a potencialidade da Escola Bíblica Dominical para a formação de valores ambientais em adolescentes”. Neste artigo, o autor avaliou 909 planos de ensino contidos em 57 revistas usadas nas aulas da EBD, considerando as várias denominações que usam esse espaço de educação formal não escolar e disse que, “as lições se propõem a dar base para a formação do sistema de crenças e valores que constituem o sujeito ecológico” (SILVEIRA, 2020, p.17).

A conclusão a que chegou em sua pesquisa, considerando também a cosmovisão ensinada nesse contexto é que,

(...) não resta dúvidas que há um compromisso das lições com a cosmovisão cristã, e um potencial para Educação Ambiental. O potencial diz respeito ao fato de que no Cristianismo crê-se que o processo de aprendizagem permeado pela excelência em três níveis, a excelência no saber, no fazer e no ser, o desequilíbrio na quantidade de lições de cada tipo de ecologia indica falta de excelência, afetando essencialmente a excelência no saber. (SILVEIRA, 2020, p.21)

O autor fala sobre esse potencial para a Educação Ambiental, ainda que não seja este um fim devido ao foco recair no “ser e no saber”. No entanto, prossegue afirmando, baseado na crença cristã de Deus como Criador de todas as coisas, a necessidade de ser explorado ainda mais essa temática dizendo que “o potencial é latente, mas é preciso uma reformulação didática”.

Podemos destacar ainda a potencialidade da EBD para se trabalhar assuntos como a prevenção e o cuidado com a AIDS/HIV, tema esse trabalhado por Santana (2013) ao dizer que:

A ED (**Escola Dominical**) tem potencial a ser descortinado na educação cristã. Não pode ficar restrita ao tempo. As famílias precisam encontrar espaços ampliados de inserção e participação, enfatizando nesta contemporaneidade um respeito mútuo, necessário para que se veja onde há alguém que ensina, há alguém que aprende, constrói o conhecimento. (SANTANA, 2013, p.59, grifo nosso)

Para a autora existem muitas barreiras a serem rompidas como o medo, o preconceito e a própria falta de conhecimento, mas que, no contexto da EBD podem ser trabalhadas por ser o cuidado com o ser humano uma prática comum para a fé cristã, uma vez que a Bíblia ensina a sacralidade do corpo como um santuário do Espírito Santo (1 Co 6.19).

Enfim, como exposto até aqui conseguimos ver as muitas possibilidades que podem ser abordadas na EBD, e as pesquisas nos mostraram isso, ou seja, além das questões relativas à fé dos participantes, os mais variados temas são

trabalhados visando o crescimento dos indivíduos e seu envolvimento nos mais variados setores da sociedade. Isso porque, como bem disse Freire (2000),

As Igrejas, de fato, não existem, como entidades abstratas. Elas são constituídas por mulheres e homens “situados”, condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural. São instituições inseridas na história, onde a educação também se dá. Da mesma forma, o que fazer educativo das Igrejas não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta em que se acham (FREIRE, 2000, p.5)

A fala de Paulo Freire aqui é muito pertinente por trazer a igreja para a esfera pública, reconhecer seu potencial educativo e nos despertar para essa realidade crítica que observa uma instituição e vê nela suas possibilidades para além do que é visto em um olhar superficial. Na atual conjuntura, torna-se mais do que necessário analisar esse espaço e aquilo que é proposto em seu interior.

Pensando nas atuais demandas do cenário político, cultural e econômico envolvendo as igrejas, e aqui nos referimos em especial às evangélicas, Siqueira (2022) aponta o problema da sociedade brasileira em reproduzir caricatural o evangélico, e faz isso justamente por desconhecê-lo. Nesse sentido, o autor diz que:

Ciente desse problema, alguns meios de comunicação começaram a abrir espaço para pastores falarem na grande mídia, mas, quase sempre, os entrevistados escolhidos são pastores politicamente progressistas e marcadamente secularizados. Embora a participação seja relevante, trata-se do tipo de pastor “palatável”, que fala a mesma língua da elite cultural, mas que passa longe de representar uma massa evangélica que, ao menos do ponto de vista social, é majoritariamente conservadora (SIQUEIRA, 2022, p.25)

O autor prossegue em sua crítica mostrando a força desse povo desconhecido pela elite cultural brasileira e atribui a fatores socioeconômicos dizendo que, “Essa desconexão entre a elite cultural e os evangélicos encontra uma explicação clara na desigualdade social.” (SIQUEIRA, 2022, p. 27).

Sejam quais forem os fatores, o fato é que estamos diante de um cenário no qual uma parte considerável da população transita em espaços desconhecidos,

como a EBD, que produzem educação, religiosidade e cultura que conforme veremos possibilitam identidade e sentido para a vida.

CAPÍTULO 2

IDENTIDADE SOCIAL, SENTIDO DA VIDA E A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Neste capítulo, discorreremos sobre os conceitos de construção da identidade social e sentido da vida, buscando relacioná-los com a EBD, isto é, como esse espaço possibilita a construção de uma identidade que por um lado, aproxima o indivíduo; mas por outro lado, o diferencia de outros, pois, conforme veremos, isso é uma das características da identidade social ao ser construída, identificar e diferenciar.

De certa forma, esse capítulo é uma introdução também porque apresenta os três aspectos que nos propomos a trabalhar. Portanto, devemos nos lembrar que nas ciências sociais discute-se muito sobre uma crise de identidade, ao mesmo tempo que se fala também em uma crise de sentido que tem fragmentado o indivíduo em um processo de descentralização, e ao mesmo tempo desestabilizando o mundo.

Sobre conceito de identidade social trabalhamos aqui a partir de um referencial teórico da sociologia que entende a identidade como um processo inacabado, em constante interação com o meio em que está inserido. Dubar (2005) sugere dois aspectos importantes sobre a identidade dizendo que há uma divisão interna que precisa ser esclarecida, pois fala de identidade para si e identidade para o outro em um processo que é inseparável, ou seja, o que o indivíduo é no olhar do outro? Desta forma, a identidade como vamos trabalhar aqui passa por essa complexa questão do eu, o meio e o outro.

A esses dois aspectos da identidade Dubar (2005) classifica como processos biográficos, quando se refere à identidade para si, e processos sistêmicos ou comunicativos se referindo à identidade para o outro. Apesar de distintos, Dubar diz que são processos que utilizam mecanismos em comum que seria a ideia de tipificação, isto é, existiria um número limitado de tipos identitários. Pensando assim o autor diz que,

Essas categorias particulares que servem para identificar os outros e para se auto-identificar são variáveis tanto de acordo com os espaços sociais onde se exercem as interações como de acordo com as temporalidades biográficas e históricas em que se desenrolam as trajetórias (DUBAR, 2005, p.143)

No que diz respeito à crise de sentido, Frankl (2019) diz que o sentimento de perda de sentido está no fundo de uma neurose coletiva trazendo um vácuo existencial. O autor fala sobre a exclusão de referências de sentido que resultam em um conformismo e “entorpecente falta de iniciativa”, pois, “nem os instintos lhe dizem o que tem que fazer, nem a tradição lhe diz o que deve fazer” (FRANKL, 2019, p.26), ou seja, as pessoas não sabem para onde ir, de onde vieram, porque não sabem quem são, falta-lhes identidade, falta-lhes sentido.

Sobre a crise de identidade, Stuart Hall (2006) nos chama a atenção para esse fenômeno onde as identidades antigas que traziam estabilidade ao mundo social estão em constante declínio e, portanto, fragmentando o indivíduo que era visto como um sujeito unificado. Sua proposta é justamente analisar em que consiste a crise na modernidade e para onde ela está indo.

Aqui é interessante notar que, assim como vimos em Frankl (2019), a questão da falta de referência de sentido e os problemas que disso decorrem, Hall (2006) diz que as mudanças na sociedade moderna estão “abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Por isso, continua o autor afirmando que “A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas” (HALL, 2006, p.7). Resta saber que tipo de mudança está acontecendo, para onde e como isso se dá.

Para Hall (2006), existem três concepções de identidades, sendo que o “sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (HALL, 2006, p.46). Essa fragmentação gera instabilidade e medo no indivíduo que busca segurança nesse processo de construção identitária. O indivíduo precisa saber quem é para saber aonde ir e com quem ir.

O autor destaca seu posicionamento favorável a esse fenômeno de fragmentação da identidade, mas que carece ainda ser estudado, e mesmo suas colocações podem, diz ele, ser refutadas devido à complexidade que é a noção de identidade nas ciências sociais. Devido a essa complexidade buscamos articular com outros autores esses conceitos na tentativa de esclarecer nosso melhor essas questões.

Zygmunt Bauman (2005), por exemplo, afirma que “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta de ser devorado...” (BAUMAN, 2005, p. 84 apud VIEIRA, 2009). O indivíduo, portanto, se encontra nessa luta identitária consigo mesmo, na tentativa de se identificar com algo, e com o mundo a sua volta, que o identifica classificando-o de uma ou de outra forma. Observe que Bauman também usa o termo fragmentação, importante em nossa reflexão.

Destacamos ainda a concepção de identidade de Dubar (2005) que aponta dois posicionamentos filosóficos distintos e importantes sobre isso dizendo que,

A primeira corrente pode ser denominada essencialista na medida em que, qualquer que seja a acepção do termo identidade, ela repousa sobre a crença nas «essências», nas realidades essenciais, nas substâncias ao mesmo tempo imutáveis e originais. (DUBAR, 2005, p.7)

Esta posição sobre identidade é atribuída a Parmênides, filósofo que viveu no século X a.C, e vê a identidade como algo essencial, ou seja, algo profundo no indivíduo, aquilo que ele é. Em contrapartida, temos do outro lado, o posicionamento atribuído a Heráclito, outro filósofo pré-socrático com a ideia de que tudo flui, ou como bem disse o poeta, “Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa, tudo sempre passará⁵”. Enfim, nessa corrente de pensamento,

A identidade de qualquer ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adotado. Quais são então, neste caso, as categorias que permitem saber alguma coisa sobre estes seres empíricos em constante mutação? São as palavras, os nomes que dependem do sistema de palavras em uso, servindo,

⁵ Como uma onda. Canção de Lulu Santos.

num determinado contexto, para as nomear. São os modos de identificação, historicamente variáveis. Esta corrente denominar-se-á nominalista, por oposição a essencialista. (DUBAR, 2005, p.8)

Dubar se posiciona mais próximo a esta última corrente por entender a importância da identidade como aquilo que o indivíduo tem de mais valioso, além de destacar que a identidade pressupõe alteridade, isto é, depende do outro, e nesse sentido não fala somente do que é o indivíduo, mas também daquilo que o diferencia do outro. “Não há, nesta perspectiva, identidade sem alteridade. As identidades, assim como as alteridades, variam historicamente e dependem do seu contexto de definição” (DUBAR, 2005, p.8).

O autor fala ainda de “alienação, angústia e até mesmo morte” diante da crise de identidade que causa exclusão e instabilidade psíquica e emocional, e assim como colocou Hall (2006), Dubar também diz que a questão é bem complexa porque,

(...) a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto das sucessivas socializações (DUBAR, 2005, p. 25).

É no sentido de construção da identidade social, através de suas relações sociais que pensamos o contexto da EBD como um espaço propício que fornece ao indivíduo condições de envolvimento, pertencimento, expansão de fronteiras interiores e conseqüentemente sentido para sua vida, como veremos mais à frente. Dubar (2005) prossegue dizendo que, “A socialização é, enfim, um processo de identificação, de construção de Identidade, ou seja, de pertencimento e de relação” (DUBAR, 2005, p.24).

Essa relação de pertencimento acontece por meio da aproximação e identificação com propostas e ideias no meio dos grupos, mas em nosso contexto podemos mencionar, por exemplo, a riqueza cultural desenvolvida a partir da tradição cristã que elaborou ao longo dos séculos uma diversidade de símbolos,

literatura, entre outras coisas que estruturaram o imaginário ocidental, cativando o indivíduo por meio de uma proposta espiritual que lhe fornece sentido.

Voltando à questão da construção da identidade, Vieira (2009) diz que, “Parte-se da compreensão de que a identidade do indivíduo é produto da interação entre parceiros e da trajetória de vida pessoal e social” (VIEIRA, 2009, p. 35). A autora se vale ainda de alguns conceitos de Dubar (2005) ao dizer que:

[...] cada configuração identitária é resultante de uma dupla transação: uma entre o indivíduo e as instituições (transação objetiva) e outra entre o indivíduo em confronto com uma mudança e o seu passado (transação subjetiva). Isso é resultado de uma articulação entre uma identidade (virtual) atribuída pelo outro e uma identidade (virtual) para si construída ao longo de uma trajetória de vida anterior, (pertença) (VIEIRA, 2009, p.37)

As instituições que conferem identidade ao indivíduo são necessárias pela identificação e ao mesmo tempo pela delimitação das fronteiras, quando então, ele sabe quem é e ao mesmo tempo quem não é, algo que lhe fornece elementos de segurança e posicionamento em sua trajetória de vida.

Dennys Cuche (1999) diz que “Atualmente, as grandes interrogações sobre a identidade remetem frequentemente à questão da cultura. Há o desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos” (CUCHE, 1999, p.175). Pensando nisto, vamos falar um pouco mais sobre cada um desses aspectos separadamente.

2.1 QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE SOCIAL

A Identidade social é por um lado uma construção que se faz na relação do indivíduo com o meio no qual está inserido, e ao tratarmos a questão da identidade social, um aspecto importante que devemos observar é sobre aquilo que identifica um indivíduo e o aproxima de um grupo, e pode ser entendido como algo pronto que o mesmo se apropria ao interiorizá-lo, isto é, eu escolho ser isto ou aquilo.

Mas, por outro lado também, o diferencia e distancia de outros, isto é, se escolhi isto, não quero aquilo.

A questão da identidade diz respeito também à representatividade na sociedade, ou seja, onde me encaixo nesse emaranhado de vozes que buscam seu espaço, principalmente em um contexto crescente do pluralismo. Por um lado, parece simples, conforme veremos, por tratar de identificação e ao mesmo tempo diferenciação; contudo, Dubar (2005) coloca esse tema da seguinte forma:

Eu nunca posso ter certeza de que minha identidade para mim mesmo coincide com minha identidade para o Outro. A identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura. (DUBAR, 2005, p.135)

Sobre essa questão, Vieira (2009) diz que, “As atribuições poderão ser aceitas ou não. É na relação entre esses dois tipos – atribuição e pertença – que está baseada a noção de formas identitárias” (VIEIRA, 2009, p.39), ou seja, relacionar o que quero como identidade e o que me é atribuído não é algo tão simples, envolve ambas as partes em um processo que podemos chamar dialético, pois conversa com ambos os lados, por isso Dubar (2006) vai dizer que,

De fato, pode-se sempre aceitar ou recusar as identidades que, nos são atribuídas. Podemos identificar-nos duma outra forma que não a dos outros. É a relação entre estes dois processos de identificação que está na base da noção de formas identitárias” (DUBAR, 2006, p.9)

Considerando ainda essa questão de atribuição e recusa, Dubar (2006) pontua que é “na atividade com os outros, o que implica um sentido, um objetivo e/ou uma justificação, uma necessidade (...) que um indivíduo é identificado e levado a endossar ou a recusar as identificações que recebe dos outros e das instituições” (DUBAR, 2006, p.138). Neste sentido envolve questões à priori, essenciais no que diz respeito aquilo que recebemos como herança cultural, educacional e religiosa, mas também questões à posteriori, ou seja, nominais e contingentes no tempo e no espaço em que vive o indivíduo.

Tudo isso nos leva a pensar em quão complexo é esse fenômeno identitário, e dentro dessa complexidade, porém agora, levando o tema para o campo da psicanálise, Stuart Hall (2006) examina a questão e destaca a concepção de Freud e Lacan dizendo que,

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual (HALL, 2006, p.37)

Porém, a despeito da complexidade, o que nos parece é que o autor fecha essa questão com a percepção da identidade como construção, dizendo que, “Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p.37). A ideia prevalecente é que, como o sujeito está em constantes mudanças sua identidade está sendo construída. Essa concepção conversa com o que já vimos em Dubar (2005) que se posiciona ao lado da visão nominalista, mas Hall (2006) aprofunda ainda mais a questão dizendo que,

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo., através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada.” (HALL, 2006, p.38).

Uma identidade sempre em formação, ou sempre sendo formada. Neste sentido, contribui também no debate a percepção de Gadotti (2001) no contexto educativo, ao falar sobre a importância do ato de reconhecer-se para construir um itinerário pedagógico. Diz o autor que, “Tudo começa pelo reconhecimento da identidade. O primeiro ato educativo é o reconhecimento ou resgate da identidade do educador e do educando, como existência própria” (GADOTTI, 2001, p.274).

Em nosso contexto de pesquisa é importante situar a identidade do educador, uma vez que o mesmo ao fazer isso assume a identidade que lhe é atribuída no espaço onde atua, bem como trabalha para que a identidade do outro seja construída e solidificada, com os benefícios que isso lhe dá em sua vivência

em um tempo marcado, como disse Gadotti (2001) “pela explosão das diferenças: étnicas, sexuais, culturais, nacionais etc.; que coloca a questão do resgate da identidade. Cada vez mais nos perguntamos: quem somos nós?” (GADOTTI, 2001, p.275). Responder esta pergunta é essencial ao ser humano.

Pensando na EBD dentro desse contexto educativo, conforme visto acima por Gadotti; porém, agora como ambiente de estruturas sociais, Berger e Luckmann (2004) em “A construção social da realidade” dizem que,

A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias no curso das quais emergem. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.228)

Ajuda-nos, também, a compreender melhor essa questão de identidade, Denys Cuche (1999) dizendo que, “a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social (...). A identidade permite que um indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.” (CUCHE, 1999, p.177), ou seja, o autor leva em consideração o processo de pertencimento, um fenômeno comum em contextos de interação social, como é nosso ambiente de pesquisa.

O autor prossegue observando que “a identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão” (CUCHE, 1999, p.177). Inclusão, por abarcar quem pensa e age da mesma forma; e exclusão por distinguir de outros movimentos contrários ou com visões e opiniões diferentes sobre aspectos diversos da vida, isso porque “A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que se opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (CUCHE, 1999, p.182). Usamos o termo exclusão não no sentido pejorativo, mas sim de delimitação de fronteiras identitárias.

Aqui podemos destacar a importância de se esclarecer que nesse processo de delimitação envolve-se a humildade, mas como bem esclarece Frankl (2019),

“Humildade, portanto, significa tolerância; mas tolerância não quer dizer indiferença, pois o respeitar a fé de quem de outro modo crê, nem de longe requer que nos identifiquemos com a fé alheia” (FRANKL, 2019, p.107). Portanto, é possível, estabelecer suas fronteiras de identidade sem necessariamente desrespeitar quem de outra forma, pensa, age ou crê.

Moacir Gadotti (2001) concorda também com essa questão de inclusão e exclusão ao trabalhar o conceito de identidade cultural dizendo que, “Na identidade existe uma relação de igualdade que cimenta um grupo, igualdade válida para todos os que a ele pertencem. Porém, a identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, diferente” (GADOTTI, 2001, p.274), ou seja, o outro no sentido de outra identidade cultural configura-se como um delimitador do perímetro, ou podemos dizer fronteira.

Compreende-se assim a identidade como fronteiras objetivas e subjetivas de demarcação do indivíduo. Não é algo físico, ainda que possa ter reflexos exteriores com alguns estereótipos, sejam roupas, modos de se viver, falar etc. Berlatto (2009) coloca da seguinte forma:

Considerando que toda a identificação é ao mesmo tempo diferenciação, no processo de identificação o essencial é a vontade de marcar os limites entre ‘eles’ e ‘nós’ e, imediatamente, de estabelecer e manter o que chamamos de fronteira. (BERLATTO, 2009, p.9).

Entendemos que essas fronteiras se fundamentam na consciência do indivíduo por um processo subjetivo que ocorre ao longo da vida, através de sucessivas mudanças que ocorrem através das relações desenvolvidas. Dialoga com essa perspectiva G. J. Paiva, ao dizer que:

A identidade resulta da tomada de consciência de se pertencer a um grupo e de não se pertencer a outro. Essa tomada de consciência realiza-se pela categorização, critério que discrimina os grupos como próprio e alheio, (ingroup e outgroup), e localiza o indivíduo no grupo próprio. (PAIVA, 2004, p.22)

Outro aspecto importante observado por Berlatto (2009) são as relações de trocas que fornecem os elementos para a construção da identidade. O autor diz que “é no interior das trocas sociais que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente” (BERLATTO, 2009, p.3), ou seja, no relacionamento com o outro, pertencente ao mesmo grupo que a identificação vai surgindo e sua identidade social se forma e se reforma, uma vez que as relações são dinâmicas.

Pensar no conceito identitário e como se desenvolve no contexto da EBD são questões pertinentes que procuramos responder nesse trabalho, contudo, dentro desta complexidade podemos cogitar em não um, mas talvez em vários movimentos identitários, uma vez que há uma gama de possibilidades devido às subjetividades de cada um que recebe e absorve de forma diferente o conteúdo dessas relações travadas nesse espaço. Sobre isso vale destacar ainda duas questões colocadas por Dubar (2005), ao mencionar que existem dois processos, sendo um:

à atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes que estão em interação direta com os indivíduos” (...) e o segundo processo concerne à interiorização ativa, à Incorporação da identidade pelos próprios indivíduos. Ela só pode ser analisada no interior das trajetórias sociais pelas e nas quais os indivíduos constroem “identidades para si” (DUBAR, 2005, p. 139).

Sobre isso, destacamos já os conceitos de identidade e movimentos identitários, e ao fazer isso mencionamos em alguns pontos a instituição como capaz de atribuir identidade ao indivíduo. Isso nos leva a pensar na EBD como uma instituição com possibilidades educativas que confere ao indivíduo uma identidade, ou possibilidades de aderir a identidade trabalhada uma vez que, para Dubar (2006)

Esta construção identitária é, ao mesmo tempo um assunto eminentemente privado e um assunto público e, logo, político no sentido mais forte da palavra. Enquanto cidadão, ou simplesmente ser humano, cada um deve poder encontrar os recursos para construir a sua identidade pessoa, incluindo os recursos simbólicos que lhe permitem acender à cidadania” (DUBAR, 2006, p.139).

Ao falar de construção identitária no sentido privado, podemos recordar da máxima de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”. Sobre isso, o filósofo holandês Hermann Dooyerweerd (1894-1977) relaciona a crise da sociedade ocidental com a pergunta: “O que é o homem?”, que, em sua percepção soa como um grito de dor. Dooyerweerd (2018) diz que há uma crise em decorrência “do declínio completo da personalidade humana, como o surgimento do *homem-massa* (...) *O homem-massa moderno perdeu todos os seus traços pessoais*” (DOOYERWEERD, 2018, p.225).

Enfim, estamos diante de uma crise de identidade, problema esse que leva à falta de sentido, uma vez que não conhecendo a si mesmo, o homem está alienado de sua natureza, ou como disse Sócrates: “Enquanto eu não tiver sucesso em conhecer a mim mesmo, não tenho tempo para lidar com outras questões, que a mim me parecem insignificantes em comparação a esta” (SÓCRATES apud DOOYERWEERD, 2018, p.224).

Para Dooyerweerd (2018), o “eu humano”, que em nosso contexto podemos colocar como identidade, não pode ser concebido à parte de alguns aspectos, como em primeiro lugar, a ordem temporal que o ego se relaciona; em segundo lugar, a relação do ego com o semelhante nos levando a um autoconhecimento. Dooyerweerd (2018) diz que, “A razão é que o ego de nosso semelhante confronta-nos com o mesmo enigma com o qual nosso próprio eu se nos apresenta” (DOOYERWEERD, 2018, p.233).

Enfim, por não saber sobre si, falta-lhe sentido na vida. Portanto, passemos agora para uma outra questão tão importante quanto esta que discorreremos, pensando, no entanto, na proposta da identidade como um sentido para a vida. Vamos destacar à frente o problema da crise de sentido no mundo pluralista, e posteriormente, relacionar com a identidade formada na EBD.

2.2 A CRISE DE SENTIDO NO MUNDO PLURALISTA

Conforme já vimos, discute-se muito a crise de identidade, contudo, Berger e

Luckmann (2004) propõem também uma crise de sentido que conforme os autores é atribuída à modernidade e ao pluralismo. Para os autores, “O sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.14). Esses processos sociais são as relações vivenciadas na sociedade, nas instituições como família, escola, igreja, clubes etc. Por isso afirmam que:

Nossa primeira preocupação foi com a identidade pessoal, o ponto de referência pessoal do sentido da vida e do agir. A identidade pessoal da criança se forma ao perceber o reflexo de seu comportamento na ação das pessoas que lhe estão mais próximas. Por isso uma certa coerência no agir dessas pessoas é o pressuposto mais importante para o desenvolvimento de certa forma imperturbável da pessoa. Não se verificando este pressuposto, aumenta a possibilidade de surgirem as crises subjetivas de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.77).

Os autores identificam a crise na falta de referências comportamentais como fundamento para identidade pessoal. A crise de sentido, portanto, diz respeito à instabilidade e insegurança da atual conjuntura plural que discute a validade das instituições presentes na sociedade, nas quais os indivíduos buscam sentido para suas vidas, uma vez que as instituições “organizam a intermediação das reservas históricas de sentido para os membros da sociedade, adaptando-as às novas necessidades” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.76).

Retomando a questão do pluralismo, Peter Berger no livro, “Em favor da dúvida”, juntamente com Anton Zijderveld diferenciam o termo pluralidade de pluralização, dizendo que o primeiro se refere ao contexto em que vários grupos convivem na sociedade em condições de paz, e o último se refere ao processo que levaria a essa situação (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p.6), isto é, a multiplicidade de ideias, crenças e lados possibilitariam a convivência em condições de paz.

Os autores tratam a modernidade com sua crescente velocidade como causa do pluralismo, ou seja, em comparação com tempos antigos em que os “seres humanos viviam em comunidades caracterizadas por um grau extremamente elevado de consenso cognitivo e normativo” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p.8). Havia, para os autores, muros que separavam,

delimitavam, estabeleciam premissas em comum facilitando a vida do indivíduo em sociedade.

Esse pluralismo, dizem os autores, acontece devido ao fenômeno que é chamado de “contaminação cognitiva”, partindo do princípio de que ao se relacionar com o outro, suas ideias, crenças e valores deixam de ser nocivas, vão sendo assimiladas e aceitas gradativamente. Sobre os valores, Frankl (2019) diz que

o homem experimenta uma degradação de valores, princípios éticos e morais, de validade mais ou menos geral: com o decurso da história, esses valores degradam-se efetivamente, cristalizando nos quadros da sociedade humana. Esta degradação, porém, vem a ser para o homem o preço pago por declinar de si os conflitos. Não se trata aqui propriamente de conflitos de consciência; de resto, tais conflitos não existem na realidade, pois é inequívoco o que a consciência dita a cada um. O caráter de conflito é antes inerente aos valores. (FRANKL, 2019, p.110)

A questão dos valores no contexto da pluralização é discutida no âmbito religioso. Porém, o problema da pluralidade não afetou apenas o contexto religioso, e nesse sentido Berger e Zijderveld (2012) dizem que, “A pluralização, contudo, afeta a religião, como também a moralidade. E é mais difícil lidar com a pluralização dos valores, que constituem a base da moralidade, do que com a pluralização religiosa” (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p.20), ou seja, os valores, a moralidade, as crenças, enfim, a própria vida é afetada diretamente por esse pluralismo.

O problema, portanto, da modernidade nesse sentido diz respeito à relativização, às retiradas dos marcos de fronteiras que trazem segurança por sabermos quem somos, de onde viemos e para onde vamos e, “À medida que a modernidade se estabelece, a pluralização torna as estruturas de plausibilidade

cada vez mais frágeis e temporárias”, afirmam (BERGER; ZIJDERVELD, 2012, p.20). Pensando no fato de tornarem “frágeis” as estruturas, somos levados a considerar alguns aspectos da crise que para Vieira (2009), fazendo uma leitura de Dubar diz que:

O autor faz uma análise das rupturas que têm ocorrido na França nos últimos 30 anos, nas áreas de família (sua organização e a posição da mulher e do homem na mesma), de trabalho e de profissão, pois se encontram abalados e com novas configurações e, por fim, nas áreas da religião e das ideologias políticas que sofrem por crises éticas (VIEIRA, 2009, p. 48).

As rupturas acontecem, e nesse sentido nos ajudam a compreender melhor Berger e Luckmann (2004), ao dizerem que “O indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.39), desta forma, o terreno em que anda não é sólido, pelo contrário, é um espaço cada vez mais fluido e por não haver valores comuns, necessariamente surgem as crises.

Os autores prosseguem pontuando algo importante para o contexto no qual essa pesquisa é desenvolvida, isto é, “Com referência ao Ocidente moderno isto significa que o declínio do Cristianismo causou a crise moderna de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.47). É claro que não é nossa intenção dizer que o Cristianismo se resume à EBD, no entanto, ela está inserida nesse contexto que os autores destacam como fonte de sentido no ocidente.

Voltando ainda à questão das rupturas que, podemos dizer, não são uma exclusividade da França, conforme colocado acima por Dubar, partindo do fenômeno da globalização, as instituições como família, religião etc., são, conforme Berger e Luckmann (2004) repositórios de sentido, isto é, administram ao longo de sua existência sentido naquilo que fazem, ensinam e constroem.

Isso corrobora a perspectiva defendida por essa pesquisa, que vê na EBD uma instituição capaz de promover condições de sentido para a vida de seus participantes, pois conforme os autores acima, “As instituições devem conservar e disponibilizar o sentido para o agir do indivíduo em diversas áreas de ação quanto para toda sua conduta” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.23). Os autores desenvolvem esse pensamento dizendo que:

[...] com a ajuda dessas instituições a própria pessoa colabora na produção e processamento do acervo social de sentido. Por isso, a

reserva existente de sentido não é experimentada como imposta e prescrita autoritariamente, mas como oferta que foi formada pelo conjunto dos membros individuais da sociedade e que é passível de mudança. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.70).

Desenvolve-se no contexto das instituições a colaboração entre o indivíduo localizado no tempo e época e a herança que recebe no espaço que participa. Sua individualidade com formas de pensar e agir contribui para a conservação e produção de sentido. Essa perspectiva se assemelha à ideia de estruturas de pensamento desenvolvidas por Piaget, que conforme Feuerstein (2014) “permitem que a pessoa organize o mundo que é vivido e o planeje para criar nova informação a partir do que não é vivido diretamente e construir em pensamento um mundo expandido que é planejado e organizado” (FEUERSTEIN, 2014, p.19).

Pensando ainda na crise de sentido da modernidade e como o processo de secularização contribui para tal fenômeno, Andrade (2008), em sua dissertação sobre Identidade e Religião: uma análise da construção da identidade religiosa juvenil, diz que,

A religião dentro de uma visão histórica, sempre teve a função de legitimar e garantir a ordem construída para bem viver na sociedade. O ser humano percebia a ordem do mundo como uma determinação divina que estava além do alcance humano que devia ser obedecida (ANDRADE, 2008, p.16)

Frente aos desafios da modernidade e a fragmentação das instituições por sua fluidez, configura-se um desafio suprir a necessidade transcendental do homem que se faz na relação com o outro, mas que também anseia pelo sentido último de sua vida que se projeta para além daqui e agora, isto é, sua dimensão espiritual cultivada no contexto da religiosidade pessoal e institucionalizada que lhe fornece subsídios para sua identidade social como sentido para vida.

Contudo, é importante atentar-se que o sentido envolve dois aspectos que Frankl (2019) coloca como subjetivo, mas também objetivo.

O sentido é subjetivo na medida em que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um dos outros; entretanto, no caso concreto de que se tratar, o sentido não pode ser puramente

subjetivo: não pode ser a mera expressão, o puro reflexo do meu ser, nos termos em que o subjetivismo o relativismo o entendem e no-lo pretendem fazer crer (FRANKL, 2019, p.105)

O criador da Logoterapia⁶ diz ainda que “O problema do sentido da vida, quer se apresente quer não expressamente, cumpre defini-lo como um problema caracteristicamente humano”. Esse problema que em nosso contexto chamamos de crise de sentido relacionado ao pluralismo pode ser resolvido compreendendo o homem sua identidade e propósitos, por isso continua Frankl (2019) dizendo ainda que,

O homem não dispõe de um instinto que, como sucede aos animais, lhe dite o que tem que fazer, e hoje em dia não há uma tradição que lhe diga o que deve fazer; em breve, também não saberá o que quer propriamente e terá que estar preparado, quanto antes, para fazer o que outros quiserem dele; por outras palavras: tornar-se-á um juguete nas mãos de chefes e sedutores autoritários e totalitários. (FRANKL, 2019, p.45)

Cumprido, portanto, às instituições, como repositórios de sentido, trabalhar essas questões na busca de ajudar o homem. No entanto, o sentido não pode ser imposto nem inventado, mas descoberto pelo indivíduo conforme afirma Frankl, (2019, p.108). Essa descoberta passa pela compressão de valores que transcendem a dimensão biológica. Para Ferreira (2021),

Frankl, enquanto fundador da Logoterapia e Análise existencial, travou uma luta contra o niilismo (negação dos valores e do sentido do homem), que, na época, estava no auge da sua força contaminadora; e contra o reducionismo biopsíquico (que reduz o ser humano a nada mais que um produto do psicofísico) (FERREIRA, 2021, p.27).

A vida de Viktor Frankl nos fala sobre esse encontrar o sentido, uma vez que passou pelos terríveis campos de concentração nazistas e nos relatou como, mesmo em meio ao sofrimento, em todos os sentidos, o homem pode ter uma postura diferente, projetando-se para além da situação em si vivenciada, porque

⁶ “A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano” (FRANKL, 2019, p.124).

conforme bem coloca Ferreira (2021) “Na psicologia frankliana, se valoriza a dimensão do espírito, a dimensão noética, regida pelo reino dos valores” (FERREIRA, 2021, p.27).

Nesse ponto, é bom que se esclareça que não é o sofrimento ou a crise em si que desperta o sentido ou o que faz com que o indivíduo o encontre. Frankl (2019) diz que “o sentido está disponível apesar do – ou melhor, através do – sofrimento [...]. Por outro lado, mesmo se a pessoa não puder mudar a situação que causa sofrimento, pode escolher mudar sua atitude” (FRANKL, 2019, p.170). Sua visão realista da vida o levou a compreender que o sentido diz respeito não necessariamente às circunstâncias favoráveis, isto é, ter os meios para se viver, mas assumir uma postura diante da existência e buscar o porquê de se viver.

Em nosso próximo tópico, destacamos a Escola Bíblica Dominical com suas abordagens curriculares e objetivos que buscam fornecer subsídios para que seus participantes tenham como se localizar na vida como seres que sabem quem são e para o que estão aqui, ou seja, revelar as possibilidades e os porquês de se viver em um mundo pluralista com suas crises.

2.3 ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL, SEU CURRÍCULO E SEUS OBJETIVOS.

A EBD é uma instituição que está inserida no contexto maior da religião, um campo amplo que trabalha com questões pertinentes a vida, como as origens e destino último do ser humano, cada uma segundo sua tradição, além é claro de sua vivência enquanto cidadão que atua modificando a realidade a partir daquilo que acredita em seu universo de sentido. Sobre as instituições, Berger e Luckmann (2004) dizem que “a sociedade moderna criou uma série de instituições especializadas na produção e comunicação de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.68), e como tal, a religião não foge à regra.

Trabalhamos aqui com a perspectiva da EBD como uma instituição capaz de produzir possibilidades de sentido para o indivíduo por meio de suas propostas curriculares, pedagógicas, culturais e filosóficas, isto é, existe por trás uma filosofia

pedagógica e ministerial, ou nas palavras de Berger e Luckmann (2004), “serviços simbólicos”. Para os autores, as igrejas “são intermediárias por que fazem a ponte entre o indivíduo e os padrões de experiência e ação estabelecidos na sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.70).

No sentido educacional, envolve toda uma estrutura pedagógica fundamentada na Bíblia como regra de fé e prática. Albuquerque e Barbosa (2016), falando sobre religião como educação, dizem que,

As contribuições oriundas dos estudos sobre a educação em sua interface com a antropologia e com a história cultural subsidiam a compreensão da religião como um processo educativo, por meio do qual um conjunto de saberes é posto em circulação e apreendido, contribuindo para a formação de identidades. (ALBUQUERQUE; BARBOSA, 2016, p.5).

As autoras discutem o conceito de educação no contexto das religiões como fator que contribui para a formação de identidades. Nesse sentido, se encaixa a EBD, onde domingo após domingo milhares de pessoas se deslocam de suas casas para esse espaço em um exercício devocional, alimentando suas crenças e ao mesmo tempo discutindo questões relativas à vida, à sociedade, à política, à educação, entre outros, tudo isso tendo como parâmetro a leitura e exposição da Bíblia.

Essa exposição contínua contribui para a formação da visão de mundo das pessoas, forma a identidade do grupo e, por conseguinte, o indivíduo interioriza essa identidade, pois conforme Colson e Percy (2005), “Nossas escolhas são formadas pelo que acreditamos ser real e verdadeiro, certo e errado, bom e bonito. Nossas escolhas são formadas pela cosmovisão ou “visão de mundo” (COLSON; PEARCY, 2005, p.32). A visão de mundo⁷ da pessoa são as lentes pelas quais ela vê e interage com a realidade.

⁷ “A palavra cosmovisão (visão de mundo) é a tradução do termo alemão Weltanschauung e foi usada pela primeira vez pelo filósofo iluminista Immanuel Kant em sua obra Crítica da faculdade do juízo (1790)”. Goheen, Michael W. Goheen. Introdução à Cosmovisão Cristã. Vivendo na Intersecção Entre Visão Bíblica e a Contemporânea. Michael W. Goheen & Craig G. Bartholomew. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo. Vida Nova 2016, p.35.

O que permite com que os indivíduos, participantes da EBD, desenvolvam sua identidade é justamente a continuidade desse processo, algo que Gimeno Sacristán (1999) coloca como “processos de estabilização das ações na prática educativa por meio do habitus e da institucionalização”, conceitos esses extraídos, o primeiro de Pierre Bourdieu (1991) e o segundo de Berger e Luckmann (1996). O autor diz que, “Ao reproduzir-se a prática educativa, manifestam-se transformações individuais nos agentes individuais, porque a ação pela qual obtém continuidade tem sempre caráter aberto e pessoal” (SACRISTÁN, 1999, p.82).

Não ignoramos que dentro deste espectro da EBD existem diversos discursos, o que na verdade enriquece qualquer formação, por isso mesmo que nos propomos restringir às igrejas protestantes de matizes históricas, sendo inclusive o foco da análise de Alves (2005), que define a ética do protestantismo, como algo que compreendemos ser construída dentro de seus espaços como,

individual e não social. Ela indica as marcas do comportamento do crente, adequando à sua condição de salvo, descreve os traços do caráter perfeito, delimita as fronteiras além das quais não deve ir sob pena de disciplina eclesiástica e da perdição eterna (ALVES, 2005, p. 257).

Assim como os espaços de educação não formal tem algum objetivo específico em suas práticas educativas, a EBD enquanto espaço de educação formal não escolar também tem suas práticas educativas específicas. A educação que se promove nesse espaço, favorecendo o movimento de constituição da identidade social do indivíduo, é chamada cristã, e por definição conforme George (1993) em Igreja Ensinadora,

é um processo, tanto de transformação como de formação de pessoas e comunidades (...) A Educação cristã facilita, promove, gera, guia, acompanha e estimula o desenvolvimento das pessoas, a partir do nascimento até a maturidade e à morte (GEORGE, 1993, p.14).

Nesse processo educativo, cria-se a partir de suas definições os limites de quem é, bem como de quem são seus opositores, ou aqueles a quem se deseja alcançar, pois segundo Alves (2005) a “Identidade pressupõe conflito” (ALVES,

2005, p.285). A identidade em si pressupõe conflito, mas também uma ética, um conjunto de orientações que guia a práxis. Kaiser Jr (2015), falando sobre as questões éticas da atualidade e o cristão, diz que a Bíblia é a fonte de onde o cristão extrai os preceitos que orientam sua vida, por isso destaca que:

Mas de que maneira uma pessoa pode usar as Escrituras para tomar decisões éticas e classificá-las (...) A Bíblia pode ser empregada de quatro maneiras diferentes nesse contexto: ela pode funcionar (1) como guia, (2) como sentinela, (3) como bússola e (4) como princípio. Dessa forma, guias indicam a rota que devemos seguir, ao passo que as sentinelas nos advertem contra decisões ou caminhos errados. Bússolas nos ajudam a obter orientação e princípios reúnem as ideias abstratas que resumem vários exemplos encontrados nas Escrituras (KAISER JR., 2015, p.11).

O emprego da Bíblia no contexto da EBD, como já vimos, serviu a seu propósito não somente religioso, mas também como base para Robert Raikes, seu fundador, instruir as crianças em áreas diversas do saber, em especial atendendo desta forma o aspecto social, uma vez que conforme Matos (2005) coloca, “Na maior parte da história da igreja os cristãos entenderam que o socorro aos sofredores era um aspecto muito importante da sua vocação no mundo” (MATOS, 2005, p.166).

Auxiliando o emprego da Bíblia na EBD existem, além da abordagem direta ao texto, inúmeros materiais de apoio com temas diversificados que as editoras elaboram na tentativa de atender as demandas. Um conhecido método empregado são as revistas para a EBD. Abaixo destacamos algumas revistas de três principais editoras com assuntos que envolvem questões doutrinárias, bem como temas contemporâneos onde é aplicada a ética bíblica.

Outro fator importante de se destacar são os eventos promovidos para capacitação de professores. A editora Cultura Cristã, por exemplo, promove anualmente um congresso⁸ em locais diversificados para atender a demanda da

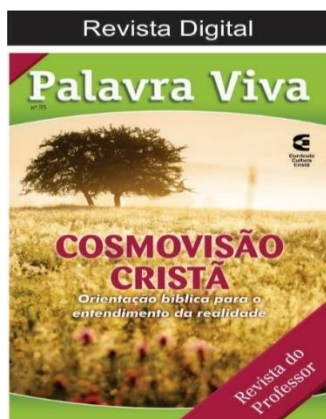
⁸Congresso Cultura Cristã. Disponível em: <https://www.e-inscricao.com/editoraculturacrista/6ccc>. Acesso em 09 nov. 2022

educação na igreja. A editora CPAD também dispõe deste recurso que já está em sua 10ª edição⁹

A primeira editora é conhecida como Cultura Cristã e está ligada à Igreja Presbiteriana do Brasil. Destacamos as revistas onde são trabalhadas questões como sofrimento, família, sexo, política, redes sociais, trabalho etc., por entender que são temas sempre atuais e que abordam questões mais práticas do que necessariamente doutrinárias.

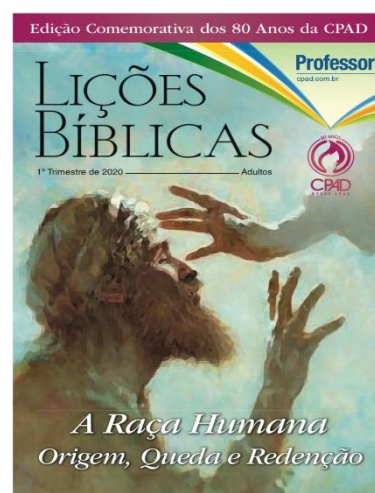
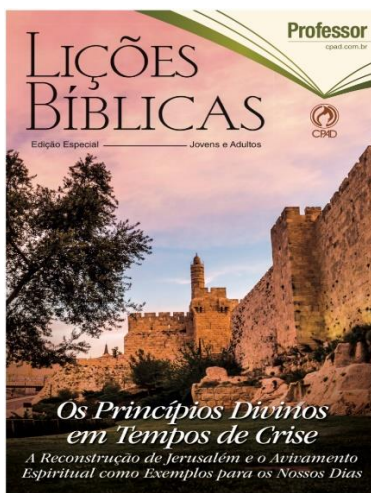
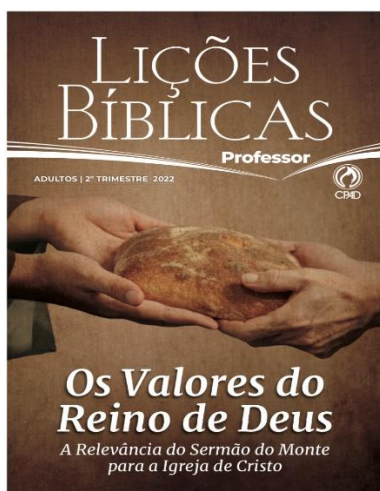


⁹Congresso Nacional de Escola Dominical. Disponível em: <https://www.cned.com.br/>. Acesso em 09 nov. 2022



Fonte: <https://editoraculturacrista.com.br/product-category/nossa-fe-jovens-e-adultos/>. Acesso em 03 jun. 2022

A próxima editora conhecida como CPAD está vinculada à maior denominação evangélica do Brasil, Igreja Assembleia de Deus, que além das revistas físicas possui também um software¹⁰ com as revistas em modo digital, podendo ser acessadas em computadores ou aplicativos em smartphones.



¹⁰ <https://www.cpaddigital.com.br/produto/revistas-digitais-licoes-biblicas-adultos-professor-assinatura-por-2-anos/>. Acesso em 14 jun 2022



Fonte: Arquivo pessoal e site da editora. <https://www.cpad.com.br/escola-dominical>. Acesso em 03 jun. 2022.

Por último, destacamos algumas contribuições da editora Cristã Evangélica que também trabalha com temas diversos. Além das revistas, a editora dispõe de recursos auxiliares para os professores como imagens, gráficos e revistas para professores.





Fonte: <https://loja.editoracristaevangelica.com.br/produtos>. Acesso em 03 jun. 2022.

Existem outras inúmeras editoras, essas, no entanto nos pareceram mais notáveis dentro do contexto em que pesquisamos. É importante também observar que em todas essas editoras existem materiais separados por faixa etária, desde crianças até a idade adulta. A classificação dos materiais segue também uma divisão por temas de cunho doutrinário que dizem respeito a cada vertente teológica, bem como temas atuais, conforme visto nas capas das revistas, que são abordados pela perspectiva bíblica.

Voltando ainda à questão da ética, Rubem Alves, fazendo uma análise da mesma e a construção das crenças do indivíduo novo convertido, que passa a frequentar esse espaço de educação, diz que, “O novo crente não sabe, espontaneamente, o que fazer. É a igreja que detém o monopólio do conhecimento ético. Ela sabe o que é o bem e o que é o mal” (ALVES, 2005, p.203). Essa visão dialoga com o que dizem Berger e Luckmann (2004) sobre o que fazem as instituições.

As instituições devem conservar e disponibilizar o sentido tanto para o agir do indivíduo em diversas áreas de ação quanto para toda sua conduta. Esta função das instituições está numa relação essencial com o papel do indivíduo como consumidor de sentido, mas também, de caso para caso, produtor de sentido. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.23).

Ou seja, é o espaço no qual esse indivíduo se localiza que vai fornecer os elementos necessários à construção de sua identidade social, saber quem ele é no mundo, na vida, na sociedade, como se relacionar com esse mundo exterior, como se posicionar diante daquilo que é em relação ao grupo ora inserido.

Outro aspecto importante sobre a ética, algo que consideramos essencial para a formação da identidade do indivíduo, é a comparação que Hans Reifler (2009) faz entre a ética cristã e a secular. É interessante usar essa comparação para elucidar melhor essa questão de identidade que aproxima, mas também exclui. O autor diz que, “A ética cristã é também ensino, mandamento, diretriz, norma, enquanto os costumes são variáveis, flexíveis, descritivos e dependem da situação. Consideremos as diferenças básicas entre a ética secular e a ética cristã” (REIFLER, 2009, p.16).

Quadro 4 **Comparação da ética secular e cristã por Hans Ulrich Reifler¹¹**

Ética Secular	Ética Cristã
Ciência de costumes e hábitos	Revelação da vontade divina
Descritiva	Normativa
Relativa	Absoluta
Imanente	Transcendente
Situacionista	Direcionista
Subjetiva	Objetiva
Mutável	Imutável

Fonte: Autor.

¹¹ O livro não contém esse quadro, apenas as informações internas. Achemos melhor a elaboração do mesmo para fins didáticos.

Essa comunidade que tem sua identidade construída a partir da ética bíblica será, segundo Souza (2005),

Moldada pelo Espírito Santo e pela Palavra Divina, a comunidade será afetada em cada aspecto da vida: na Igreja e no Estado, na Família e na Sociedade, na vida econômica e nas relações pessoais, públicas e privadas (SOUZA, 2005, p.22).

Para o autor acima citado, o protestantismo presbiteriano, que tem sua origem no calvinismo, tem uma missão, sendo esta eminentemente espiritual, que consiste na proclamação da salvação em Jesus Cristo, possibilitando a transformação das pessoas. Nesse sentido, diz o autor, “Quanto mais pessoas transformadas, melhor seria a sociedade. (...) Pessoas transformadas pela mensagem evangélica deveriam participar das questões nacionais” (SOUZA, 2005, p.238).

Voltando à questão da identidade como algo que separa, Rubem Alves diz que são quatro os inimigos do protestantismo, e desta forma sua identidade se constitui muito mais na defesa do que propriamente em sua essência, o que faz sentido na perspectiva de Cuche (1999) ao dizer que “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra” (CUCHE, 1999, p.183).

Qual é então a identidade social desenvolvida nesse espaço? Uma identidade que se opõe ao catolicismo, ao modernismo, àqueles que negam a moralidade própria da salvação, e àqueles que transformam a mensagem do evangelho de sua dimensão eterna para uma concepção social de transformação do mundo (ALVES, 2005, p.287).

Entendemos não ser necessário discorrer aqui sobre cada um desses inimigos do protestantismo, pontuados por Rubem Alves, que definem por contradição a identidade social do indivíduo construída nesse espaço, ou mesmo se de fato essa análise estaria correta. O que se pode dizer a mais, assim como o autor mesmo coloca é que, não são somente esses os inimigos que ameaçam a identidade protestante, e se assim for, sua identidade é

definida pelo estabelecimento das fronteiras com o inimigo, o que será quando suas fronteiras se expandirem a ponto destes opositores fazerem parte de seu meio? Nesse sentido é melhor pensar a identidade por aquilo que é.

Considerando os aspectos que envolvem a ética protestante pautada na Bíblia, bem como a missão que deriva desta, a identidade social do indivíduo que se constrói nesse espaço, diz respeito ao engajamento social que busca afetar conforme já citamos “cada aspecto da vida: na Igreja e no Estado, na Família e na Sociedade, na vida econômica e nas relações pessoais, pública e privadas” (SOUZA, 2005, p.22).

A definição de identidade social, bem como de educação formal não escolar e, como a EBD se encaixa nessa perspectiva, nos levam a considerar suficientes por ora para fomentar o debate a respeito deste espaço presente na sociedade, onde atuam formadores de opinião, sendo um ambiente onde se desenvolve a identidade social protestante que, conforme vimos, tem sua identidade criada na perspectiva de oposição a posicionamentos contrários; bem como de afirmação, algo comum aos grupos no contexto social que fundamentam sua identidade na mesma linha.

Temos, portanto, aqui, apontamentos importantes, principalmente quando se consideram os rumos que tomam nosso país no atual debate religioso, político, e educacional, o que nos leva a considerar a formação identitária do indivíduo que frequenta a EBD.

2.4 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO FREQUENTADOR DA EBD

A formação da identidade social é uma maneira pela qual o indivíduo encontra sentido na vida, seja por meio de uma causa, ou pela aproximação de um grupo identitário que lhe dê segurança em meio a um mundo marcado pelo pluralismo, gerando suas crises de sentido.

A segurança aqui diz respeito ao que nos falam Berger e Luckmann (2004) sobre a formação de reservas de sentido que “alivia o indivíduo de ter

que solucionar sempre de novo problemas de experiência e de ação que surgem em situações determinadas” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.19), isto é, saber quem somos ou com quem nos identificamos é fundamental e pode trazer segurança.

Em contextos assim, o indivíduo recorre às formas interiorizadas de sentido para responder às demandas então reconhecidas e cotidianas da vida, sem necessariamente precisar elaborar novas ideias ou ações. Os autores acima destacam ainda possibilidade de se reunir “modelos de ação das mais diversas áreas e os encaixar num projeto de sentido que vai do nascimento até a morte” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.21).

Nesse sentido, algumas pesquisas têm mostrado a questão da identidade religiosa na fase da juventude. Andrade (2008), por exemplo, nos diz em sua pesquisa que “a juventude contemporânea tem a tendência de querer que seus problemas sejam resolvidos de forma rápida. Para isso, busca respostas e soluções, entre outros, em diversas reservas simbólicas contidas nas religiões” (ANDRADE, 2008, p.40). A religião aqui entende-se por instituições que mantêm as reservas de sentido.

Mas como acontece essa formação identitária no contexto da EBD? Em primeiro lugar precisamos situar esse espaço no contexto maior da religião e em específico ao seguimento do protestante histórico que vem desde a Reforma Protestante do século XVI. Para especificar ainda mais, o contexto da pesquisa se dá na Igreja Presbiteriana do Brasil, que desde sua chegada ao Brasil adotou a EBD como forma de trabalho, conforme podemos ver nas palavras de Claudio Marra (2018) ao dizer que,

Referências à Escola Dominical podem ser encontradas já nas primeiras anotações feitas por Simonton em seu Diário, após sua chegada ao Brasil (12 de agosto de 1859). O missionário iniciou esse trabalho em sua moradia no Rio de Janeiro a 22 de abril de 1860, apenas oito meses após o desembarque, aparentemente na casa de um certo Mr. Grunting, onde ele havia alugado um quarto.⁴³ Foi a primeira reunião que ele dirigiu em português. Simonton usou a Bíblia, o Catecismo da História Sagrada e O Peregrino, de John Bunyan como livros-texto. É interessante observar que o modelo era

contemporâneo, mas o conteúdo era solidamente puritano. Tratava-se de uma classe só para crianças e ela teve prosseguimento [...] (MARRA, 2018, p.29).

Em segundo lugar, é importante também destacar que o frequentador deste espaço, além das crianças, é também, por um lado, o discente adulto que se assenta nos bancos para aprender, mas que desempenha papéis diversos na vida como mãe/pai, filho/filha profissional nas mais várias áreas etc.; e pode ser também o docente, que além de ser um profissional em outras áreas da vida, dedica-se a preparar o conteúdo a ser ensinado/discutido.

A formação da identidade é um processo por meio do qual o indivíduo de forma subjetiva se apropria de bens culturais, religiosos e filosóficos, transmitidos e ensinados consciente e inconscientemente em espaços onde se pratica algum tipo de educação. Quando falamos de consciente nos referimos ao conteúdo programático elaborado em currículos. Na EBD, por exemplo, diz respeito à leitura e explicação da Bíblia de forma direta ou por meio de material de apoio como revistas e livros.

Inconscientemente, nos referimos à forma das pessoas se posicionarem cotidianamente frente às diversas situações da vida, sem necessariamente estarem ensinando, a não ser para quem está vendo e participando da experiência. Albuquerque e Barbosa (2016) nos ajudam nessa questão ao dizer que,

As contribuições oriundas dos estudos sobre a educação em sua interface com a antropologia e com a história cultural subsidiam a compreensão da religião como um processo educativo, por meio do qual um conjunto de saberes é posto em circulação e apreendido, contribuindo para a formação de identidades. (ALBUQUERQUE; BARBOSA, 2016, p.5)

Os autores acima observam ainda o problema de não se ver os espaços religiosos como promotores de educação pelo equívoco de se pensar apenas na escola como detentora do saber. “Em parte, esse limite se explica em função de certa compreensão acerca da escola formal como espaço único do

saber no seio da ciência pedagógica” (ALBUQUERQUE; BARBOSA, 2016, p.6), ou seja, se a identidade é formada pelo processo educativo, portanto, onde acontece esse processo, mesmo não sendo a escola, acontece também a construção da identidade do indivíduo.

Retomando a Berger e Luckmann (2004), “A vida cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir social que se forma a identidade do indivíduo” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.16). Desta forma, a EBD possibilita além das experiências dentro de seu espaço, elementos para agir fora do ambiente, onde outras relações são travadas, mesmo porque a dinâmica da fé protestante é vivenciada para além do espaço de culto/aula.

Para Dubar (2006) em “A crise das identidades: A interpretação de uma mutação”, a construção da identidade, que é um processo composto de duas operações que são a identificação e diferenciação, diz que,

Estas duas operações estão na origem do paradoxo da Identidade: aquilo que existe de único e aquilo que é partilhado. Este paradoxo não pode ser resolvido enquanto não se tiver em conta o elemento comum a estas duas operações: a identificação de e pelo outro. Não há, nesta perspectiva, identidade sem alteridade. As Identidades, assim como as alteridades, variam historicamente e dependem do seu contexto de definição. (DUBAR, 2006, p. 9)

O indivíduo que frequenta a EBD tem sua identidade, por um lado, formada naquilo que é partilhado como expressão de sua fé - e por fé aqui nos referimos ao conjunto de crenças e pensamentos defendidos por um seguimento -, por isso, a relação com outros que partilham desse mesmo conjunto de crenças é fundamental; mas, por outro lado, sua identificação se dá em contrastes com o outro que está fora desse contexto maior da religião, e no contexto menor do cristianismo protestante.

Portanto, essa identidade é clara porque distingue o indivíduo diante da multiplicidade de seguimentos religiosos existentes em um mundo pluralista, e é também uma identidade altruísta porque a expressão de suas crenças o

direciona a buscar nas práticas religiosas comuns do cristianismo sua identidade. Mas um aspecto fundamental dessa identidade que deve ser levando em consideração se constitui na dimensão espiritual, e aqui nos ajuda a entender melhor esse conceito Vieira (2009) ao colocar que,

Espiritualidade é uma dimensão estritamente humana, com a qual o sujeito confere sentido à sua existência, por isso, está além da própria existência. É uma dimensão que transcende às demais, por isso, oferece o pano de fundo sobre o qual cada um constrói seus sentidos (VIEIRA, 2009, p.20).

Outro elemento dessa identidade que podemos destacar é o aspecto moral e aqui, Bertinatti (2011) nos esclarece melhor essa questão ao dizer que, “Essa instituição, além de uma formação espiritual, consistia em observar o indivíduo como um ser inteiro e não fragmentado, desenvolvendo ao mesmo tempo uma educação moral” (BERTINATTI, 2011, p.38). Destacamos em sua fala a concepção de uma formação integral do indivíduo. Uma formação que pensa os aspectos cognitivos; mas também afetivos, os aspectos científicos, mas também transcendentais que são alcançados pelo campo da fé; os aspectos metodológicos, mas também artísticos, profissionais, etc.

Ou seja, na EBD, conforme vimos no levantamento bibliográfico, bem como veremos nos dados produzidos pela pesquisa narrativa, converge uma gama de possibilidades educativas, isso porque o compromisso da fé cristã abrange a experiência humana como um todo e busca desenvolver a consciência de uma participação efetiva nas mais diferentes áreas da vida.

O desenvolvimento desses conteúdos possibilita o engajamento em questões sociais, políticas, educacionais e culturais, algo que nos leva ao próximo capítulo, onde analisaremos a questão da identidade social na EBD como um sentido para a vida, a partir dos elementos obtidos nas entrevistas: narrativas, histórias de vida; de quem experimentou ou ainda experimenta, de alguma forma, a educação formal não escolar da EBD.

CAPÍTULO 3

ENCONTRANDO SENTIDO NA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Para conhecer os modos de participação da EBD nos movimentos identitários e na formação da identidade social dos indivíduos, essa pesquisa, exploratória, de caráter qualitativo, buscou compreender o sentido que os adultos dão ao papel que a EBD teve em seus processos formativos. Para isso, usamos como estratégia para a produção de dados a narrativa livre. Foram escolhidos 6 adultos como participantes da pesquisa e foi solicitado que narrassem livremente suas experiências como alunos ou professores da EBD.

A escolha dos participantes se deu a partir de alguns critérios:

1. Três do sexo feminino e três do sexo masculino;
2. Facilidade do contato direto ou por meio de pastores de igrejas que nos indicassem;
3. Pessoas ligadas à denominação Presbiteriana do Brasil, localizadas em diferentes igrejas da região sudeste;
4. Estar na faixa etária de 30 a 60 anos, pelo fato de terem uma boa etapa da formação pessoal e, ou profissional concluída.

Devido à aproximação com o objeto desta pesquisa, e sabendo conforme Goldenberg (2004) que, “Um dos principais problemas a ser enfrentado na pesquisa qualitativa diz respeito à possível contaminação de seus resultados em função da personalidade do pesquisador e de seus valores” (GOLDENBERG, 2004, p.55), optamos pela pesquisa narrativa que é na perspectiva de Clandinin e Connelly (2011) “um processo de aprendizagem para se pensar narrativamente; para que atentassem para as vidas enquanto vividas narrativamente, e para posicionarem as investigações em um espaço tridimensional metafórico.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.164).

A proposta da pesquisa narrativa entendemos ser adequada em nosso contexto, uma vez que, conforme Aranha (1996) diz, “[...] a educação não é a preparação para a vida, mas a própria vida.” (ARANHA, 1996, p.52).

Nesse sentido, pretende-se ouvir a história de algumas pessoas que tiveram ou ainda têm sua experiência na EBD, isso porque Clandinin e Connelly (2011) dizem que “As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.27).

Seguindo essas perspectivas e critérios, realizamos algumas entrevistas com um roteiro prévio provocador. A seguir, destacamos o roteiro para as entrevistas que consta da identificação, mantendo o sigilo referente a nomes próprios e das respectivas igrejas, e em seguida, algumas perguntas para despertar a narrativa.

Os participantes foram convidados, recebendo as informações sobre a pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao concordarem, foi solicitado que compartilhassem experiências com a EBD ao longo de suas vidas. Solicitamos que gravassem um áudio pelo *Whatsapp* ou que escrevessem livremente os seus depoimentos em duas a três laudas, contando-nos sobre questões como lembranças mais antigas, lições que marcaram, a relevância ou não de participação, além da possibilidade de a EBD ter contribuído além do processo educacional escolar para sua formação pessoal e profissional.

Os resultados das entrevistas têm como objetivo conhecer histórias e experiências de pessoas que passaram ou ainda estão na EBD, seja como discente ou docente. A proposta de se fazer uma entrevista narrativa teve como justificativa a necessidade de olhar para vida enquanto vivida pela ótica de quem a experimenta e não do observador/pesquisador.

Trabalhando o tema da pesquisa biográfica Silva et al (2007) dizem que, “Neste contexto, a memória é algo presente na existência do homem, o que implica numa valiosa importância de seu resgate cuidadoso e ético” (SILVA et al., 2007, p.3). Os autores destacam a importância de métodos que valorizam a história de vida do indivíduo, enquanto ele mesmo narra suas experiências.

Os autores colocam a possibilidade do vínculo de confiança entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. No entanto, dizem eles, “[...] entendemos que o vínculo não invalida ou torna menos científico o método de história de vida [...]” (SILVA et al., 2007, p.9). Segundo nos informam ainda em seu trabalho, intitulado de: “Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida”,

Na busca de conclusão, gostaríamos de ressaltar que o compromisso do pesquisador é com a realidade, não com o método ou a teoria. Uma postura ética implica em não hesitar quando o método escolhido não der conta de investigar aquela dada realidade. (SILVA et al., 2007, p.9)

Escolhemos, portanto, esse método por entender ser o mais apropriado dentro do contexto da pesquisa, mas antes de trabalhar os resultados, voltemos ainda ao ponto sobre o sentido para pontuar algumas questões importantes. Sommerhalder (2010), fazendo uma leitura de Frankl, em seu artigo, “Sentido de Vida na Fase Adulta e Velhice”, destaca quatro pontos que podem levar a pessoa a encontrar sentido na vida que são:

(a) *A valorização do que é importante para a pessoa*, ou seja, aquilo que teve significado durante a vida, desde os pequenos até os grandes eventos. As experiências de vida influenciam na forma que cada um tem de lidar com as situações. (b) *As escolhas* – o indivíduo é responsável por cada escolha que faz ao longo da vida, inclusive diante de situações adversas. Frankl aborda o sofrimento como uma grande oportunidade de crescimento pessoal, que, no entanto, depende de como a pessoa o enfrenta. Ela pode sucumbir à dor, ou extrair ensinamentos da situação difícil. (c) *Responsabilidade* – por tudo o que a pessoa faz, pelas escolhas e decisões. (d) *Significado imediato* – dar sentido às coisas que acontecem na vida diária, tanto as experiências positivas, quanto as negativas, (SOMMERHALDER, 2010, p.2).

Entendemos que esses quatro elementos podem ser vistos na fala dos entrevistados ao relatarem suas experiências. Porém, dois elementos podem ainda nos ajudar na leitura desse material obtido. O primeiro diz respeito aos valores que Frankl destaca como fundamentais para a compreensão do sentido na vida que são “valores criadores, valores vivenciais e valores de atitude”, ou seja, mesmo quando o indivíduo não tem condições de criar ou vivenciar algo, a pessoa ainda pode encontrar sentido no sofrimento. O segundo elemento diz respeito ao que Sommerhalder (2010) traz sobre essa temática, porém agora posterior a Viktor Frankl, não no aspecto clínico, mas de pesquisas na área com Reker G.T (1997) ao dizer que o sentido da vida está,

associado a ter um propósito, uma direção, uma razão para a existência, ter uma percepção de identidade pessoal e interesse social, além de sentir-se satisfeito com a vida, mesmo diante de situações difíceis, quando o “para que viver” é essencial. Na dimensão individual, as crenças, os valores e as necessidades da pessoa norteiam quais as metas que ela deve perseguir e em quais relacionamentos deve investir. Isso funciona como um guia para as buscas e os engajamentos individuais. (apud SOMMERHALDER, 2010, p.2)

O autor contribui com elementos como “percepção de identidade pessoal” além de, “na dimensão individual as crenças e valores”. Temos, portanto, agora, material suficiente para ouvir e compreender melhor o que nos dizem os entrevistados em suas próprias palavras, buscando elementos, semelhantes a esses apontados acima, em sua trajetória de vida passando pela EBD.

3.1 DISCURSOS QUE REVELAM O SENTIDO DA VIDA NA EBD

Após recorrentes leituras dos dados produzidos pela pesquisa, algumas falas se destacaram chamando nossa atenção para algumas categorias que se revelam a partir do que foi trabalhado com os referenciais teóricos. Essas categorias foram selecionadas como: memórias afetivas; desenvolvimento

peçoal, cognitivo e profissional; princípios e valores, além de algumas falas que revelam

que revelam crises e atribuição ou sentimento de pertencimento. Os participantes estão identificados por nomes fictícios, escolhidos de forma aleatória, a partir de personagens bíblicos, além da idade de cada um.

Clandinin e Connelly (2011) afirmam que, “Na pesquisa narrativa, as pessoas são vistas como a corporificação de histórias vividas” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.77). Portanto, compreendemos que, quanto mais nos envolvemos com suas falas mais conheceremos a corporificação de suas experiências e perceberemos o sentido em suas vidas a partir da EBD.

Recortar essas falas é parte do processo que busca conhecer essas pessoas, ainda que os recortes em si não sejam suficientes. Viktor Frankl nos ajuda aqui com a analogia do mosaico dizendo que: “Num mosaico, cada um dos fragmentos, cada pedra, é, na forma e na cor, algo incompleto e ao mesmo tempo imperfeito; só no todo e para o todo significa cada uma alguma coisa” (FRANKL, 2019, p.151).

Desta forma, nossa intenção nos quadros abaixo é separar para analisar e posteriormente sintetizar, mesmo porque temos aqui parte da individualidade que é um dos aspectos na visão de Frankl (2019) que confere sentido ao indivíduo. “O sentido da individualidade só se atinge plenamente na comunidade. Nesta vida o valor do indivíduo depende da comunidade” (FRANKL, 2019, p.153). Cada uma dessas partes está conectada à experiência da comunidade EBD.

Quadro 5 - Dados de pesquisa

	Dorcas- 57	Abraão- 61	Tabita- 33
Memórias afetivas	<p>“Durante a minha infância e adolescência, frequentei a EBD em Itapetininga (interior de São Paulo, cidade em que nasci). Minhas recordações são de um tempo de aprendizado das histórias que me encantavam.”</p>	<p>“Lembro-me com muito carinho da minha infância e da nossa rotina de, aos domingos pela manhã, participarmos da EBD (...) Não tenho muitas lembranças das aulas de EBD ao longo daqueles primeiros anos, mas ainda é muito nítido aquele ambiente acolhedor, aquela atmosfera que me fazia sentir como que em uma espécie de ampliação da minha pequena família.”</p>	<p>“A Escola Bíblica Dominical está e esteve sempre presente em minha vida. De todas as atividades na igreja, a EBD me traz memórias mais distantes e também importantes. Considero que tenho um bom conhecimento de Bíblia e doutrinas graças às aulas das EBDs que frequentei (...) aprendi muito das histórias bíblicas, desde a criação do mundo até os evangelhos e outras histórias do novo testamento.”</p>
Pertencimento	<p>“Cresci com a força comunicativa das músicas que diziam: “Cuidado olhinhos o que vê...papai do céu está olhando pra vc, cuidado olhinhos o que vê...” A música advertia-nos a cuidar de todo o corpo: das mãos e dos pés, por exemplo, e com as estrofes repetitivas, a memorização acontecia.”</p>	<p>“As melhores roupas eram reservadas para a participação na igreja. Aquela ideia modesta de usar o que se tinha de melhor para as coisas de Deus, mais tarde veio a se compor no entendimento de um importante princípio de vida, que é o de procurar fazer sempre o melhor em todas as áreas da vida (“fazer como para o Senhor”).”</p>	<p>“Dessa maneira, enxergo a Escola Bíblica Dominical como a base da minha vida como cristã e como ser humano. Acredito fortemente que diante dos momentos e fases, posso vir a abrir mão de muitas coisas, mas não de estar presente nas salas de aula nas manhãs de domingo.”</p>

Crise	<p>“Me lembro de ficar sem entender o que significa “ter Jesus no coração”. Tratava-se de um conceito tão abstrato que somente na minha adolescência consegui compreender.”</p>	<p>“Nossa EBD, é claro, também está sob pressão. Antigos modelos já não funcionam, algumas opções de mudança já adotadas têm-na enfraquecido ainda mais. Às vezes parece que desacreditamos da Palavra e do poder do Espírito, considerando que o foco no “último modelo do mercado gospel”, é que vai mantê-la viva e produtiva.”</p>	<p>“Tive pouca assistência ao longo de minha adolescência, o que eu creio ter sido um dos motivos para que eu trilhasse certos caminhos fora da igreja e fizesse escolhas pouco sábias. Isso me faz concluir que é de grande relevância o acompanhamento próximo em cada momento, pois o período em que enfrentei mais problemas pessoais e sociais foi exatamente essa etapa”.</p> <p>“Ainda me sinto falha em não conseguir levar o estudo para o meu dia a dia... Tento melhorar nisso.”</p>
Princípios e valores		<p>“Considero aquele período como particularmente importante na minha formação como pessoa, porque reforçaram princípios que eu aprendia em casa, e que eram fundamentais para a vida, tais como: honestidade, respeito, dedicação, companheirismo.. No contexto da EBD aqueles valores tiveram seus fundamentos conceituais esclarecidos e firmados, aprendemos que a sua origem estava na Palavra de Deus e nos era exemplificado como a sua observância poderia repercutir em coisas boas nas nossas vidas. A prática daqueles princípios morais resultava em progresso pessoal.”</p>	

Desenvolvimento – pessoal, cognitivo e profissional	“Aprendi a me expressar em palco, representando personagens bíblicos nos eventos natalinos, que exigiam ensaio. Os versículos decorados eram em coro, declamados nos encerramentos da EBD na frente da igreja. Deste modo, essas memórias foram contribuindo para o meu desenvolvimento e na vida adulta, escolhi a área das Artes (visuais, ilustração, design, cenografia, dramatização, etc).”	“Nunca me esqueci daquela estrutura lógica: Observação, Interpretação e Aplicação. Ao longo de todos esses anos tenho me esforçado para aproveitar as oportunidades para disseminar esta metodologia de estudo e ensino, que apresenta uma estrutura lógica semelhante àquelas empregadas pelos métodos de solução de problema em voga nas empresas.”	“Comecei ali minha introdução à vida adulta de forma firmada na graça de Jesus, com metas reais de carreira, casamento, família. Desse ponto em diante, firme no estudo bíblico, vi então aspectos de minha própria trajetória cristã deslançarem neste período.”
--	---	---	---

Fonte: Autor

Quadro 6 - Dados de pesquisa

	Maria - 54	Jacó- 29	Isaque - 45
Memórias afetivas	“Desde a infância foi me ofertado o privilégio da frequência na Escola Bíblica Dominical. E, desde então cresci nesse ambiente de formação social, moral, espiritual, o que hoje compreendo a contribuição desse processo como fonte do desenvolvimento educacional cristão.”	“Nunca me esquecerei das tias Janeide e Sandrinha dentro da classe. Elas me deram minha primeira bíblia sagrada, contendo o antigo e o novo testamento e sempre incentivaram a mim e a meus coleguinhas de classe, a não deixar de buscar as coisas que vem do alto.”	“Dentre algumas dessas recordações, me lembro das “tias” ensinando as músicas, contando histórias. incentivando a leitura. Aliás, tamanho incentivo me fez querer sempre participar daqueles concursos de quem abria a bíblia de forma mais rápida e encontrava o livro, capítulo e versículo que a “tia” mencionou. Era uma competição bem esperada por todos e bem legal!”

Pertencimento	<p>“O amor era expresso em cada aula preparada. E a expectativa para chegada do domingo era como uma fonte de energia e inspiração que permeavam meus dias, uma vez que nesse momento da minha vida os dias não corriam muito bem. Dias difíceis esses que me ajudaram ainda mais no fortalecimento da importância da escola bíblica.”</p>	<p>“Os ensinamentos que tivemos nas EBDs, mostram que a nossa conduta deve ser irrepreensível, como foi a de José. Poderia não haver nenhum humano naquela sala, e com certeza a mulher de Potifar deveria ser muito bela. Mas a Pessoa mais importante, e que José tinha total temor, estava, que era Deus.”</p>	<p>“A partir dessa idade não deixei mais de participar da EBD e a EBD passou a ser fundamental no meu desenvolvimento pessoal e profissional, inclusive” (...) “Uma troca de experiências incrível que muito me ajudou na formação de quem sou hoje – e ainda tenho muito a aprender! -, tanto no lado pessoal, como profissional, em que pese acreditar que não dá para dissociar um do outro.”</p>
Crise	<p>“Os dias em minha casa eram tensos, meu pai alcoólatra, minha mãe sem suportar a dificuldade que era extrema, resultando em brigas, xingamentos, agressão física, moral de ambas as partes. Eu também passava por abuso emocional e físico. O cenário era horrendo, e sem muito saber como proceder. Ficava sempre calada. Meu refúgio era sempre acreditar que tudo passaria... Me dedicava muito aos estudos e em especial em preparar minhas aulas de domingo.”</p>	<p>“Muitas das vezes, quando o telefone dos meus colegas de trabalho começava a tocar, eles pediam para eu puxar a ligação deles e dizer aos seus clientes que eles não estavam... E aqui, nós entramos em um ponto bem delicado. Pois falar de integridade é fácil, até que a sua seja testada. Os ensinamentos que tivemos nas EBDs, mostram que a nossa conduta deve ser irrepreensível, como foi a de José.”</p>	<p>“Fui me deparando com ensinamentos muito legalistas, muito religiosos, nada práticos e sem conexão com a vida real para aquela fase. Isso me fez desanimar bastante e acabou que por decisão minha me afastei da Igreja.”</p>

<p>Princípios e valores</p>	<p>“Reafirmar que a base de todo trabalho pedagógico está vinculada ao amor "no" e "pelo" que fazemos é assumir um compromisso de amabilidade, compaixão, empatia para com outro com tamanha eficácia que legados sejam deixados para que assim o mundo esteja melhor em um futuro eminente.”</p> <p>“o resultado era amizade verdadeira, com ajuda mútua, principalmente no sentido do crescimento para o amadurecimento do verdadeiro cristão.”</p>	<p>“As pessoas que não só frequentam as EBDs, mas também participam com interesses dos estudos bíblicos, aprendem um conjunto de princípios e valores contidos na ética cristã, e que se seguidos, auxiliam no convívio com nosso próximo e nos fazem procurar ser pessoas melhores em tudo que fazemos”.</p> <p>“Mas em todas as narrativas, conseguimos extrair um princípio moral que nos auxilia a ser pessoas melhores em nossa sociedade.”</p>	<p>““Uma troca de experiências incrível que muito me ajudou na formação de quem sou hoje – e ainda tenho muito a aprender! - tanto no lado pessoal, como profissional.”.</p> <p>“Me lembro com muito carinho de quando pudemos estudar o livro de Provérbios, depois Eclesiastes, quanta discussão boa, quantos momentos marcantes na vida daqueles que frequentaram a EBD e que são lembradas numa roda de amigos até os dias de hoje.”.</p> <p>“Também me recordo com carinho de muitas discussões boas com a juventude ao tratar de temas atuais a Sociedade, sempre calcados na Palavra e trazendo e firmando a nossa responsabilidade como agentes do reino.”</p>
<p>Desenvolvimento – pessoal, cognitivo e Profissional.</p>	<p>“Então, com doze anos comecei meu treinamento na EBD. Uma das professoras com total dedicação me preparou para no próximo ano assumir uma sala na Escola Bíblica Dominical. Aos treze anos me torno professora de uma turma de crianças de 4 anos. Foi uma experiência extraordinária. Meu coração "ardia" em sentimentos de paixão e alegria para ensinar aqueles pequenos que agora sob minha responsabilidade aprendiam das escrituras.”</p>	<p>“Eu agradeço sempre a Deus por esses ensinamentos, pois hoje eles me auxiliam a ser uma pessoa melhor para os que estão a minha volta. Isso inclui aos meus amigos, familiares, ao meu patrão e também para Deus.”</p>	<p>“Confesso que passei a ver a EBD como um ambiente de formação cultural, formação da identidade social, somente e tão somente a partir dessa última fase, e confesso que lamento pelo “tempo perdido” quando ainda não enxergávamos dessa forma lá atrás, (...) mas fico feliz com a contribuição que muitos deram para que o espaço da EBD passasse a ser um espaço de debate, de compartilhamento de ideias, de muito aprendizado e lições que se aplicam a tudo na vida, seja onde estiver e com quem estiver, a tudo, de forma prática, como, particularmente, sempre desejei.”</p>

Fonte: Autor

3.2 ANÁLISE DOS MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS

A seguir, apresentamos os recortes das falas organizadas nos quadros do item anterior de acordo com as categorias observadas. Além das falas já apontadas nos quadros, acrescentamos algumas outras que podem nos ajudar a esclarecer algum ponto que achamos necessário, enriquecendo assim nossa análise.

Essas falas correspondem ao que compreendemos revelar o sentido que a EBD pode proporcionar a seus participantes. São falas que expõem sentimentos, emoções e pensamentos referentes ao tempo de estudos ou ao conteúdo que tiveram enquanto alunos ou professores, bem como os momentos de crises vivenciados dentro e fora desse espaço.

3.2.1 Crises

Em primeiro lugar, levantamos alguns dados relacionados a crises experimentadas pelos participantes e relatadas em suas falas, seja no contexto da EBD, pois não negamos o fato de que há problemas que levam as pessoas a abandonarem ou se desanimarem com a devida instituição. Destacamos também nos dados, crises no âmbito pessoal ou familiar que nos permitem conversar com os referenciais teóricos apontados inicialmente, como é o caso de Frankl no livro: “Em busca de sentido” que diz da seguinte forma:

O ser humano não é uma coisa entre outras; coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo (...) No campo de concentração, por exemplo, neste laboratório vivo e campo de testes que ele foi, observamos e testemunhamos alguns de nossos companheiros se portarem como porcos, ao passo que outros agiram como se fossem santos. O ser humano tem dentro de si ambas as potencialidades; qual será concretizada depende das decisões e não das condições. (FRANKL, 2019, p.155)

Enfim, o fato da EBD estar inserida no contexto de uma religião nos possibilita perceber seu potencial de sentido aos participantes diante das crises experimentadas, isso porque conforme Berger e Luckmann (2004) dizem:

As reservas de sentido objetivadas e processadas são conservadas em reservatórios históricos de sentido e administradas por instituições. O agir do indivíduo é moldado pelo sentido objetivo, colocado à disposição pelos acervos sociais do conhecimento e comunicado por instituições através da pressão que exercem para seu acatamento (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.25).

Os autores associam nesta obra as crises de sentido com a modernidade e o pluralismo, mas colocam as instituições religiosas como fonte de sentido. Desta forma, trazemos alguns exemplos que falam sobre crises em algum aspecto da vida como é o caso do participante da pesquisa “Isaque-45” que revela sua insatisfação durante certo período em que determinado tipo de ensino o levou a afastar-se da EBD:

Fui me deparando com ensinamentos muito legalistas, muito religiosos, nada práticos e sem conexão com a vida real para aquela fase. Isso me fez desanimar bastante e acabou que por decisão minha me afastei da Igreja.

“Tabita-33” identifica a falta de apoio em sua fase de adolescência como algo que também a levou a um distanciamento da igreja, com escolhas ruins em sua vida, e em seguida revela a dificuldade pessoal em trazer para vida os ensinamentos obtidos na EBD:

Tive pouca assistência ao longo de minha adolescência, o que eu creio ter sido um dos motivos para que eu trilhasse certos caminhos fora da igreja e fizesse escolhas pouco sábias. Isso me faz concluir que é de grande relevância o acompanhamento próximo em cada momento, pois o período em que enfrentei mais problemas pessoais e sociais foi exatamente essa etapa.

Ainda me sinto falha em não conseguir levar o estudo para o meu dia a dia... Tento melhorar nisso.

“Dorcas-57” fala da falta de compreensão com conceitos abstratos na infância que somente na adolescência seriam compreendidos:

Me lembro de ficar sem entender o que significa “ter Jesus no coração”. Tratava-se de um conceito tão abstrato que somente na minha adolescência consegui compreender.

“Maria-54” fala sobre as crises familiares que enfrentou ainda na adolescência, no entanto, encontrava sentido em sua vida tendo na EBD suporte de professoras e motivação para ensinar mesmo em meio aos problemas vivenciados.

Os dias em minha casa eram tensos, meu pai alcoólatra, minha mãe sem suportar a dificuldade que era extrema, resultando em brigas, xingamentos, agressão física, moral de ambas as partes. Eu também passava por abuso emocional e físico. O cenário era horrendo, e sem muito saber como proceder. Ficava sempre calada. Meu refúgio era sempre acreditar que tudo passaria... Me dedicava muito aos estudos e em especial em preparar minhas aulas de domingo.

Sobre isto, Viktor Frankl (2019) abordando o sentido do sofrimento além dos valores vivenciais e valores de atitude diz que,

No modo como cada um assume estas coisas verifica-se uma série incalculável de possibilidades de valor. Mas isto significa que a vida humana pode atingir a sua plenitude, não apenas no criar e gozar, senão também no sofrimento. (FRANKL, 2019, p;192).

Outro importante dado que revela crise, porém agora no contexto profissional, é do participante “Jacó-29” que ao vivenciar a experiência associa um ensinamento obtido na EBD como forma de auxiliar na resolução da questão:

Muitas das vezes, quando o telefone dos meus colegas de trabalho começava a tocar, eles pediam para eu puxar a ligação deles e dizer aos seus clientes que eles não estavam... E aqui, nós entramos em um ponto bem delicado. Pois falar de integridade é fácil, até que a sua seja testada. Os

ensinamentos que tivemos nas EBDs, mostram que a nossa conduta deve ser irrepreensível, como foi a de José.

Já “Abraão-61” que faz um relato pormenorizado de vários incidentes associados aos trabalhos na ou com a EBD nos mostra desde crises externas, onde famílias foram ajudadas, como também uma atual crise de modelos de ensino que têm enfraquecido essa escola. Vejamos:

Menciono este trabalho em função de um exemplo específico sobre o impacto da fé cristã na vida de uma família. Trata-se do caso de uma mãe, ainda jovem, que participava da EBD com seus dois filhos pequenos, e que vivia uma dificuldade tremenda com seu esposo, que estava desempregado e possuía dificuldades com bebida alcoólica, o que acabava gerando violência no lar. O esposo não participava das atividades, mas em ocasiões especiais, como dia dos pais, festividades de natal, ele comparecia, e assim começamos a vê-lo com alguma frequência nas atividades. A esposa se esforçava também em participar das atividades da igreja sede, aos domingos à noite, com as crianças e, lentamente o seu coração foi conquistado e sua vida transformada.

Nossa EBD, é claro, também está sob pressão. Antigos modelos já não funcionam, algumas opções de mudança já adotadas têm-na enfraquecido ainda mais. Às vezes parece que desacreditamos da Palavra e do poder do Espírito, considerando que o foco no “último modelo do mercado gospel”, é que vai mantê-la viva e produtiva.

Passemos agora a observação das falas que revelam um sentimento de pertença, algo fundamental no processo de construção da identidade possibilitando sentido para a vida.

3.2.2 Pertencimento

Sobre a categoria de pertencimento ou pertença nos lembramos novamente aqui de Berger e Luckmann (2004) dizendo que, “Com a ajuda dessas instituições a própria pessoa colabora na produção e processamento do acervo social de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.70). Desta forma,

percebemos em algumas falas esse sentimento de pertencimento e contribuição, como na do participante “Abraão-61” que destaca o ambiente acolhedor da EBD dizendo da seguinte forma:

mas ainda é muito nítido aquele ambiente acolhedor, aquela atmosfera que me fazia sentir como que em uma espécie de ampliação da minha pequena família.

Para “Tabita-33” o sentimento de pertencimento é revelado ao dizer que a EBD é tão importante em sua vida que não pretende deixar de frequentar esse espaço de educação:

Dessa maneira, enxergo a Escola Bíblica Dominical como a base da minha vida como cristã e como ser humano. Acredito fortemente que diante dos momentos e fases, posso vir a abrir mão de muitas coisas, mas não de estar presente nas salas de aula nas manhãs de domingo.

Já “Isaque-45” que vimos antes ter tido momentos de crise referente ao tipo de ensino, reconhece depois esse sentimento de pertença ao declarar que:

A partir dessa idade não deixei mais de participar da EBD e a EBD passou a ser fundamental no meu desenvolvimento pessoal e profissional, inclusive” (...) “Uma troca de experiências incrível que muito me ajudou na formação de quem sou hoje – e ainda tenho muito a aprender! -, tanto no lado pessoal, como profissional, em que pese acreditar que não dá para dissociar um do outro.

Ainda no sentimento de pertencimento “Maria-54”, falando sobre sua experiência como professora desde a adolescência e do acolhimento que tinha nesse ambiente, diz que:

O amor era expresso em cada aula preparada. E a expectativa para chegada do domingo era como uma fonte de energia e inspiração que permeavam meus dias, uma vez que nesse momento da minha vida os dias não corriam muito bem. Dias difíceis esses que me ajudaram ainda mais no fortalecimento da importância da escola bíblica.

O sentimento de pertencimento pode ser percebido também em “Dorcas-57” pela influência que teve a EBD no modelo de ensino que ainda hoje é praticado, algo que vivenciou ainda na infância e hoje diz que:

O ensino afetivo, que marcou minha infância, ministrados pelas professoras queridas da igreja, impregnaram em mim, o gosto pelo modelo de ensino humanista, o qual procuro exercer no meu modo de agir pedagógico hoje.

Pertencer a algo diz respeito ao envolvimento e prática daquilo que se vivencia no espaço. Desta forma, a fala de “Jacó-29” revela a preocupação em levar para sua vida profissional o exemplo de personagens bíblicos com suas histórias de integridade ao dizer que:

Os ensinamentos que tivemos nas EBDs, mostram que a nossa conduta deve ser irrepreensível, como foi a de José. Poderia não haver nenhum humano naquela sala, e com certeza a mulher de Potifar deveria ser muito bela. Mas a Pessoa mais importante, e que José tinha total temor, estava, que era Deus.

A postura de “Jacó-29” foi pautada por um exemplo aprendido no contexto da EBD revelando seu sentimento de pertencimento e identificação com a proposta de ensino.

3.2.3 Princípios e valores

Dentro desta categoria de princípios e valores, Berger e Luckmann (2004) dizem que, “É praticamente inconcebível uma sociedade em que não haja valores comuns e interpretações compartilhadas da realidade” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.34). No contexto da EBD, são comuns os valores referentes ao conteúdo bíblico como: verdade, bondade, compaixão, justiça, união, entre outros.

Para o Dr. Albino Aresi em: “Pode-se educar sem Deus?” existe uma distinção entre valores fictícios e valores positivos e verdadeiros. Os valores fictícios diz o autor que estão relacionados aos bens, e aos valores verdadeiros questões como “o bem, o belo, o justo e o santo”. O autor continua, dizendo que “A finalidade da educação é formar para uma vida plenamente humana, cuja meta fundamental é aproximar-se da perfeição divina” (ARESI, 1980, p.89), ou seja, é necessário o cultivo de princípios e valores que elevam o ser humano a seu fim último.

Pensando nisso, selecionamos abaixo alguns recortes de falas que revelam o desenvolvimento de princípios e valores vivenciados e aprendidos no contexto da EBD, como é o caso de “Abraão-61” dizendo que:

Considero aquele período como particularmente importante na minha formação como pessoa, porque reforçaram princípios que eu aprendia em casa, e que eram fundamentais para a vida, tais como: honestidade, respeito, dedicação, companheirismo,... No contexto da EBD aqueles valores tiveram seus fundamentos conceituais esclarecidos e firmados, aprendemos que a sua origem estava na Palavra de Deus e nos era exemplificado como a sua observância poderia repercutir em coisas boas nas nossas vidas. A prática daqueles princípios morais resultava em progresso pessoal.

Para “Maria-54”, princípios e valores como a alteridade e amizade são expressos em sua fala mostrando o desejo por um mundo melhor através do amor, empatia, compaixão e compromisso, por isso diz que:

Reafirmar que a base de todo trabalho pedagógico está vinculada ao amor "no" e "pelo" que fazemos é assumir um compromisso de amabilidade, compaixão, empatia para com outro com tamanha eficácia que legados sejam deixados para que assim o mundo esteja melhor em um futuro eminente.

O resultado era amizade verdadeira, com ajuda mútua, principalmente no sentido do crescimento para o amadurecimento do verdadeiro cristão.

Os dados obtidos a partir da fala de “Jacó-29” são ainda mais claros nesse sentido, defendendo a participação e envolvimento nos trabalhos da EBD como forma de aprendizado de valores para a vida:

As pessoas que não só frequentam as EBDs, mas também participam com interesses dos estudos bíblicos, aprendem um conjunto de princípios e valores contidos na ética cristã, e que se seguidos, auxiliam no convívio com nosso próximo e nos fazem procurar ser pessoas melhores em tudo que fazemos.

Mas em todas as narrativas, conseguimos extrair um princípio moral que nos auxilia a ser pessoas melhores em nossa sociedade.

A comparação que “Jacó-29” faz usando a narrativa da vida de José do Egito é muito oportuna nesse contexto pois revela sua preocupação em seguir modelos de valores que encarnam o ideal de fidelidade, persistência, integridade e justiça. Repetimos aqui sua fala que corrobora esta visão: “Os ensinamentos que tivemos nas EBDs, mostram que a nossa conduta deve ser irrepreensível, como foi a de José”.

Muito significativa também é a fala de “Isaque-45” que revela a preocupação com temas atuais que possam ajudar na formação pessoal citando para isto livros bíblicos que trazem em seu conteúdo conselhos práticos para a vida. Podemos perceber isso em alguns recortes como:

Uma troca de experiências incrível que muito me ajudou na formação de quem sou hoje – e ainda tenho muito a aprender! - tanto no lado pessoal, como profissional.

Me lembro com muito carinho de quando pudemos estudar o livro de Provérbios, depois Eclesiastes, quanto discussão boa, quantos momentos marcantes na vida daqueles que frequentaram a EBD e que são lembradas numa roda de amigos até os dias de hoje.

Também me recordo com carinho de muitas discussões boas com a juventude ao tratar de temas atuais a Sociedade, sempre calcados na Palavra e trazendo e firmando a nossa responsabilidade como agentes do reino.

3.2.4 Memórias afetivas

Como vimos ainda no primeiro capítulo, a EBD possui uma estrutura para atender desde crianças até a idade adulta, e nas falas dos participantes é

notória a presença de memórias que remetem ao tempo de infância, construindo memórias afetivas como é o caso de “Dorcas-54” que revela em suas palavras o encanto das memórias que ainda tem de criança sobre a EBD e do cuidado das professoras:

Durante a minha infância e adolescência, frequentei a EBD em Itapetininga (interior de São Paulo, cidade em que nasci). Minhas recordações são de um tempo de aprendizado das histórias que me encantavam.

Ela se agachou ao meu lado e me disse para tentar pintar dentro das linhas. Ela estava se referindo ao contorno da figura. Mencionou que eu poderia fazer colorido. Deu dicas. Hoje ao lembrar penso com carinho desse dia.

“Maria-54” expressa também essas memórias afetivas sobre a EBD falando sobre o privilégio de poder participar deste ambiente, principalmente pela alegria que lhe trazia nos dias difíceis que vivia:

Desde a infância foi me ofertado o privilégio da frequência na Escola Bíblica Dominical. E, desde então cresci nesse ambiente de formação social, moral, espiritual, o que hoje compreendo a contribuição desse processo como fonte do desenvolvimento educacional cristão.

O amor era expresso em cada aula preparada. E a expectativa para chegada do domingo era como uma fonte de energia e inspiração que permeavam meus dias, uma vez que nesse momento da minha vida os dias não corriam muito bem. Dias difíceis esses que me ajudaram ainda mais no fortalecimento da importância da escola bíblica.

“Abraão-61” de forma mais detalhada tece suas considerações revelando suas memórias afetivas sobre a EBD, onde havia zelo das pessoas, mesmo as mais humildes em se prontarem para frequentar aquele ambiente acolhedor:

Lembro-me com muito carinho da minha infância e da nossa rotina de, aos domingos pela manhã, participarmos da EBD. Naquela época minha família congregava na IPB Central de São José dos Campos. Não tenho muitas lembranças das aulas de EBD ao longo daqueles primeiros anos, mas ainda é muito nítido aquele ambiente acolhedor, aquela atmosfera que

me fazia sentir como que em uma espécie de ampliação da minha pequena família. Aquela família expandida possuía uma enorme variedade de pessoas, mas transparecia pra nós, crianças, um ambiente sempre agradável e amistoso, contudo envolvido em uma atmosfera mais solene, onde as pessoas, mesmo as mais simples, como as da minha própria família, procuravam estar sempre bem arrumadas.

“Tabita-33” revela em sua fala lembranças de sua terna infância, quando aos cinco anos de idade voltaram a frequentar a igreja e apenas um domingo no ano deixavam de ir por conta da viagem de férias.

Aos 5 anos, minha mãe decidiu voltar a congregar e passamos a frequentar religiosamente a igreja todas as manhãs de domingo e noites. Foi então que comecei a vivenciar a experiência de estar matriculada a uma EBD. Por muitos anos, inclusive, minha mãe foi superintendente da EBD e isso nos fazia assumir ainda mais o compromisso de estar domingo após domingo nas salas de aula da igreja. Me lembro que eu “faltava” um único domingo no ano, quando minha família fazia uma viagem de férias no verão. Por muitos anos foi assim.

Em “Isaque-45” percebemos a afetividade em sua fala pelas memórias trazidas, relacionadas às histórias e músicas, que incentivavam a leitura da bíblia.

Dentre algumas dessas recordações, me lembro das “tias” ensinando as músicas, contando histórias, incentivando a leitura. Aliás, tamanho incentivo me fez querer sempre participar daqueles concursos de quem abria a bíblia de forma mais rápida e encontrava o livro, capítulo e versículo que a “tia” mencionou. Era uma competição bem esperada por todos e bem legal!

“Jacó-29” revela suas memórias através da gratidão pela primeira Bíblia ganhada, lembrando inclusive das professoras, “tias” que teve que o incentivavam à busca de valores espirituais.

Nunca me esquecerei das tias Janeide e Sandrinha dentro da classe. Elas me deram minha primeira bíblia sagrada, contendo o antigo e o novo testamento e sempre incentivaram a mim e a meus coleguinhas de classe, a não deixar de buscar as coisas que vem do alto.

Essas memórias ainda de crianças só permanecem por causa da carga afetiva associada a elas. Piazzzi (2014) falando sobre a relação daquilo que se aprende e o que fica retido no cérebro diz que, “A decisão do que vai para onde é tomada com base na carga emocional, associada a cada fragmento de informação, e não à carga racional” (PIAZZI, 2014, p.39), ou seja, as falas que vimos demonstram o porquê dessas informações ainda persistirem, isto é, por causa das memórias afetivas relacionadas às experiências vivenciadas.

3.2.5 Desenvolvimento pessoal/cognitivo/profissional

Agrupamos em um mesmo tópico a questão do desenvolvimento pessoal, cognitivo e profissional por compreender que um é naturalmente decorrente do outro, como podemos ver nas falas que se seguem. Esse desenvolvimento revelado nas falas nos remete ao que Frankl (2019) coloca como valores criadores, isto é, àquilo que as pessoas fazem, a isto o autor diz que: “o que tem importância não é, portanto, a grandeza do seu raio de ação, mas apenas o fato de se desempenhar do círculo das suas obrigações” (FRANKL, 2019, p.112), ou melhor dizendo, como elas fazem aquilo que fazem.

Em primeiro lugar, citamos três falas de “Abraão-61” que busca em suas memórias lembranças de como os métodos utilizados por determinado professor da EBD enfatizavam os estímulos para o desenvolvimento pessoal:

Hoje, olhando para aqueles dias, percebo como a visão daquele prof. de EBD era abrangente, porque além de nos estimular ao aprofundamento nos princípios cristãos, ele também nos desafiava à liderança.

Outra prática comum naqueles tempos, que julgo como muito produtiva em nosso desenvolvimento intelectual, eram os concursos Bíblicos, que nos desafiavam ao estudo, compreensão e memorização da Palavra, além, é claro, de estimular a convivência e o fortalecimento dos relacionamentos, onde o bom desempenho de alguns amigos nos estimulava a trabalhar ainda mais, e melhor, nosso próprio conhecimento.

Nunca me esqueci daquela estrutura lógica: Observação, Interpretação e Aplicação. Ao longo de todos esses anos tenho me esforçado para aproveitar as oportunidades para disseminar esta metodologia de estudo e ensino, que apresenta uma estrutura lógica semelhante àquelas empregadas pelos métodos de solução de problema em voga nas empresas.

“Abraão-61” consegue em seu relato abstrair aquilo que influenciou seu desenvolvimento, não somente para atuar como professor da EBD que é, mas também para sua vida profissional.

Destacamos também duas falas de “Maria-54” que revelam esse desenvolvimento pessoal, cognitivo e profissional dizendo que ainda na adolescência começou a lecionar para as crianças na EBD. Como professora que é ela consegue destacar um modelo pedagógico fundamentado na narrativa bíblica que resultou diretamente em sua escolha profissional.

Então, com doze anos comecei meu treinamento na EBD. Uma das professoras com total dedicação me preparou para no próximo ano assumir uma sala na Escola Bíblica Dominical. Aos treze anos me torno professora de uma turma de crianças de 4 anos. Foi uma experiência extraordinária. Meu coração "ardia" em sentimentos de paixão e alegria para ensinar aqueles pequenos que agora sob minha responsabilidade aprendiam das escrituras.

Compreender a ideia do ensino como fonte de ampliação do conhecimento para o mundo dentro da cosmovisão cristã era para mim uma fonte de vida. Sempre gostava de rememorar os relatos de Jesus ensinando as pessoas no evangelho de Marcos (...) Compreender que a função do professor é uma grande arte, e tem como finalidade realizar transformações em pessoas de diversas idades, levando-as meditar sobre seus conceitos e suas práticas. Atribuir práticas pedagógicas de ensino coerentes, inteligentes e dinâmicas. Se posso assim dizer: "conceituar a Pedagogia de Jesus" me levaram enfim chegar ao Curso de Magistério e depois a Universidade.

Considerando as falas de “Maria-54” percebe-se a relação com os valores vivenciais que Frankl (2019) coloca como carregados de sentido. Para ele, “embora se trate de um só momento, pela grandeza de um momento já se

pode medir a grandeza de uma vida”, e mais, “um simples momento pode dar sentido, retrospectivamente, à vida inteira” (FRANKL, 2019, p.113).

Outra fala importante aqui, considerando esses valores vivenciais colocados acima é de “Dorcas-57” que relaciona seu desenvolvimento artístico e profissional às atividades realizadas na EBD. Assim como vimos em “Abraão-61”, aqui também é nítida a forma como “Dorcas-57” consegue ligar suas escolhas profissionais àquilo vivido na EBD.

Aprendi a me expressar em palco, representando personagens bíblicos nos eventos natalinos, que exigiam ensaio. Os versículos decorados eram em coro, declamados nos encerramentos da EBD na frente da igreja. Deste modo, essas memórias foram contribuindo para o meu desenvolvimento e na vida adulta, escolhi a área das Artes (visuais, ilustração, design, cenografia, dramatização, etc).

“Isaque-45” também revela em sua fala de forma bem nítida seu desenvolvimento, inclusive de sua percepção do valor da EBD que a princípio não considerava como algo bom, mas que após certo distanciamento retornou e reconheceu a necessidade de se envolver.

A partir dessa idade não deixei mais de participar da EBD e a EBD passou a ser fundamental no meu desenvolvimento pessoal e profissional, inclusive.

Também me recordo com carinho de muitas discussões boas com a juventude ao tratar de temas atuais a Sociedade, sempre calcados na Palavra e trazendo e firmando a nossa responsabilidade como agentes do reino.

“Tabita-33” coloca o desenvolvimento de sua vida adulta na área profissional e pessoal presente nesse contexto de permanência na EBD dizendo que:

Comecei ali minha introdução à vida adulta de forma firmada na graça de Jesus, com metas reais de carreira, casamento, família. Desse ponto em diante, firme no estudo bíblico, vi então aspectos de minha própria trajetória cristã deslançarem neste período.

“Jacó-29” reconhece que a EBD ajudou em seu desenvolvimento pessoal em relação aos amigos, a família e no trabalho por meio dos ensinamentos que teve:

Eu agradeço sempre a Deus por esses ensinamentos, pois hoje eles me auxiliam a ser uma pessoa melhor para os que estão a minha volta. Isso inclui aos meus amigos, familiares, ao meu patrão e também para Deus.

Esquematizamos no quadro abaixo essas categorias para mostrar sua correspondência com os participantes da pesquisa.

Quadro 7 – Análise de histórias

Nomes	Crises	Pertencimento	Princípios e valores	Memórias afetivas	Desenvolvimento pessoal – cognitivo - profissional
Dorcac-57	x	x		x	x
Abraão-61	x	x	x	x	x
Tabita-33	x	x		x	x
Maria-54	x	x	x	x	x
Isaque – 45	x	x	x	x	x
Jacó– 29	x	x	x	x	x

Fonte: Autor

3.3. ANÁLISE SINTÉTICA DE CADA PARTICIPANTE

Analisar dados não é uma tarefa fácil e Goldenberg (2004) em “A Arte de Pesquisar”, nos tira toda comodidade ao dizer que “Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis.” (GOLDENBERG,

2004, p.13). No entanto, consideramos importante fazer uma análise sintetizada de cada um dos participantes levando em consideração tudo o que já vimos até aqui por meio dos referenciais estudados e de suas experiências com a EBD.

Seguiremos uma ordem de idade, começando com o mais experiente até o de menor idade.

“**Abraão-61**” é quem nos fornece maior quantidade de informações sobre sua experiência com a EBD, possibilitando assim uma análise mais detalhada. Seu relato segue uma ordem lógica desde a infância até o momento atual em que ainda participa como professor. No desenvolvimento de sua experiência com a EBD, foram observados dados como um forte sentimento de pertencimento a esta instituição que em suas palavras “era uma espécie de ampliação da minha pequena família”, algo que justifica toda sua trajetória de empenho nos trabalhos, mesmo mudando de cidades várias vezes.

Sua boa memória nos possibilitou conhecer inclusive métodos utilizados por professores que visavam estimular o crescimento, o conhecimento cultural, a permanência e o envolvimento em projetos sociais vivenciados enquanto participante da EBD. É interessante também sua sinceridade em reconhecer que alguns modelos “já não funcionam”, isso demonstra sua maturidade crítica sobre esse espaço de educação, inclusive observando que algumas mudanças adotadas têm enfraquecido a EBD.

“**Dorcas-57**” também relata de forma bem organizada sua experiência desde a infância dizendo que foi um tempo de aprendizado com histórias encantadoras. Sua fala nos chama a atenção para detalhes do aprendizado por meio de canções que ensinavam o cuidado com o corpo. Suas considerações finais nos mostram como a opção pela área das artes tanto pessoal como profissional teve a influência da EBD, devido aos teatros representando personagens bíblicos. A afetividade no ensino também contribuiu para a escolha de seu agir pedagógico humanista que, segundo ela, procura exercer. Os dados produzidos por ela revelam uma preocupação maior com as

questões cognitivas, afetivas e pedagógicas, o que nos leva à questão de pensar seu olhar hoje, isto é, suas preocupações ao relatar essas memórias são parte do ponto de vista atual e por isso foca nisto ou, por ter tido tais experiências está hoje com esse ponto de vista. É uma questão muito subjetiva, mas não se pode descartar uma nem a outra.

“Maria-54” demonstra muita emoção em seu relato, destacando a importância da EBD em sua vida, por meio do ensino que teve e da experiência como professora que logo na adolescência começou a desempenhar. Sua fala é organizada com exemplos que teve de professores que marcaram sua vida, com o desenvolvimento pessoal e cognitivo, destacando inclusive o conhecido modelo pedagógico de Jesus nas parábolas que contribuiu para sua escolha pelo magistério. Em sua fala, percebem-se com muita nitidez aspectos pessoais de envolvimento e transformação pessoal, por meio do consolo, crescimento espiritual, continuidade e alteridade. Uma larga experiência de vida que tem marcas profundas da EBD.

Como professora que é ainda hoje neste espaço, bem como na vida profissional, seu olhar é bem direcionado para os aspectos pedagógicos e cognitivos, sem deixar de lado a afetividade tão necessária à educação. A questão, porém, que precisamos enfatizar, é sobre seu olhar para a EBD, assim como abordamos no relato anterior, que pode ser entendido a partir de seu lugar hoje como pessoa e profissional, ou entendê-lo como sendo desta forma por causa de sua experiência de vida que foi construída em volta deste espaço de educação.

“Isaque-45” também traz marcas ainda da infância com a EBD por meio das músicas e histórias que incentivavam a leitura, mas sua fala revela também momentos de crise com ensinamentos que em sua percepção eram “legalistas”, algo que o fez afastar da EBD pela falta de conexão dos ensinamentos com a vida prática, em sua fala isso é muito nítido. Seu foco parece recair nessa questão da forma como o ensino era colocado. “Isaque-45” demonstra em seu relato ter um espírito crítico bem aguçado, algo que o fez encontrar o mesmo problema

com professores da classe de adultos, uma vez que deixou a classe correspondente a sua idade.

Conforme ele diz, somente a partir dos 25 anos é que retornou e desde então pôde ver como era fundamental em sua vida pessoal e profissional. A partir de então, começou também a lecionar e se envolver nos trabalhos, levando-o a lamentar o que ele chama de “tempo perdido” fora da EBD. “Isaque-45” termina sua fala fazendo uma defesa da EBD por entender ser um ambiente de formação cultural e social.

“**Tabita-33**” faz um relato mais sucinto, porém com detalhes muito interessantes que revelam seu apreço pela EBD, como por exemplo quando disse que não pretende abrir mão das aulas nas manhãs de domingo. Para ela todo crescimento pessoal e espiritual está relacionado com o aprendizado e compartilhamento de experiências que teve na EBD, mesmo considerando que ainda falha em não conseguir colocar em prática todo ensinamento.

Diferente dos relatos das outras duas mulheres da pesquisa “Tabita-33”, dá maior ênfase ao conteúdo teológico e doutrinário que aprendeu. Parece-nos que a questão doutrinária lhe chama mais a atenção, até mesmo porque em suas memórias não consta como outros detalhes da infância como teatro, músicas etc., que são mencionados nos outros relatos. Por outro lado, diz ela que tem a EBD como base para vida cristã e como ser humano.

A fala de “**Jacó-29**” demonstra uma preocupação maior em aspectos éticos e morais que são evidenciados no cotidiano profissional. Para ele, se envolver com a escola dominical é aprender princípios e valores que possibilitam o melhor convívio com as pessoas. Isto é visto com o exemplo pessoal de seu trabalho, onde pode colocar em prática ensinamentos relativos a modelos presentes na narrativa bíblica, aprendidos na EBD.

Há em seu relato essa preocupação em transpor aquilo que é ensinado para seu viver, mesmo entendendo que a experiência do personagem bíblico, especificamente de José do Egito, não vai se repetir por completo, no entanto ele consegue abstrair os princípios envolvidos nesta narrativa. Destaca-se

ainda em sua fala, sua recordação de infância das professoras “Janeide e Sandrinha” e sua preocupação em transmitir os preceitos bíblicos por meio de estratégias pedagógicas. Sua fala também é sucinta, mas muito pertinente para essa pesquisa pela rica experiência com a EBD.

O sentido da vida para Viktor Frankl está relacionado à missão que cada pessoa tem na vida, diz ele àqueles que o procuram em busca de resposta à falta de sentido: “sua primeira missão e mais imediata está precisamente em descobrir a própria missão e em avançar resolutamente ao encontro do sentido da vida” (FRANKL, 2019, p.125). Essa missão diz respeito, nas palavras do autor, ao seu “dever-ser”, e citando a resposta de Goethe, conhecer a si mesmo se dá pela ação e não necessariamente pela reflexão (FRANKL, 2019, p.125).

No transcorrer das falas, percebemos como se revela a ação de cada participante mediante suas experiências de vida na EBD, que lhes possibilitaram direções para um agir consciente de sua identidade que está sendo construída à medida que passaram pela experiência e deixaram a experiência passar por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse trabalho com a hipótese de que a EBD, como um espaço de educação formal não escolar, proporciona o debate sobre cultura, pertencimento, educação, entre outros elementos que participam na construção da identidade social como sentido para vida. Diante disto, nosso objetivo de forma geral foi investigar a participação da EBD na formação cultural, educacional e nos movimentos identitários dos indivíduos, pensando na identidade como algo que assumimos, mas também nos é atribuída.

Nossos objetivos específicos foram: Descrever a EBD como uma instituição formativa; identificar elementos da EBD que participam dos movimentos identitários do indivíduo; discutir a relação da EBD com a formação cultural do indivíduo; identificar a percepção de indivíduos que passaram pela EBD sobre o sentido que isso teve para suas vidas.

A EBD é um espaço presente nas igrejas de matriz histórica que proporciona aos integrantes, em primeiro lugar, uma formação cristã a partir de um referencial teórico que é a Bíblia Sagrada. Além disso, conforme foi evidenciado ao longo do trabalho, é um espaço de educação escolar não formal com possibilidades educativas diversas. Apesar de estar presente em várias denominações, conforme vimos na revisão bibliográfica, nosso foco recaiu na Igreja Presbiteriana do Brasil que, desde o início de seus trabalhos, adotou-a como espaço de formação.

Consideramos, a partir de nosso referencial teórico, que os processos de constituição identitária se dão sempre na relação eu-outro. Vimos, com Dubar (2006), que os outros nos fazem atribuições com as quais lidamos de modo a incorporarmos como pertenças ou as negarmos, num processo contínuo de negociação. Considerando também o que vimos em Frankl (2019) sobre o sentido da vida podemos concluir de forma satisfatória a participação da EBD na construção da identidade social possibilita a identificação ou apropriação de sentido ao indivíduo.

Berger e Luckmann (2004), por exemplo, nos apontaram que os indivíduos buscam comunidades com as quais se identificam para sentirem-se pertencentes, parte de um todo que lhes dê sentido. Sobre isto tivemos a oportunidade de ver como na relação com a EBD é vivenciado esse sentimento de pertença, através da fala de cada participante em uma pesquisa narrativa.

A leitura sistemática dos dados obtidos na pesquisa nos levou a considerar algumas categorias que foram analisadas em um diálogo com o referencial teórico, possibilitando perceber elementos fundamentais na construção da identidade como potencial sentido para a vida, como valores e princípios; desenvolvimento pessoal, profissional, cognitivo; crises etc.

Os participantes demonstraram em suas falas o que se faz e o que pode ser feito nesse espaço nos possibilitando ver que a EBD realiza, por meio de seu currículo, por intermédio de seus professores, e na relação com o outro, várias atribuições aos seus participantes, em relação a valores e princípios que refletem o caráter cristão nas mais diversas áreas da vida; ao mesmo tempo que o mundo de modo geral faz atribuições diferentes com as quais se desenvolve o processo de constituição da identidade, em uma dinâmica de interiorização dessa identidade.

Esse processo de negociação do sujeito com as diversas atribuições gera nele sentimentos diferentes, algumas vezes conflitos que o fazem tomar consciência de algumas necessidades, ou com aspectos que não deseja assumir como pertenças, como, por exemplo, identificamos relativamente ao apontamento dos participantes relativo às posturas dogmáticas com viés legalistas. Isso também faz parte do espírito crítico que é possibilitado através do diálogo.

Um dos maiores desafios nessa pesquisa foi, como pesquisador que teve como motivação inicial a contribuição da EBD para formação pessoal e acadêmica, buscar olhar para os dados obtidos sem ser por eles direcionado a uma conclusão prévia, isto é, permitir que o indivíduo falasse por si mesmo em sua narrativa enquanto tecia suas considerações de vida na EBD.

Esse desafio nos possibilitou ver conflitos, bem como suscitou uma série de questões com possibilidades a serem respondidas em pesquisas futuras como, por exemplo, a multiplicidade de saberes que integram neste, bem como sua presença direta na vida do indivíduo; os processos interdisciplinares envolvidos no fazer pedagógico de pessoas que por vezes desconhecem teorias ou métodos educativos, mas que, espontaneamente, se dedicam atendendo o que é chamado de vocação.

Não consideramos esgotado o assunto, mas diante do exposto entendemos que nossa hipótese da participação da EBD na formação da identidade do indivíduo, foi confirmada pela análise dos dados produzidos. Assim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o entendimento da complexidade que é a construção da identidade social como um sentido para a vida, e o quanto as experiências que ocorrem em espaços educativos, inclusive não escolares, podem ser significativas para a tomada de consciência desse sentido que cada um constrói para sua vida. De modo especial, como destacamos neste contexto de escola bíblica dominical, onde é experimentada a formação e o desenvolvimento em várias dimensões da vida: dimensões da fé, educação, cultura e religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. B. B.; BARBOSA, R. G. R. **A religião como educação.** Revista De Educação, (2016). PUC-Campinas, 21(1), 127–137. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v21n1a2762>. Acesso em 06 jun.2022.

ALVES, R. **Religião e Repressão.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ANDRADE, C. C. de. **Manual do Superintendente da Escola Dominical.** 1ª ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.

ANDRADE, Fernanda Maria Arruda dos Santos. **Identidade e Religião:** uma análise da construção da identidade religiosa juvenil. 2008. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/291>. Acesso em: 25 ago. 2022.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de, et al. "**Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional.**" Psicologia: ciência e profissão (2009): 228-243. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200003>. Acesso em 06 jun. 2022.

ARANHA, Maria Lúcia de. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ARESI, Albino. **Homem total:** dinamismo, educação, desajuste; e Parapsicologia. 9ª Ed. São Paulo: Editora Loyola, 1975.

ARESI, Albino. **Pode-se educar sem Deus?** São Paulo: Edições Paulinas, 5ª Ed., 1980.

ARMSTRONG, H. **Bases da Educação Cristã.** Tradução de Merval de Souza Rosa. 2ª.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido:** a orientação do homem moderno. Tradução: Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. **Em favor da dúvida:** como ter convicções sem se tornar um fanático. Tradutor: Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2012.

BERLATTO, Odir. **Revista do Curso de Direito.** FSG Caxias do Sul, ano 3, n. 5, jan./jun., 2009.

BERTINATTI, N. **A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. ARACAJU, SE – BRASIL, 2011.

BONDÍA; Larrosa Jorge. "**Notas sobre a experiência e o saber de experiência**". Revista Brasileira de Educação, no. 19, 2002, pp. 20-28. Editorial Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Yc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Yc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt). Acesso em 03 jun.2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 03 jun. 2022.

CARVALHO, C. M. **Marketing para a Escola Dominical**. Como atrair, conquistar e manter alunos na Escola Dominical. Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 3ª edição: 2007

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLIFF, P. B. **The rise and development of the Sunday School movement in England, 1780-1980**. The University of Birmingham. 1982. Disponível em: <http://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.544146>. Acesso em 03 jun. 2022

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **João Calvino 500 anos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à educação cristã**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2013.

COLSON, Charles W.; PEARCEY, Nancy. **E agora como viveremos?** Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 3ª ed., 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro-RJ, 1997.

DEUS, Jean Érique Pereira de. **Educação cristã nas Assembleias de Deus: uma análise da escola dominical a partir da pedagogia de Paulo Freire**. (2018). Disponível em: <http://bdtd.fuv.edu.br:8080/jspui/handle/prefix/268>. Acesso em: 01 jun. 2022.

DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. Tradução: Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim Carlos de Souza. Brasília-DF: Editora Monergismo, 2018.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Tradução de Andrea Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades A Interpretação de uma Mutação.** Tradução: Catarina Matos. Edições Afrontamento, 2006.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia.** Tradução de Maria de Fátima Oliveira do Coutto. Introdução de Welington Paz. São Paulo: Hedra, 2010.

EBY, F. **História da Educação Moderna – Teoria, organização e Práticas Educacionais.** 2.^a ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

FARIA, Sílvia Helena Guttier. **Uma caracterização do conceito de identidade social a partir do paradigma da complexidade.** Dissertação de Mestrado – Marília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152333>. Acesso em 30 ago. 2022

FERREIRA, Patrick Vieira. **Os desafios da escola na constituição da espiritualidade de estudantes do Ensino Médio de escolas da cidade de São Paulo.** Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

FEUERSTEIN, Reuven; et al. **Além da inteligência: aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro.** Tradução: Aline Kaehler. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

FONTES, Felipe. **Educação em Casa, na igreja, na escola.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida. fundamentos da Logoterapia e análise existencial.** Tradução de Alípio Maia de Castro. 7^a ed. - São Paulo: Quadrante, 2019.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus.** Tradução: Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, Paulo. **O papel educativo das igrejas na América Latina.** In: FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura.** Tradução: Flavio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis.** Prefácio de Paulo Freire – 3^a ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de 1^o Enfant, p. 1-11, 2005. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acesso em 03 jun. 2022

GASPAR, A.; et al. **A educação formal e a educação informal em ciências**. Editora UFRJ, p. 171-183, 2002. Disponível em: http://casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf. Acesso em 03 jun. 2022

GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora: Fundamentos Bíblicos-Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã**. Campinas-SP: Ed. Luz Para o Caminho, 1993.

GOHN, G. M. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p.27-38, jan./mar.2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em 03 jun. 2022

GOHN, G. M. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. (Coleções questões da nossa época; v.1). São Paulo: Cortez, 2010.

GOHEEN, Michael W. Goheen. **Introdução à Cosmovisão Cristã**. Vivendo na Intersecção Entre Visão Bíblica e a Contemporânea. Michael W Goheen & Craig G. Bartholomew. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBRONER, R. **A história do pensamento econômico**. Título original: The Wordly Philosophers. São Paulo – SP: Editora Nova Cultural Ltda., 1996.

JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. Extensão. Uberlândia, v. 7, p. 55-66, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao%20/article/viewFile/20390/10860> Acesso em 30 maio 2022.

JEHLE, Paul. **Ensino e discipulado**. Tradução: Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

KAISER JR., Walter. **O cristão e as questões éticas da atualidade**: um guia bíblico para pregação e ensino. Tradução: Haroldo Janzen e Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LEONEL, João. **Mateus, o evangelho**. São Paulo: Paulus, 2013.

MACHADO, Ana Enésia Sampaio. **O papel de Deus na cura segundo Viktor Emil Frankl**. 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2139>. Acesso em 05 jun. 2022.

MARANDINO, M.; et al. **A educação não formal e a divulgação científica**: o que pensa quem faz. Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 2004, p.6. Disponível em <http://www.fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL009.pdf>. Acesso em 30 maio 2022.

MARRA, Cláudio. **A igreja discipuladora**. 2ª.ed. – São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

MATOS, Alderi Souza de. **A caminhada cristã na história**: A Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje. Viçosa, MG: Ultimato, 2005.

MATOS, Alderi Souza de. **Breve história da educação cristã**: dos primórdios ao século 20. FIDES REFORMATATA XIII, Nº 2 (2008): 9-24— São Paulo: Editora Mackenzie. Disponível em: <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/artigos.php>. Acesso em 30 maio 2022.

MORAES, Rute Bertoldo Vieira. **Educação não-formal e o movimento metodista**: uma discussão a partir da escola dominical. (2012). Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/972>. Acesso em 01 jun. 2022

MOURÃO, M. das G. M.; MACIEL, R. C. **Guia de Estudos Gestão dos Processos Formativos em Espaços não Escolares**. Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Montes Claros/MG, 2012.

NASCIMENTO, E. F. V. B. C; BERTINATTI, N. **A Escola Dominical Presbiteriana**: disseminação de saberes e práticas educativas. Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, v. 20, n. 35, 2013.

NUNES, I. B. **O Trabalho Infantil na Revolução Industrial Inglesa**: Uma Contribuição ao Trabalho Docente na Sétima Série. 2009. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1397-8.pdf>, v. 21. Acesso em 30 maio 2022

OLIVETTI, Odayr. **Aprimorando a escola dominical**. São Paulo: Presbiteriana, 1986.

PAIVA, José Geraldo de. **Identidade e Pluralismo: Identidade Religiosa em Adeptos Brasileiros de Novas Religiões Japonesas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jan-Abr, Vol. 20, n. 1, p.22, 2004.

PIAZZI, Pierluigi. **Aprendendo inteligência: Manual de instruções para o cérebro de estudantes em geral.** 3 ed. São Paulo: Aleph, 2014.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. **Identidade docente e formação continuada: um estudo à luz das teorias de Zygmunt Bauman e Claude Dubar.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 101 (2020): 313-336. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i258.4409>. Acesso em 10 jun. 2022.

REIFLER, Hans Ulrich. **Ética dos dez mandamentos, um modelo de ética para os nossos dias.** São Paulo: Vida Nova, 1992. Reimpressão especial 2009.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Tradução: Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTANA, Sonia Carvalho de. **A escola bíblica dominical atuando na prevenção do HIV/AIDS: um estudo a partir da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.** 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2013

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia: o espaço da educação na universidade.** 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>. Acesso em 07 jun. 2022

SILVA, A. G. da. **A escola Dominical.** Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SILVA, Antônio Valbert Alves. **Será essa prática de leitura e escrita relacionada aos conhecimentos da Bíblia?: características e contribuições do letramento religioso na Escola Bíblica Dominical.** (2020). Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9310?show=full>. Acesso em 01 jun. 2022

SILVA, A.P; et al. **Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida.** Revista do Centro Acadêmico de Psicologia da FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224/3816>. Acesso em 06 set. 2022

SILVEIRA, Carlos Henrique da Silva. **Educação Ambiental em Igrejas: a Potencialidade da Escola Bíblica Dominical Para a Formação de Valores Ambientais em Adolescentes.** 2020. Disponível em: URI: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/755>. Acesso em 01 jun. 2022.

SOMMERHALDER, Cinara. **Sentido de vida na fase adulta e velhice.** Psicologia do Desenvolvimento. Psicol. Reflex. Crit. 23 (2). 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200009>. Acesso em 07 set. 2022

SONG, N. S. **Sunday School Revisited:** an alternative to Christian. Education of the Church today? Knox College, University of Toronto, 2010.. Disponível em: <https://religiouseducation.net/wp-content/uploads/2011/10/RIG2.4-Song.pdf>. Acesso em 03 jun. 2022

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. **Quem tem medo dos evangélicos?** Editora Mundo Cristão. Edição do Kindle, 2022.

SOUZA, Cléia R. T. de. **A educação não-formal e a escola aberta.** In: VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas-CIAVE Formação de Professores, 2008.

SOUZA, Silas Luiz de. **Pensamento social e político no protestantismo brasileiro.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

VASCONSELOS Jr.; et al. **Escola bíblica dominical:** um espaço de educação formal ou não formal? III CONEDU Congresso Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20950>. Acesso em 30 maio 2022.

VIEIRA, Marili Moreira da Silva. **Tornar-se professor em uma escola confessional:** um estudo sobre a constituição identitária do professor na perspectiva da dimensão da espiritualidade. Tese (Doutorado). Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

APÊNDICE

A - Roteiro da entrevista Narrativa

Identificação do perfil

- Nome:
- Idade:
- Gênero:
- Formação:
- Quanto tempo participou da Escola Bíblica Dominical, ou se ainda participa?

Pensando em sua experiência de vida e o tempo em que passou pela EBD, escreva livremente, de duas a três laudas, ou grave um áudio contando-nos sobre questões como lembrança mais antiga, lições que marcaram, a relevância ou não de se ter participado, além da possibilidade de a EBD ter contribuído além do processo educacional escolar para sua formação pessoal e profissional.

B. Memórias da infância na escola dominical – Dorcas-57

Durante a minha infância e adolescência, frequentei a EBD em Itapetininga (interior de São Paulo, cidade em que nasci). Minhas recordações são de um tempo de aprendizado das histórias que me encantavam -, refiro-me as do Antigo testamento, cujos heróis e personagens revelavam suas fraquezas, a graça e o juízo de um Deus que eu temia muito. Cresci com a força comunicativa das músicas que diziam: “Cuidado olhinhos o que vê...papai do céu está olhando pra vc, cuidado olhinhos o que vê...” A música advertia-nos a cuidar de todo o corpo: das mãos e dos pés, por exemplo, e com as estrofes repetitivas, a memorização acontecia.

Me lembro de ficar sem entender o que significa “ter Jesus no coração”. Tratava-se de um conceito tão abstrato que somente na minha adolescência consegui compreender. Todavia, o caderno de capa colorida que era utilizado no departamento infantil, me motivava muito. Tinha o desenho de Jesus sentado em uma pedra e muitas crianças em seu entorno e ele carrega em seu colo, uma delas. Essa imagem me transmitia o amor de um Deus que era todo compaixão; o qual pude conhecer e amar tanto.

Essa capa de livro dissipava todo medo que eu tinha de uma punição legalista que também era recorrente no discurso em família. Esse livro, que ficava no armário da professora, era distribuído no momento das atividades manuais. Nele havia propostas pedagógicas, como recortar e colar, colorir, montar dentre outras. Me lembro que eu nem sabia segurar no giz de cera e a professora Raquel, me ajudou com sua ternura a segurar com a mão direita e a colorir.

Lembro-me de que eu estava na fase da “garatuja” – rabisco infantil – E em uma cena bíblica para pintar, eu rabisquei tudo. Ela se agachou ao meu lado e me disse para tentar pintar dentro das linhas. Ela estava se referindo ao contorno da figura. Mencionou que eu poderia fazer colorido. Deu dicas. Hoje ao relembrar penso com carinho desse dia. Eu sendo extremamente tímida,

encontrei no ambiente da escola dominical, um espaço de acolhimento, afeto e um prazer imenso pelo universo das artes visuais e manualidades.

Algo que me marcou muito, foi o fato da escola dominical, ser o espaço para se organizar as celebrações das datas do calendário. Assim, Dia das Mães e em especial o Natal, eram datas que me marcaram muito, pois eu aprendi a “recitar” as poesias que eu memorizava e em público expunha em dedicação a mamãe.

Aprendi a me expressar em palco, representando personagens bíblicos nos eventos natalinos, que exigiam ensaio. Os versículos decorados eram em coro, declamados nos encerramentos da EBD na frente da igreja. Deste modo, essas memórias foram contribuindo para o meu desenvolvimento e na vida adulta, escolhi a área das Artes (visuais, ilustração, design, cenografia, dramatização, etc) para o exercício laboral. Também, optei pelo magistério e ministrei aulas desde a Educação Infantil até a Terceira idade. O ensino afetivo, que marcou minha infância, ministrado pelas professoras queridas da igreja, impregnaram em mim, o gosto pelo modelo de ensino humanista, o qual procuro exercer no meu modo de agir pedagógico hoje.

C. Memórias da escola bíblica dominical – Abraão-61

Meu nome é AdS, tenho 61 anos e sou casado há 35 anos com V....., e temos dois filhos já adultos. Minha formação é Engenharia e a da V.....é Educação Artística. Ambos somos de família evangélica, de forma que frequentamos a igreja desde a infância.

Lembro-me com muito carinho da minha infância e da nossa rotina de, aos domingos pela manhã, participarmos da EBD. Naquela época minha família congregava na IPB Central de São José dos Campos. Não tenho muitas lembranças das aulas de EBD ao longo daqueles primeiros anos, mas ainda é muito nítido aquele ambiente acolhedor, aquela atmosfera que me fazia sentir como que em uma espécie de ampliação da minha pequena família. Aquela

família expandida possuía uma enorme variedade de pessoas, mas transparecia pra nós, crianças, um ambiente sempre agradável e amistoso, contudo envolvido em uma atmosfera mais solene, onde as pessoas, mesmo as mais simples, como as da minha própria família, procuravam estar sempre bem arrumadas. As melhores roupas eram reservadas para a participação na igreja. Aquela ideia modesta de usar o que se tinha de melhor para as coisas de Deus, mais tarde veio a se compor no entendimento de um importante princípio de vida, que é o de procurar fazer sempre o melhor em todas as áreas da vida (“fazer como para o Senhor”). O que, sem dúvida, é uma alavanca poderosa para impulsionar o progresso pessoal.

No final de 1975, mudamos para uma igreja de outro bairro, era a IPB do Jardim Augusta. Ao chegar lá encontrei um ótimo grupo de adolescentes, que era coordenado por um rapaz muito capaz e dedicado, que além de coordenar as atividades da UPA, também era professor dos adolescentes da EBD. Ele desempenhou um papel tremendamente importante naquela fase da minha vida, porque se dispôs a investir, de forma especial, no discipulado de alguns daqueles adolescentes. Não faço ideia de qual era o critério utilizado por ele, para convidar os meninos e meninas, para participarem dos encontros de discipulado que ocorriam aos domingos à tarde. Naqueles encontros o tema principal era o estudo da Bíblia. Lembro-me de havermos utilizado por vários meses uma série de revistas que, se não me falha a memória, tinha o título de “Discipulado Básico”, que lidava com o ensino Bíblico de forma indutiva, possuindo uma complexidade crescente nos assuntos doutrinários que eram tratados. Também éramos estimulados à leitura de livros que inspiravam uma vida de dedicação ao Senhor. Ainda me recordo de alguns títulos lidos naquela época: A cruz e o punhal; Foge, Nick, foge; Refúgio secreto; O homem que Deus usa,

Hoje, olhando para aqueles dias, percebo como a visão daquele prof. de EBD era abrangente, porque além de nos estimular ao aprofundamento nos princípios cristãos, ele também nos desafiava à liderança. Naquela época a abertura da EBD dos adolescentes era feita separadamente do restante da congregação, e ele aproveitava aquele contexto para desafiar, um adolescente

após outro, a preparar um conteúdo a ser compartilhado com o grupo todo, em meio aos cânticos e orações. Aquela foi a primeira vez que me vi frente a frente com um grupo de pessoas e, com as mãos trêmulas pela ansiedade, compartilhar do conteúdo da Bíblia. Outra prática comum naqueles tempos, que julgo como muito produtiva em nosso desenvolvimento intelectual, eram os concursos Bíblicos, que nos desafiavam ao estudo, compreensão e memorização da Palavra, além, é claro, de estimular a convivência e o fortalecimento dos relacionamentos, onde o bom desempenho de alguns amigos nos estimulava a trabalhar ainda mais, e melhor, nosso próprio conhecimento. Aquelas atividades não apenas nos abençoavam espiritualmente como também nos mostravam a importância do conhecimento obtido no dia-a-dia das escolas do estado, onde estudávamos, porque emprestavam significado para a teoria e as tarefas de leitura e interpretação de texto, que as professoras de português nos apresentavam.

Considero aquele período como particularmente importante na minha formação como pessoa, porque reforçou princípios que eu aprendia em casa, e que eram fundamentais para a vida, tais como: honestidade, respeito, dedicação, companheirismo. No contexto da EBD aqueles valores tiveram seus fundamentos conceituais esclarecidos e firmados, aprendemos que a sua origem estava na Palavra de Deus e nos era exemplificado como a sua observância poderia repercutir em coisas boas nas nossas vidas. A prática daqueles princípios morais resultava em progresso pessoal. Creio que não posso afirmar categoricamente, mas me parece que muito das antigas ênfases de ensino na EBD foram caindo no esquecimento, talvez porque as formas não tenham sido atualizadas ao longo do tempo e, os jograis, concursos Bíblicos e peças teatrais, se tornaram desajustadas para o contexto atual, um contexto onde elas seriam de extremo valor, dada à visível queda de qualidade do ensino formal nas escolas públicas, à diminuição do ensino moral e ético pelas famílias e a influência devastadora das mídias sociais na desvalorização e deformação dos princípios judaico-cristãos, que são elementos basilares da nossa cultura.

A fase posterior da minha vida me levou para o sul de Minas Gerais, em busca de uma graduação em engenharia. Naqueles anos de faculdade me envolvi com a Aliança Bíblica Universitária – ABU, e aquele treinamento para adolescentes, que recebi na EBD do Jd Augusta, de imediato deu os seus frutos, porque pude dar a minha contribuição para o Reino, naquele novo e desafiador contexto. Considero importante mencionar este tempo de ABU porque foi em uma capacitação daquele movimento que me foi apresentado o “Estudo Bíblico Indutivo - EBI”, o qual se tornou uma das minhas principais ferramentas de estudo da Palavra e preparação de conteúdo para estudos Bíblicos, tanto nos tempos de faculdade quanto na minha jornada de mais de 30 anos como professor de EBD. Nunca me esqueci daquela estrutura lógica: Observação, Interpretação e Aplicação. Ao longo de todos esses anos tenho me esforçado para aproveitar as oportunidades para disseminar esta metodologia de estudo e ensino, que apresenta uma estrutura lógica semelhante às empregadas pelos métodos de solução de problema em voga nas empresas.

Em 1990, já casado e com dois filhos pequenos, nos mudamos para Campinas e fomos congregar em uma IPI, no bairro Vila Ipê, igreja que havia se iniciado através de uma EBD com crianças vários anos antes. Naquela comunidade tive a oportunidade de atuar como professor de EBD para jovens. O que gostaria de destacar sobre aquele período, é a utilização de algumas metodologias de ensino, que incluía dinâmicas de grupo, como forma de, não apenas propor um novo formato de participação individual nas aulas, mas também propor situações problema, como base para a reflexão na aplicação dos princípios Bíblicos ao cotidiano da vida. Vale destacar que as várias metodologias de ensino utilizadas no contexto da EBD, que apresentam os princípios do Reino aos alunos, sempre contribuíram e continuam contribuindo, para uma compreensão mais ampla da vida, em seus significados e seus desafios, de forma que o crente fiel tem a possibilidade de desenvolver uma base mais firme para enfrentar os desafios cotidianos da existência.

Em julho de 1996, nos mudamos para Itapetininga e fomos congregar na IPB do Jardim Itália, onde atuamos em duas frentes, inicialmente na classe de

adultos da EBD e, em um segundo momento, nos juntamos a um grupo de irmãos que faziam um trabalho de evangelização em um bairro mais afastado da cidade. Ali o trabalho se desenvolvia, basicamente, nos moldes de escola Bíblica, com salas para crianças e adolescentes, além de uns poucos adultos. Menciono este trabalho em função de um exemplo específico sobre o impacto da fé cristã na vida de uma família. Trata-se do caso de uma mãe, ainda jovem, que participava da EBD com seus dois filhos pequenos, e que vivia uma dificuldade tremenda com seu esposo, que estava desempregado e possuía dificuldades com bebida alcoólica, o que acabava gerando violência no lar. O esposo não participava das atividades, mas em ocasiões especiais, como dia dos pais, festividades de natal, ele comparecia, e assim começamos a vê-lo com alguma frequência nas atividades. A esposa se esforçava também em participar das atividades da igreja sede, aos domingos à noite, com as crianças e, lentamente o seu coração foi conquistado e sua vida transformada. Mais tarde o trabalho no bairro foi encerrado, contudo, a família continuou firme na igreja sede. Retornamos para uma visita à igreja do Jd Itália, após uns quinze anos, aproximadamente, e quão especial foi a nossa alegria ao nos encontrarmos com aquela família durante o culto da noite. Fomos recebidos, por aquela mãe, de braços abertos e com um grande sorriso no rosto, alegre por nos reencontrar e feliz com a vida transformada de toda a sua família, e firmes na igreja durante todos aqueles anos.

Em janeiro de 2001 nos mudamos de Itapetininga para Franca, ao norte do estado de São Paulo. Durante os treze anos que passamos na cidade, nossa atuação se deu na classe de adultos da EBD, sendo oito anos na IPB de Franca e outros quatro anos em uma congregação no Parque Progresso. Deste período gostaria apenas de destacar a escola Bíblica realizada em um bairro carente da cidade de Patrocínio Paulista, vizinha à cidade de Franca. Aquele trabalho acontecia às segundas-feiras à noite, e contava apenas com a presença de crianças, onde as mais novas tinham entre 3 e 4 anos de idade, e as mais velhas 12 anos, sendo que as crianças menores eram levadas pelos irmãos mais velhos. O que gostaríamos de destacar aqui é o efeito das atividades de ensino, sobre o comportamento das crianças. O aspecto

comportamental foi o grande desafio do início do trabalho, porque o contexto das famílias era de grande precariedade, tanto no aspecto material quanto na organização e estrutura familiar, isso produzia um comportamento dispersivo e desregrado, o que gerava muito turbulência nas aulas e limitava o processo de aprendizagem. Além do ensino o trabalho provia lanche para as crianças após o término da aula, o que se constituía em um dos fatores preponderantes para que as famílias não somente permitissem a participação das crianças como na verdade a incentivasse. Além de estarem sendo alimentadas elas não estavam dando trabalho em casa. Com o aumento do número de crianças e a diversidade na faixa etária a equipe logo se viu desafiada a subdividir o grupo em diversas salas, e foi neste contexto que minha esposa Vânia, se envolveu no trabalho, assumindo a sala com crianças de 11 e 12 anos. Diante das salas com menor número de crianças, do conteúdo ministrado semanalmente e do esforço no estabelecimento e observação de regras, foi perceptível a melhoria no comportamento das crianças, o que permitia que elas assimilassem mais conteúdo, o que contribuía para aumentar a maturidade, que por sua vez refletia em um melhor comportamento. Infelizmente, diante da dificuldade crescente na manutenção do quadro de professores, o trabalho foi encerrado em 2013, após mais de 10 anos de existência. Como o trabalho não conseguiu evoluir para uma congregação, várias das crianças alcançadas pelo evangelho acabaram por se incorporar a uma igreja, de outra denominação, em um bairro próximo.

Em julho de 2014, retornamos para São José dos Campos e voltamos a congregar na IPB do Jardim Augusta, onde temos servido como professor de adultos na EBD e também no trabalho evangelístico em um bairro carente, denominado Projeto Vida – Vila Guarani, onde minha esposa atua na equipe de louvor e eu no ensino dos adultos, cuja sala, em sua totalidade, é constituída por mulheres.

Comentários Finais

Acredito que estes exemplos sejam suficientes para estabelecer a enorme importância da EBD na vida da igreja evangélica e, de forma particular,

na minha própria vida. Olhando do ponto de vista da sociedade é nítida a sua influência positiva: na conversão de vidas ao Senhor, na continuidade da rica tradição presbiteriana através da formação do caráter do cidadão do Reino, na sua ação fortalecedora das bases da família, na sua influência constante no sentido de uma educação voltada para a integridade, e ainda na sua ação de resistência à deterioração cultural e degradação social, que vemos hoje à nossa volta.

É inegável que a igreja de hoje enfrenta enormes desafios: a secularização da sua liderança e do seu povo, a imaturidade e descompromisso da sua juventude, a deturpação dos fundamentos do pensamento lógico forçado através das batalhas ideológicas, que chega até ela através dos bancos escolares e das mídias sociais.

Nossa EBD, é claro, também está sob pressão. Antigos modelos já não funcionam, algumas opções de mudança já adotadas têm-na enfraquecido ainda mais. Às vezes parece que desacreditamos da Palavra e do poder do Espírito, considerando que o foco no “último modelo do mercado gospel”, é que vai mantê-la viva e produtiva. Contudo, ao olharmos para a realidade à nossa volta e refletirmos com seriedade, somos chamados a retornar aos princípios da Palavra, e ali lembramos o que já sabíamos que o ensino desta palavra debaixo do poder esclarecedor do Espírito, é a única opção de retorno do homem à realidade da vida e ao conhecimento de Deus através da pessoa de seu filho Jesus.

D. A escola bíblica dominical em minha vida – Tabita-33

A Escola Bíblica Dominical está e esteve sempre presente em minha vida. De todas as atividades na igreja, a EBD me traz memórias mais distantes e também importantes. Considero que tenho um bom conhecimento de Bíblia e doutrinas graças às aulas da EBDs que frequentei.

Minha família sempre foi evangélica. Apesar disso, quando nasci, meus pais deixaram de frequentar a igreja. Dessa maneira, não estive na igreja nos meus primeiros anos de vida.

Aos 5 anos, minha mãe decidiu voltar a congregar e passamos a frequentar religiosamente a igreja todas as manhãs de domingo e noites. Foi então que comecei a vivenciar a experiência de estar matriculada a uma EBD. Por muitos anos, inclusive, minha mãe foi superintendente da EBD e isso nos fazia assumir ainda mais o compromisso de estar domingo após domingo nas salas de aula da igreja. Me lembro que eu “faltava” um único domingo no ano, quando minha família fazia uma viagem de férias no verão. Por muitos anos foi assim.

Minha profissão de fé, aos 12 anos, também foi precedida de um período em uma classe específica para novatos na fé aprenderem os princípios essenciais. Falando de aprendizado, por ter iniciado nas salas voltadas a crianças, aprendi muito das histórias bíblicas, desde a criação do mundo até os evangelhos e outras histórias do novo testamento.

Quanto à minha adolescência, após a profissão de fé, tenho poucas lembranças do que me foi ensinado, já que enfrentei junto à igreja que frequentava momentos de turbulência e divisão, que culminaram em uma redução da igreja a pouquíssimos membros. Dessa maneira, não havia outros adolescentes ou crianças para que houvesse aulas específicas para minha idade.

Tive pouca assistência ao longo de minha adolescência, o que eu creio ter sido um dos motivos para que eu trilhasse certos caminhos fora da igreja e fizesse escolhas pouco sábias. Isso me faz concluir que é de grande relevância o acompanhamento próximo em cada momento, pois o período em que enfrentei mais problemas pessoais e sociais foi exatamente essa etapa.

Inconformada com minha própria trajetória e tocada pelo Espírito Santo, aos 19 anos deixei aquela denominação e fui para a Presbiteriana, onde voltei

a reencontrar meus próprios caminhos. Me reencontrei na fé e na graça, para a glória de Jesus, voltei ao caminho que julgo ideal para um cristão.

Foi ali que comecei a me voltar a estudos mais aprofundados em determinadas temáticas. Estudamos a História da Igreja, soteriologia, crescimento na graça, aplicações no dia a dia das histórias de personagens bíblicos e muitos outros temas. Estudos como o da História da Igreja e sobre salvação me marcaram por firmarem em mim uma fé sólida e sem dúvidas nos anos que viriam a seguir. Comecei ali minha introdução à vida adulta de forma firmada na graça de Jesus, com metas reais de carreira, casamento, família.

Desse ponto em diante, firme no estudo bíblico, vi então aspectos de minha própria trajetória cristã deslançarem neste período. Passei a aperfeiçoar pontos da minha fé e certezas sobre o evangelho, entender doutrinas e os propósitos de Deus em minha vida.

Me formei, namorei, casei, tive minha filha... Em todo esse tempo (e mesmo antes), a EBD esteve e está presente em todas as etapas da minha vida. É um lugar onde amo estar, talvez até como continuidade de algo que sou - curiosa, inquieta, interessada por novos aprendizados. Todo meu crescimento, como cristã e como pessoa, passam prazerosamente pelo aprendizado e compartilhamento com amigos e professores, pelas discussões e trocas de e-mails para discutir os pontos estudados.

Ainda me sinto falha em não conseguir levar o estudo para o meu dia a dia... Tento melhorar nisso, mas creio que Deus em sua bondade e misericórdia não me desampara, me permitindo ser conduzida por professores dedicados, empenhados em crescer em conhecimento e graça para me ensinar.

Dessa maneira, enxergo a Escola Bíblica Dominical como a base da minha vida como cristã e como ser humano. Acredito fortemente que diante dos momentos e fases, posso vir a abrir mão de muitas coisas, mas não de estar presente nas salas de aula nas manhãs de domingo.

E. A escola bíblica dominical em minha vida – Maria-54.

Desde a infância foi-me ofertado o privilégio da frequência na Escola Bíblica Dominical. E, desde então cresci nesse ambiente de formação social, moral, espiritual, o que hoje compreendo a contribuição desse processo como fonte do desenvolvimento educacional cristão.

Em especial, na minha vida foi uma prática de estudos que me trouxeram conhecimentos sobre as escrituras e suas práticas no dia a dia. Posso afirmar que como processo de educação e desenvolvimento do ser humano, os professores tiveram especial relevância na tutoria do ensino. Na minha experiência pessoal, estes contribuíram para o desejo, ainda que na adolescência, de me tornar uma professora do ensino básico.

Então, com doze anos comecei meu treinamento na EBD. Uma das professoras com total dedicação me preparou para no próximo ano assumir uma sala na Escola Bíblica Dominical. Aos treze anos me torno professora de uma turma de crianças de 4 anos. Foi uma experiência extraordinária. Meu coração "ardia" em sentimentos de paixão e alegria para ensinar aqueles pequenos que agora sob minha responsabilidade aprendiam das escrituras.

O amor era expresso em cada aula preparada. E a expectativa para chegada do domingo era como uma fonte de energia e inspiração que permeavam meus dias, uma vez que nesse momento da minha vida os dias não corriam muito bem. Dias difíceis esses que me ajudaram ainda mais no fortalecimento da importância da escola bíblica.

Os dias em minha casa eram tensos, meu pai alcoólatra, minha mãe sem suportar a dificuldade que era extrema, resultando em brigas, xingamentos, agressão física, moral de ambas as partes. Eu também passava por abuso emocional e físico. O cenário era horrendo, e sem muito saber como proceder. Ficava sempre calada. Meu refúgio era sempre acreditar que tudo passaria... Me dedicava muito aos estudos e em especial em preparar minhas

aulas de domingo... Uma adolescente que encontrava forças através daquela mulher, a esposa do pastor que havia me tutorado. Minha gratidão a D. Ruth de Almeida que nas circunstâncias da vida movida pelo divino, hoje é minha aluna na classe da melhor idade todos os domingos pela manhã. Só posso afirmar: "Deus é maravilhoso". Apenas para adentro, deixo aqui registrado que, ainda que em circunstâncias bem difíceis, era sempre minha mãe que mantinha a rotina da nossa frequência na igreja.

A dinâmica apresentada no currículo sempre foi uma excelente forma de fazer amigos, visto que fazíamos brincadeiras e jogos e isso contribuía o fortalecer o contato com os colegas. Além disso, o espaço nos permitia estarmos no convívio com pessoas reunidas com o mesmo propósito. Dessa maneira, o resultado era amizade verdadeira, com ajuda mútua, principalmente no sentido do crescimento para o amadurecimento do verdadeiro cristão. Tudo isso foi para mim uma experiência de profunda importância no crescimento espiritual. Os anos se passaram, e cada vez mais eu compreendia que Jesus é sim o maior dos Pedagogos, o Mestre dos mestres.

Então, sobre tudo que lemos e ouvimos, falar de Jesus é impossível demarcar uma separação nítida entre a pregação e o ensino, um está intrínseco no outro. O desejo de ir para a universidade e cursar Pedagogia perscrutava meu coração dia a dia. Compreender a ideia do ensino como fonte de ampliação do conhecimento para o mundo dentro da cosmovisão cristã era para mim uma fonte de vida. Sempre gostava de rememorar os relatos de Jesus ensinando as pessoas no evangelho de Marcos:

[...] Outra vez começou a ensinar à beira do mar. E reuniu-se a ele tão grande multidão que ele entrou num barco e sentou-se nele, sobre o mar; e todo o povo estava em terra junto do mar. Então lhes ensinava muitas coisas por parábolas, e lhes dizia no seu ensino: [...] (Livro de Marcos, Cap. 4, vers. 1 e 2).

Ora, chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos, ao ouvi-lo, se maravilhavam, dizendo: donde lhe vêm estas coisas? E que sabedoria é

esta que lhe é dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? (Livro de Marcos, Cap. 4, vers. 2).

Essas referências comprovam a prática de Jesus ensinando em vários lugares, e sendo constantemente, chamado de “Mestre” ou “Rabino”.

Compreender que a função do professor é uma grande arte, e tem como finalidade realizar transformações em pessoas de diversas idades, levando-as a meditar sobre seus conceitos e suas práticas. Atribuir práticas pedagógicas de ensino coerentes, inteligentes e dinâmicas. Se posso assim dizer: "conceituar a Pedagogia de Jesus" me levaram enfim chegar ao Curso de Magistério e depois a Universidade.

Anos de experiência como professora na EBD trouxeram na vida acadêmica o que sou hoje. Uma mulher, mãe, esposa, professora atuante em todos os segmentos dentro e fora da igreja. Professora efetiva na EBD até os dias atuais.

Reafirmar que a base de todo trabalho pedagógico está vinculada ao amor "no" e "pelo" que fazemos é assumir um compromisso de amabilidade, compaixão, empatia para com outro com tamanha eficácia que legados sejam deixados para que assim o mundo esteja melhor em um futuro eminente.

Vamos assim tecendo a vida com fé e sabedoria para que no final, o dia perfeito, possa ser ofertado e alcançado por muitos. Foi a mim ofertado esse espaço de educação informal que, transformou minha vida em Amor e hoje alcança uma aliança de formalidade eterna.

F. Relatos sobre a escola dominical – Jacó-29

As pessoas que não só frequentam as EBDs, mas também participam com interesses dos estudos bíblicos, aprendem um conjunto de princípios e valores contidos na ética cristã, e que se seguidos, auxiliam no convívio com

nosso próximo e nos fazem procurar ser pessoas melhores em tudo que fazemos. Estes estudos nos empenham a sermos servos fiéis independente da situação, realizando todos os nossos feitos para glória de Deus e não para reconhecimento humano (Colossenses 3:23).

Quando fazemos isso, procuramos executar tudo da melhor forma, para que Deus se agrade da nossa conduta como imitadores de Cristo. Sabemos que não é isso que nos traz a salvação, mas uma boa conduta é indicação da mudança gerada por Cristo em minha vida. E dar o testemunho vai de contraponto com aquilo que Ele quer que façamos aqui na terra (ser suas testemunhas).

Tanto no novo, quanto no antigo testamento, encontramos várias narrativas de pessoas que passaram por diversos problemas, de pessoas que tiveram uma conduta exemplar, e outras às vezes nem tanto. Mas em todas as narrativas, conseguimos extrair um princípio moral que nos auxilia a ser pessoas melhores em nossa sociedade.

O exemplo de integridade de José contado em uma das classes de EBDs que fui aluno me mostrou o quanto pode ser dolorido manter a integridade no meio em que estamos vivendo hoje. José sofreu muito por tentar manter sua integridade. Foi até preso por um crime que não cometeu. Mas em momento nenhum ele deixou de fazer o que era certo.

Recentemente (2019) fui transferido para trabalhar na KSB de Várzea Paulista em um escritório, na parte de assistência técnica, lidando com garantia do produto, junto ao cliente final. Muitas das vezes, quando o telefone dos meus colegas de trabalho começava a tocar, eles pediam para eu puxar a ligação deles e dizer aos seus clientes que eles não estavam... E aqui, nós entramos em um ponto bem delicado. Pois falar de integridade é fácil, até que a sua seja testada.

Os ensinamentos que tivemos nas EBDs, mostram que a nossa conduta deve ser irrepreensível, como foi a de José. Poderia não haver nenhum humano naquela sala, e com certeza a mulher de Potifar deveria ser muito bela. Mas a Pessoa mais importante, e que José tinha total temor, estava, que era Deus.

E nestes momentos, eu sabia que os clientes dos meus amigos não estavam presentes, então, se eu atendesse e falasse que eles não estavam, os clientes não teriam ciência de que se tratava de uma mentira. Mas a Pessoa que eu tenho total temor saberia, que é Deus. Quando falamos de integridade, não há exceções. Não tem como ser integro parcialmente. Ou o indivíduo é integro, ou ele não é.

Por isso, no começo fiquei mal-visto dentro da empresa, por ser o “chatão”. Mas isso não durou muito tempo. Hoje eles compreendem meu posicionamento e também respeitam.

Talvez a nossa vida não tenha uma reviravolta como na história de José. Saiu de prisioneiro para ser governador do Egito. Mas quem é cristão, ao saber que em alguns pequenos feitos conseguimos agradar à Deus, não tem preço. Os nossos desvios devem acontecer por acidente, e não como algo premeditado.

Nunca me esquecerei das tias Janeide e Sandrinha dentro da classe. Elas me deram minha primeira bíblia sagrada, contendo o antigo e o novo testamento e sempre incentivaram a mim e a meus coleguinhas de classe, a não deixar de buscar as coisas que vem do alto. Sempre tentavam incentivar todos os alunos a continuarem aprendendo, a cada dia, um pouco mais dos preceitos do Senhor. Para isso elas sempre bolavam estratégias envolvendo prêmios com chocolates (que toda criança ama e faz qualquer coisa para ter, inclusive decorar versículos e estudar as lições) e compondo musiquinhas, que ajudavam e muito a guardar as histórias em nossas cabeças.

Eu agradeço sempre a Deus por esses ensinamentos, pois hoje eles me auxiliam a ser uma pessoa melhor para os que estão a minha volta. Isso inclui aos meus amigos, familiares, ao meu patrão e também para Deus.

G. Relatos sobre a Escola Dominical – Isaíe-45

Nasci em 1977, numa família cristã, e passei a frequentar a EBD desde quando meus pais começaram a me levar ainda bebê. Por óbvio, não tenho muitas lembranças antes de completar meus 6, 7 anos de vida. Mas daquilo que a minha memória me permite alcançar, são várias as recordações.

Dentre algumas dessas recordações, me lembro das “tias” ensinando as músicas, contando histórias, incentivando a leitura. Aliás, tamanho incentivo me fez querer sempre participar daqueles concursos de quem abria a Bíblia de forma mais rápida e encontrava o livro, capítulo e versículo que a “tia” mencionou. Era uma competição bem esperada por todos e bem legal!

Também me recordo de participações em teatros, musicais, e aí a EBD fazia uma integração com a UCP, mas, na prática, eram as mesmas crianças e as mesmas “tias”. O que não me recordo é de ter sido ensinado por um “tio” durante a minha infância. Claro, estou me referindo ao ambiente de EBD.

Vivi essa fase intensa com a EBD, durante a minha infância, até os 9 anos de idade, quando então me mudei para outra cidade e Estado. A partir dessa mudança passei a ter dificuldades de adaptação num todo, inclusive, com relação à EBD num lugar totalmente desconhecido. Ainda assim me recordo de alguns poucos fatos dessa pré-adolescência, vividos numa Igreja onde fiquei apenas por cinco anos.

Me lembro do esforço das “tias” em me convencerem a frequentar a EBD, porém, vivi uma fase de muitas ausências da EBD até mesmo pelo fato de ser um fã incondicional do Ayrton Senna, então acabava conseguindo convencer meus pais nas manhãs de domingo que ir triste para a EBD não estava me fazendo bem, que lá eu não tinha amigos etc., e que o Ayrton Senna me deixava mais feliz (idos de 1989/1992), e por um bom tempo foi assim.

Depois desses cinco anos, já na adolescência, minha família passou a frequentar uma outra IPB na mesma cidade, muito em razão da falta de adaptação (minha e das minhas irmãs) naquela comunidade. Já nessa nova Igreja passei a frequentar a classe de adolescentes (EBD) e fui me deparando

com ensinamentos muito legalistas, muito religiosos, nada práticos e sem conexão com a vida real para aquela fase.

Isso me fez desanimar bastante e acabou que por decisão minha me afastei da Igreja. Aliás, das vezes que eu ainda ia, acabava ficando na sala dos adultos com a minha mãe, muito mais para um cumprimento protocolar com a família do que por vontade própria. Também na sala dos adultos, de igual modo me recordo de ensinamentos legalistas, religiosos e sem conexão com a vida naquela fase da minha vida – me refiro à adolescência e, depois, início da juventude.

Acabou que esse afastamento e presenças esporádicas duraram até os meus 25 anos de vida, quando, também por outros motivos, acabei retornando ao convívio frequente da Igreja. Tal fato coincidiu, inclusive, com a mudança de pastor, pois era sobre o anterior – e também a outro anterior a esse - que eu me referia há pouco ao legalismo, religiosidade e desconexão com a vida “prática”.

A partir dessa idade não deixei mais de participar da EBD e a EBD passou a ser fundamental no meu desenvolvimento pessoal e profissional, inclusive.

Não muito tempo depois, até por ter tido um alto envolvimento muito grande com a juventude (UMP), fui convidado a dar aulas para os jovens. Aceitei o desafio e esse desafio me possibilitou muitos aprendizados. Foi a partir daí que comecei a ter mais contato com o evangelho da graça e a poder aprender e compartilhar com os mais jovens sobre temas bíblicos mais práticos no sentido de se conectarem com a fase da vida pela qual passávamos. Uma troca de experiências incrível que muito me ajudou na formação de quem sou hoje – e ainda tenho muito a aprender! -, tanto no lado pessoal, como profissional, em que pese acreditar que não dá para dissociar um do outro.

Me lembro com muito carinho de quando pudemos estudar o livro de Provérbios, depois Eclesiastes, quanto discussão boa, quantos momentos marcantes na vida daqueles que frequentaram a EBD e que são lembradas

numa roda de amigos até os dias de hoje. Também me recordo com carinho de muitas discussões boas com a juventude ao tratar de temas atuais a Sociedade, sempre calcados na Palavra e trazendo e firmando a nossa responsabilidade como agentes do reino.

Confesso que passei a ver a EBD como um ambiente de formação cultural, formação da identidade social, somente e tão somente a partir dessa última fase, e confesso que lamento pelo “tempo perdido” quando ainda não enxergávamos dessa forma lá atrás, mas não culpo os mais antigos – me refiro a eles com carinho - de jeito nenhum, até pelo fato deles terem passado para os mais novos da forma como aprenderam, mas fico feliz com a contribuição que muitos deram para que o espaço da EBD passasse a ser um espaço de debate, de compartilhamento de ideias, de muito aprendizado e lições que se aplicam a tudo na vida, seja onde estiver e com quem estiver, a tudo, de forma prática, como, particularmente, sempre desejei.

Ainda hoje me incomoda quando vejo alguns relatos de igrejas que não entenderam a importância da EBD como ambiente de formação cultural e de identidade pessoal e social, por isso ainda hoje o meu coração se alegra em poder continuar servindo o reino como professor de uma sala de jovens na minha comunidade, crendo que da mesma forma como a EBD foi – e é! – importante na minha vida, principalmente a partir da minha juventude, possa também ser importante para eles.
